

OLÍMPICO

PRÉMIO EXCELÊNCIA DESPORTIVA 2023
INÊS BARROS E FERNANDO PIMENTA



SÉRIE ANUAL 2023



LISBOA R. Escola Politécnica, 137 • R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A
• Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
WWW.INCM.PT moeda.apoiocliente@incm.pt

CASA DA MOEDA



JOSÉ AFONSO

MÚSICOS PORTUGUESES

AUTOR FRANCISCO PROVIDÊNCIA

MOEDA DE COLEÇÃO COMEMORATIVA



LISBOA R. Escola Politécnica, 137 • R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A
• Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
WWW.INCM.PT moeda.apoiocliente@incm.pt

CASA DA MOEDA



PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Comité Olímpico de Portugal
NIPC 501 498 958

SEDE E REDAÇÃO

Travessa da Memória, 36. 1300-403 Lisboa
Tel.: 21 361 72 60 Fax: 21 363 69 67
correio@comiteolimpicoportugal.pt
www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino

DIRETOR EXECUTIVO António Varela

TEXTOS Ana Silva, Catarina Monteiro, Cristina Almeida, Gonçalo Silva, Joana Gonçalves, Joaquim Videira, Marco Alves, Maria Machado, Pedro Flávio, Pedro Roque, Pedro Sequeira Ribeiro, Rita Nunes, Sofia Macedo, Sandra Mendes e Tiago Viegas

FOTOS E IMAGENS Adelino Meireles/Global Imagens, Câmara Municipal de Cascais, Câmara Municipal de Portimão, Comité Organizador do FOJE de inverno Friuli-Venezia Giulia, Comité Organizador do FOJE de verão Maribor, Comité Organizador dos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska, Comité Organizador dos Jogos do Mediterrâneo de Praia Heraklion, Marcelo Rodrigues/COP, Francisco Paraíso/ShootHappens, Luca Tedeschi, Lusa, Paris 2024 e Nacho Casares

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel/ Atelier Gráficos à Lapa

IMPRESSÃO Imprensa Nacional Casa da Moeda - Av. António José de Almeida, 1000-042 Lisboa,

TIRAGEM 1 000 exemplares

PERIODICIDADE Trimestral

NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203

DEPÓSITO LEGAL 9083/95

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Estatuto editorial disponível em <https://comiteolimpicoportugal.pt/documentos/publicacoes/>



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL

SUMÁRIO

OS PRÉMIOS

Prémio Excelência Desportiva

Fernando Pimenta 6
Inês Barros 12

Prémio Juventude

Francisca Veselko 18
João Nuno Batista 22

Prémio Mérito Desportivo

Gabriel Mendes 26
Pedro Brandão 28

Troféu Olímpico

Clube Náutico de Ponte de Lima 29

Prémio Investigação Científica

José António Maia 30

Prémio Educação Olímpica

Gustavo Marcos 31

Prémio Prestígio

Spyros Capralos 32

Ordem Olímpica Nacional

Vasco Lynce 34

Prémio Campeões do Mundo

Messias Baptista 40
João Ribeiro 40
Fernando Pimenta 41
Lúri Leitão 41

AS MISSÕES

Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023 42
Jogos do Mediterrâneo de Praia Heraklion 2023 58
FOJE de verão Maribor 66
FOJE de inverno Friuli-Venezia Giulia 2022 72

OS PROJETOS E OS PROGRAMAS

76

PARIS 2024

90

NÃO É UM FAVOR É UMA OBRIGAÇÃO

Numa política pública do desporto, apoiar financeiramente as organizações desportivas - Federações, Clubes e outras entidades promotoras do desporto -, não é um favor, é uma obrigação.

Essa obrigação decorre das normas fundamentais às quais as políticas públicas estão sujeitas e, no caso português, desde logo da Constituição da República, a qual atribui competências claras ao Estado em cooperação com as organizações desportivas. Se procurarmos evidências sobre o que ocorre nos restantes países europeus verificamos que assim também o é, e que a componente financeira associada à política pública é um traço comum a todas.

E se estendermos essa comparação aos valores do financiamento público constatamos que, no que respeita às autarquias locais, elas estão em linha com aquilo que é a média europeia; já no que respeita ao financiamento público central ele é cerca de um terço menos que a média europeia.

Em Portugal, por razões histórico-culturais, que basicamente se iniciaram ainda na 1.ª República, o financiamento público ao Desporto foi sempre sentido (infelizmente também por muitas organizações desportivas), não como o cumprimento de uma obrigação das políticas públicas, mas como uma atenção que, se não for cumprida, não é entendida como uma fuga às responsabilidades.

Esta omissão de responsabilidades teve um aliado de peso em muitos setores da opinião pública, através do mecanismo ideológico, amplamente circulado, designado por *subsidiodependência*. Se avaliarmos aquilo que se passa em outros setores da chamada economia social, claramente dependentes do financiamento público em valores bem superiores ao que ocorre com o desporto, não existe um ónus crítico tão pesado e um escrutínio tão intenso.

O conceito está carregado de um sentido pejorativo, mesmo sabendo-se que uma parte significativa dos recursos financeiros públicos transferidos alimentam, no caso português, a própria máquina fiscal do Estado numa dimensão bem acima dos 30%. É uma espécie de economia circular, em que parte do que é entregue às organizações desportivas regressa ao Estado através do cumprimento de várias obrigações fiscais.

O Estado, ao financiar a atividade desportiva e a recuperar, sobre a forma de impostos, uma parte do que financia, simultaneamente, incorpora na economia do desporto um valor que se vai repercutir nas economias conexas com a atividade desportiva e também aí recupera, sobretudo das empresas, mas também das federações desportivas, um novo valor/receita fiscal.

Como o valor criado nas organizações desportivas tem incorporado, maioritariamente, uma forte componente de trabalho voluntário, ou seja, não remunerado, o Estado recolhe efetivamente da atividade desportiva uma renda significativa pelo que o grande beneficiado da *subsidiodependência* é o próprio Estado.

Nem faz sentido alegar que uma modalidade, na sua vertente profissional, tem uma atividade que se classifica como indústria e, essa sim, tem de ser tratada como qualquer outra atividade económica. Mas esse é um caso isolado na vastidão do que é a estrutura associativa voluntária do desporto português.

Acresce que os Jogos Sociais do Estado, em particular aqueles que assentam em prognósticos de competições desportivas, historicamente, tiveram na Europa o propósito de assegurar o "justo retorno" ao universo desportivo das receitas geradas por uma atividade - as apostas - assente nas competições e eventos organizados pelos organismos desportivos, com distribuição solidária por modalidades e níveis competitivos menos desenvolvidos. Porém, em Portugal, um amplo leque de áreas de atividades de apoio do Estado beneficia destas receitas embora para elas não contribuindo.



JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Presidente do Comité Olímpico de Portugal

“O Estado recolhe efetivamente da atividade desportiva uma renda significativa pelo que o grande beneficiado da *subsidiodependência* é o próprio Estado”

Ano após ano sobe ao pódio em todas as competições em que participa e ano após ano diz que o melhor ainda está para vir. Em 2023, em nove dias somou três títulos mundiais e no total esta época rendeu-lhe mais 13 medalhas, para um total acumulado de 136 pódios internacionais

FERNANDO PIMENTA

**“Tenho vindo a demonstrar
que no meu rótulo
não há validade”**

Fernando Pimenta é um nome incontornável no atual panorama desportivo nacional. Quando conquistou a medalha de prata na prova de K2 1000 metros com Emanuel Silva nos Jogos Olímpicos Londres 2012 podia ser ainda um desconhecido para alguns, mas a verdade é que nunca mais saiu debaixo dos holofotes, muito devido à invejável carreira que desenvolveu na Canoagem. O seu percurso internacional começa em 2005 quando foi medalha de ouro em K4 500 metros no Festival Olímpico da Juventude Europeia, em Lignano Sabbiadoro (Itália). Depois de brilhar nos escalões de juniores e sub-23, afirmou o seu potencial já como sénior. Coleciona títulos em Europeus e Mundiais, de velocidade e de maratona, para além de duas medalhas Olímpicas - à prata em 2012 juntou o bronze em K1 1000 metros em Tóquio 2020. Neste ano somou mais 13 pódios, três deles títulos mundiais, e garantiu a abertura de uma vaga em K1 1000 metros para Portugal nos Jogos Olímpicos Paris 2024. É o vencedor do Prémio Excelência Desportiva 2023 do COP, mas em casa já acumula esta mesma distinção nos anos de 2012, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2021; foi ainda Prémio Juventude em 2007 e recebeu o Prémio Prestígio em 2022.





“Com três títulos mundiais no período de nove dias e mais uma prata e um bronze, sem dúvida que foi uma época fantástica, em que só posso estar grato por aquilo que conquistei, porque foi extremamente exigente”

“Com três títulos mundiais no período de nove dias e mais uma prata e um bronze, sem dúvida que foi uma época fantástica, em que só posso estar grato por aquilo que conquistei, porque foi extremamente exigente”. É assim que Fernando Pimenta resume nas suas próprias palavras a época que terminou, em especial os dias entre final de agosto e início de setembro.

Uma época mundialmente perfeita

Primeiro, no final de agosto, o Campeonato do Mundo de velocidade, em Duisburg, Alemanha. Fernando Pimenta conquistou três medalhas, cada uma de sua cor. Bronze em K1 500 metros, prata em K1 5000 metros e o ouro em K1 1000 metros. Com o ouro veio também a abertura de uma quota nacional para a distância nos próximos Jogos Olímpicos. Sendo uma quota atribuída ao País, será ainda necessário conhecer a convocatória nominal da Federação Portuguesa de Canoagem, mas Paris poderão ser os quartos Jogos Olímpicos para Fernando Pimenta, que já competiu em Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020.

Depois, no início de setembro, o Campeonato do Mundo de Maratona, em Vejlen, Dinamarca. Se em 2022 Fernando Pimenta competiu em Ponte de Lima, em casa, para regressar a este tipo de competição, este ano apresentou-se com o objetivo de renovar títulos e cumpriu - voltou a ser ouro na prova curta individual e depois em K2, novamente com José Ramalho.

Aos pódios nos Mundiais juntou ainda a prata em K1 500 metros nos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023 (competição que funcionou também como Campeonato da Europa); ouro (K1 500 metros), prata (K1 1000 metros) e bronze (K2 misto 500 metros com Teresa Portela) na Taça do Mundo de Szeged, na Hungria; e ainda ouro em K2 misto 500 metros, com Teresa Portela, e prata em K1 1000 metros, K1 500 metros e K1 5000 metros, todas estas na Taça do Mundo de Poznan, na Polónia.

Foi uma época com 13 medalhas, para alguém que nasceu no dia 13, e que por isso não vê neste número qualquer azar. “No ano passado em termos de Taças do Mundo foi melhor”, confessa Pimenta. “Mas depois nos Mundiais, as últimas provas, as mais importantes da época, sem dúvida que esta foi uma época melhor e mais recheada, com mais um título mundial”.

Quando recorda a sua participação nos Jogos Europeus deste ano, Fernando Pimenta considera que ficou “extremamente feliz” por chegar à quinta medalha nesta competição, conseguindo “mais uma medalha para a comitiva portuguesa, mas como é óbvio gostava de ter conseguido aquela corzinha [ouro] que ainda me falta em Jogos Europeus”.

Um dos grandes adversários esta época, que o travou tanto nas Taças do Mundo como nos Jogos Europeus, foi o húngaro Ádám Varga, segundo classificado em K1 1000 metros nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020. Esta rivalidade dentro de água marcou a época e apimentou a competição. “Ele este ano levou a melhor sobre mim na maioria das competições que disputámos. Ele venceu as duas Taças do Mundo, eu fui segundo. Nos Jogos Europeus ele venceu, eu fui segundo outra vez. E quando já o mundo da canoagem internacional achava que era impossível bater o Varga este ano, acabei por conseguir fazê-lo no Mundial, no apuramento do K1 1000 metros”. Esta resiliência foi compensada com a vitória sobre o húngaro, e todos os outros adversários, no Campeonato do Mundo; foi no “momento certo”, mas “o mais importante é no próximo em ano, em 2024, conseguir fazê-lo”.

FERNANDO PIMENTA

Aos 34 anos, o canoísta português alimenta-se de vitórias e assume que se sente bem. “Apesar de já me terem considerado velhote, e de já ter passado a data de validade, tenho vindo a demonstrar que no meu rótulo não há validade. Está sim a consistência de anos e anos de alto nível e de grandes resultados e este foi mais um ano fantástico, em que conseguimos fazer uma época brilhante”.

O poder da família

O olhar de Fernando Pimenta é mais forte quando fala da família. Com dois filhos pequenos, assume que o tempo que passa longe da família é difícil e que a filha, quase a completar três anos, é quem mais sente as suas ausências. “O que mais lhe custa a ela e a mim é estarmos longe porque temos uma ligação bastante forte. Espero que futuramente ela perceba”. Por agora, Margarida sabe que “o trabalho do pai é andar no barquinho” e só daqui a uns tempos Santiago, o filho mais novo, que ainda não completou um ano, irá acompanhar a irmã nas inquietações de ter o pai longe durante longos períodos.

A família é o grande suporte de qualquer atleta e para Fernando Pimenta as coisas não são diferentes. O tempo que passa em treinos, estágios e competições obriga-o a abdicar de alguns momentos sociais mas tudo faz parte do que denomina de “processo”. Admite que tem “as pessoas certas” ao lado, “senão, se calhar, já não fazia sentido”, e que é também por elas que ganha força para competir e ganhar medalhas. “O tempo que passo longe deles e em que abdicó deles faz com as medalhas sejam a coisa mais supérflua que existe à face da Terra, é só um pedaço de metal. Mas quando chego a casa e vejo que a minha família está orgulhosa e radiante com elas, então aí já vale a pena”.

Sendo uma cara conhecida dos portugueses, Fernando Pimenta tem situações em que é abordado na rua, algo que diz ser “muito giro”. Agradece o respeito que têm por ele e pela família, por exemplo quando estão de férias, mas sente que as pessoas “ficam a olhar, outras perguntam se sou mesmo eu, pedem para tirar fotografias ou autógrafos. Tem sido uma experiência fantástica”, considera. Acrescenta que nota que os portugueses estão “cada vez mais ligados ao desporto e às modalidades” e fica “muito feliz” por ser um dos atletas mais reconhecidos, tenta “ser consensual”, pagando o carinho com que é tratado com resultados.

Um futuro dirigente?

Com uma carreira recheada de sucessos, e depois de anos ao mais alto nível, Fernando Pimenta assume que toma sempre o partido dos atletas, de todas as modalidades, porque conhece os desafios por que todos passam. Pensa que “muitas das vezes, em lutas internas, os maiores adversários são aqueles que estão à nossa volta, em vez de serem os atletas de outros países, de outras delegações”. É por isso que quer “lutar para que haja melhores condições para as futuras gerações e para aqueles que ainda estão na luta por resultados de excelência para Portugal”.

Vê-se como dirigente, um dia, “a tentar procurar apoios, condições, melhorar naquilo que eu conseguir o sistema desportivo português, nas modalidades, para que haja maior reconhecimento para atletas e treinadores”. Para já afasta a hipótese de enveredar por um futuro como treinador porque quer deixar de lado a rotina que tem habitualmente, com períodos de estágio e competição longe da família. Quer “contribuir com algum



“Muitas das vezes, em lutas internas, os maiores adversários são aqueles que estão à nossa volta, em vez de serem os atletas de outros países, de outras delegações”

conhecimento” que vai adquirindo, “não só em Portugal, mas também em termos internacionais”, ao mesmo tempo que deseja acompanhar os filhos, “ir às suas festas da escola, estar presente mais vezes”.

A presença em mais um palco de sonhos

O Estádio Náutico Vaires-sur-Marne, a cerca de 30 quilómetros de Paris, é o palco do próximo sonho de Fernando Pimenta – os Jogos Olímpicos Paris 2024. Com as provas de Canoagem agendadas para os dias 6 a 10 de agosto, Fernando Pimenta já sabe o que é estar num pódio Olímpico, mas mantém a fagulha elevada para aquela que poderá ser a sua quarta presença na competição. “O que eu quero que aconteça é conseguir uma terceira medalha”. Está consciente do trabalho que tem pela frente, para conseguir uma boa forma física e depois... “quero lutar pelos bons resultados”. Até Paris só há uma estratégia a aplicar, o trabalho. “Quero trabalhar, trabalhar bem, trabalhar descansado, tranquilo, feliz, desfrutar deste processo e deste caminho mais que nunca, porque é isso que eu tenho conseguido fazer nas últimas épocas e isso leva-nos a uma forma diferente de sentir a competição”.

A competição em solo europeu tem a aliciante de contar, previsivelmente, com uma grande falange de apoio aos atletas por-

tugueses. “Tenho a noção que em Paris vamos ver muitas bandeiras de Portugal ao alto e isso sem dúvida vai ser uma força fantástica”. A comunidade de portugueses em França será um ponto de apoio para a Equipa Portugal, mas também a família de Fernando Pimenta está a fazer planos para acompanhar a competição ao vivo. “Espero conseguir ter grande parte da minha família presente e alguns amigos também”. A logística já está a ser preparada e o apoio extra nas bancadas pode ser determinante. Ter os seus mais próximos a desfrutar tão de perto do seu caminho, do final do seu processo de tantos anos e que implicou dedicação de todas as partes, “vai ser giro”.

Para os cerca de nove meses que o separam da presença no maior palco desportivo do Mundo, Fernando Pimenta já traçou um plano. Vai ter “muito trabalho, muitos quilómetros, muito lactato. Muitas vezes a perguntar-me se é isto realmente que eu quero fazer e se estou a fazer bem”. O caminho solitário de um campeão traça-se nos detalhes, “a profissão de atleta de alta competição é 24 sobre 24 horas porque tudo conta, desde a alimentação, ao tempo de treino, ao tempo de descanso, ao tempo de sono, ou seja, tudo aquilo que nós fazemos no nosso dia-a-dia é alta competição”. No caminho para Paris, para mais um palco de sonhos, Fernando Pimenta antevê um ciclo muito duro, mas no final... a recompensa espera por quem trabalha.

Se não viu a final do Campeonato da Europa de Tiro com Armas de Caça deste ano, não sabe o que perdeu. Título europeu, quota nacional para Paris 2024 e nenhum prato falhado nos últimos 15. Melhor seria impossível para a atiradora da Equipa Portugal

INÊS BARROS

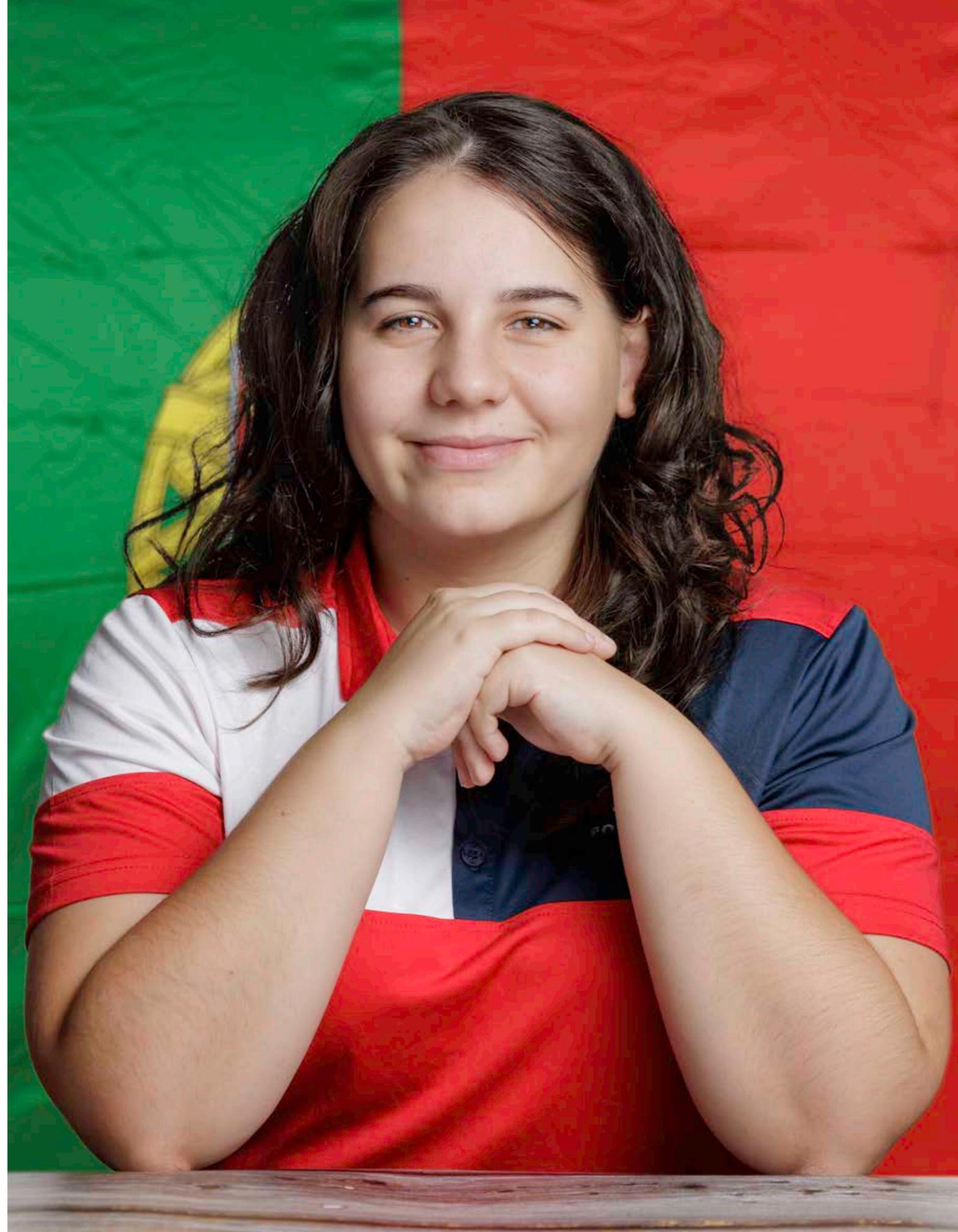
“Ainda acho difícil acreditar que faço parte do grupo de atletas que vai aos Jogos Olímpicos”

Tímida, discreta, mas cheia de simpatia e boa-disposição, Inês Barros chegou muito jovem às competições internacionais de Tiro com Armas de Caça e conquistou, passo-a-passo, ao seu ritmo, o lugar que é dela por direito. Quem a olhava com desconfiança agora reconhece o seu valor, os ídolos são agora as suas adversárias. No ano de 2023, Inês Barros conquistou quatro medalhas de ouro nas competições de Tiro com Armas de Caça - na Taça do Mundo do Chipre em equipas mistas, na Taça do Mundo do Egito na prova individual, no Campeonato do Mundo no Azerbaijão em equipas mistas e na prova individual do Campeonato da Europa na Croácia, resultado este que permitiu abrir a quota para Portugal participar pela primeira vez na competição feminina de Trap, nos próximos Jogos Olímpicos Paris 2024.

Com esta soma de resultados, o COP decidiu atribuir-lhe o Prémio Excelência Desportiva 2023, sendo a primeira mulher do Tiro com Armas de Caça a receber esta distinção, depois de Armando Marques em 1974, Luís Tinoco em 1977 (menção honrosa) e Luís Ramos em 1987, os três com o prémio ainda denominado “Medalha Olímpica Nobre Guedes”.

O Tiro com Armas de Caça não é só para meninos

Esta história começa a contar-se pelo início. Maria Inês Coelho de Barros nasceu a 18 de julho de 2001 e um mês depois fez a sua primeira viagem de avião, para os Açores, para acompanhar o pai, que iria participar numa prova de Tiro. Aliás, o pai é a figura que promove em Inês Barros o gosto por disparar, pelo contacto com a natureza, por ter começado a competir e por ela ser atualmente um dos nomes no cenário internacional do Tiro com Armas de Caça que mais esperanças dá para o futuro.



De acompanhar o pai, até começar a disparar foi um tirinho! Reconhece que a representação feminina na modalidade ainda não é muito grande, mas “já está a melhorar aos poucos e estamos a ter mais mulheres a atirar. Eu espero bem que essa imagem de desporto masculino do tiro mude, porque é um desporto para todos”. Para a jovem de 22 anos o ponto mais forte da modalidade é o contacto com a natureza, mas o que a desafia é mesmo ter de perseguir um alvo em movimento. “A parte de dar tiros, essa foi a que gostei mais, o alvo estava a mexer, eu tinha de ir atrás dele”.

Tirou a licença em 2016 e confessa que nesse ano “atirava a tudo, tudo aquilo a que eu pudesse e tivesse tempo eu ia, trap 5, trap, fosso universal, fosso olímpico...”. Com tanto cartucho disparado, Inês Barros começou a chamar a atenção pelo seu talento e no segundo ano de licença mudou de estratégia. “Tive a noção que realmente se eu quisesse fazer alguma coisa no fosso olímpico, se eu quisesse chegar mais longe, tinha de dedicar-me”. Para os menos familiarizados com as várias especialidades do Tiro com Armas de Caça, Inês Barros ajuda a diferenciar o fosso olímpico. “Aqui temos 15 máquinas, nas outras são cinco máquinas, portanto são mais 10 trajetórias diferentes, são mais 10 pratos diferentes”. A velocidade no fosso olímpico, ou trap, também é diferente, com os pratos a atingirem cerca de 75 metros, enquanto que nas outras variantes as velocidades são mais lentas. Em trap, cada pranchada tem cinco pratos, sabendo os atiradores que dois vão para a esquerda, dois para a direita e um em frente.

Com tantas variáveis em campo, e ainda tendo de considerar as condições climatéricas e de visibilidade em cada local de disparo, porque é que Inês Barros decidiu deixar de atirar por recreação e investir na competição e no sonho Olímpico? “O meu pai diz que há jeitos, que há maneiras de atirar diferentes”, explica. “Ele desde início disse que achava que eu tinha mesmo muito talento nisto e que me devia dedicar”. Opinião corroborada pelo selecionador nacional e validada pela atleta, que se entusiasmou com a ideia de levar a modalidade mais a sério, porque assume ter uma personalidade muito competitiva. “A ideia de competir com pessoas que eu só via na televisão, para mim era ‘Vamos! Eu quero!’”.

Do bronze em juniores ao ouro em seniores

Com a decisão tomada, Inês Barros começou a trilhar o caminho da especialização na variante Olímpica, algo que a obrigou a ceder alguns momentos de tempo livre e de atividades que os jovens habitualmente realizam. “Foi difícil ter de abdicar disso e fazer os meus amigos entenderem que era por um bom motivo, mas eles são uma parte fundamental”.

Em 2019, Inês Barros chega ao Campeonato da Europa de Juniores, em Itália, depois de várias internacionalizações que lhe souberam sempre a pouco. “Eu estava sempre a bater na trave com as competições internacionais. Eu não sabia do que é que precisava para lá chegar. Eu sentia-me bem, sentia-me a atirar bem, mas já havia provas em que também me sentia bem e não correu tão bem”. Por isso encarou cada etapa desta competição à vez. “O meu primeiro objetivo era chegar à final, coisa que ainda não tinha conseguido”. Com este objetivo alcançado, o 3.º lugar acabou por ser uma boa surpresa que se transformou num ponto de viragem no seu percurso. “Comecei a ficar desanimada, toda a gente a dizer que eu ia conseguir e depois chegava a

hora e não conseguia. Então esse foi o ponto de viragem, porque a partir daí eu acreditei mesmo”.

E tanto acreditou que começou a construir um palmarés sólido, voltando ao pódio de juniores dois anos depois para melhorar a classificação para a medalha de prata. Em 2022, já como sénior, trouxe o bronze do Campeonato da Europa em equipas mistas e a prata individual na Taça do Mundo. Em três anos muito mudou, porque Inês Barros mudou a forma de encarar a competição. “Eu percebi que nas provas internacionais não posso exigir muito de mim, porque sei que sou capaz mas tenho de ter calma, porque os nervos já estão em alta só por ser uma prova internacional e isso já me afeta muito. Percebi que tinha de me acalmar e a partir daí funcionou”.

“Temos de saber lidar com o erro, não é fácil saber que erramos e não sabermos porquê. É muito exigente mentalmente, não conseguimos voltar atrás”

Foi uma montanha-russa de emoções, que passaram da desmotivação à ansiedade, à resiliência e que terminou na alegria. “Temos de saber lidar com o erro, não é fácil saber que erramos e não sabermos porquê. É muito exigente mentalmente, não conseguimos voltar atrás”, considera sobre a modalidade. Aprendeu a ser resiliente e a gerir as emoções e está ainda a trabalhar os seus pontos mais frágeis. “Recentemente comecei a fazer crochê, já tinha tentado há dois ou três anos, mas descobri que não tinha paciência para aquilo. Agora já tenho alguma paciência, já consigo fazer algumas coisinhas”. Está também a melhorar a gestão de tempo, uma vez que atualmente tem de conciliar os treinos com o 5.º ano do curso de Medicina Veterinária, que já a obriga a uma agenda preenchida entre aulas e turnos no hospital. Quando precisa de se recentrar é em casa que encontra um porto seguro. “A minha maneira é deixar o tiro em ‘standby’ e dedicar-me à família porque eles sabem o que eu passo, sabem como eu sou, sabem que preciso de um tempo para assimilar o que aconteceu. E depois volto aos treinos e à concentração”.

O “golden year”

E chegados a 2023, Inês Barros consegue o ouro pela primeira vez, por quatro vezes – em equipas mistas no Campeonato do Mundo e na Taça do Mundo do Chipre, e em individual no Campeonato da Europa e na Taça do Mundo do Egito. “Foi o meu ‘golden year’, finalmente!”. É este o desabafo de Inês Barros quando se pede para resumir o ano de 2023, um ano de ouro. “Estava difícil chegar lá. A época passada, sendo a primeira como sénior, correu muito bem, só faltava aquele gostinho, o ouro, porque ainda não tinha conseguido nenhum ouro”. O ouro chegou em 2023, com a oferta especial da abertura de uma vaga nacional para a competição feminina de Trap nos Jogos Olímpicos Paris 2024. “Não podia pedir melhor!”



02 de abril de 2023. Inês Barros e João Paulo Azevedo conquistaram a medalha de ouro na Taça do Mundo no Chipre, depois de dominarem a qualificação (com um total de 141 tiros em 145), confirmando o bom momento ao vencer na final Walton Eller e Alicia Gough, dos Estados Unidos da América. A dupla portuguesa somou sete pontos contra três dos americanos, fruto de 42 tiros em 50.

04 de maio de 2023. Inês Barros conquista a medalha de ouro na Taça do Mundo do Egito. Terminou a qualificação em 4.º lugar com 113 pontos, conseguindo o apuramento para a meia-final no "shoot off". Depois de afastar a australiana Penny Smith, Inês Barros superiorizou-se a Yi Lin, da China-Taipe, com 30 pratos partidos, em 35.

25 de agosto de 2023. João Paulo Azevedo e Inês Barros conquistaram a medalha de ouro no Campeonato do Mundo no Azerbaijão. A dupla portuguesa somou 142 tiros certos, o que a deixou em igualdade com o par norte-americano Rachel Tozier e Derrick Mein. No desempate, os portugueses levaram a melhor com +13, contra os +12 dos Estados Unidos.

24 de setembro de 2023. Inês Barros conquistou a medalha de ouro no Campeonato da Europa na Croácia, chegando às seis finalistas na 1.ª posição da qualificação, lugar que confirmou na final com um total de 43 pratos partidos em 50. Este resultado abriu uma vaga para a Equipa Portugal nos Jogos Olímpicos Paris 2024.

Um resumo rápido de uma época em que o grande objetivo

“Vou tentar fazer o que faço em todas as provas, que é fazer o meu melhor, esperar que isso dê para ir à final. Dentro da final, tentar chegar às medalhas. E dentro das medalhas, pronto... ourinho!”

era mesmo a qualificação para os Jogos Olímpicos. A vaga nesta disciplina é para o país, pelo que a presença efetiva da atiradora terá ainda de ser confirmada posteriormente pela Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça, mas a tradição na modalidade de “quem conquista a vaga é que vai” abre todas as esperanças a Inês Barros. “Esta foi a minha quarta ou quinta tentativa” para conseguir a qualificação para Paris 2024, recorda. “Comecei a ficar desmotivada porque sabia que era capaz, que tinha capacidades para chegar lá, só que são poucas as oportunidades que temos para disputar as quotas, então é muito difícil”.

Cumprir o sonho antes do esperado

A Inês de 2019 esperava conseguir estar nos Jogos Olímpicos de 2024? “Sinceramente, não, porque eu achei que era algo tão precoce que não ia conseguir. Eram os meus primeiros anos como sénior, normalmente há uma quebra. Não estava com a expectativa tão alta e também não queria tanta pressão na transição para sénior”. Então o que mudou para querer tanto a vaga que a levaria até França? “O primeiro ano foi tão bom, foi quando percebi que realmente era possível chegar a 2024 e ir aos Jogos Olímpicos”.

Com a presença praticamente garantida, é um sonho que se cumpre antes do planeado. Com o momento da qualificação ainda tão vivo na memória, falar nele tem um tom de fantasia na voz de Inês Barros. “Sou sincera, estava mais nervosa por causa da quota do que por estar na final” do Europeu. “Sabia que pelo menos até aos 30 pratos tinha de me aguentar”. Com o desenrolar da competição, Inês Barros percebeu que conseguiria isso e muito mais. “Foi um alívio, foi descomprimir, foi atingir um objetivo”. A liderar a competição desde a primeira ronda da final, a portuguesa assume que se divertiu nos últimos pratos, quando já sabia que tinha conseguido Paris. “Eu estava a partir os últimos pratos e já nem pensava em fazer resultados, já só pensava “vamos atrás dele, vamos seguir, vamos fazer fumo”, porque quando partes sai um fuminho. Foi espetacular!”.

A genuinidade de Inês Barros não quer dizer que não encaire o próximo desafio com seriedade, muito pelo contrário. Está consciente das dificuldades que terá de enfrentar na maior competição multidesportiva do mundo. “Só lá vão estar os melhores do mundo e eu ainda acho difícil acreditar que faço parte do grupo de atletas que vai aos Jogos Olímpicos”. Confessa que não sabe exatamente como será o ambiente deste evento, mas espera foco e determinação máximos, “vai estar toda a gente a trabalhar aos 100%, ou 110%, para conseguir os seus objetivos. Não vou ser diferente, mas acho que quando chegar lá é que vou perceber porque é a minha primeira vez”.

Para além da sua estreia nos Jogos Olímpicos, será também a primeira vez que Portugal terá uma representante feminina na modalidade. A proximidade geográfica com França poderá levar um grupo de família e amigos de Inês Barros a acompanhar a prova no Centro de Tiro de Chateauroux ao vivo, algo que acrescentará uma “pressão, porque tenho de fazer boa figura na primeira vez que me veem, mas também motivação, porque estão ali a apoiar-me”. Quanto a resultados a resposta não podia ser outra. “Vou tentar fazer o que faço em todas as provas, que é fazer o meu melhor, esperar que isso dê para ir à final. E dentro da final, tentar chegar às medalhas. E dentro das medalhas, pronto... ourinho!”.





Um susto durante a infância fê-la questionar-se sobre aquela que viria a ser a sua grande paixão: o Surf. Em 2023, aos 19 anos, brilhou entre as estrelas emergentes da modalidade e sagrou-se campeã do Mundo júnior, um título inédito entre as praticantes portuguesas

FRANCISCA VESELKO

“Sempre me imaginei nos Jogos Olímpicos”

A relação de Francisca Veselko com o Surf começou de forma atribulada, mas rapidamente se tornou inevitável. A família de surfistas e a praia de Carcavelos fizeram despertar uma paixão pelo mar, reforçada pelo contacto regular com quem por lá surfava. A criança que “não quis saber mais de Surf” depois de um susto aos três anos virou presença regular nas competições de formação, onde “até aos rapazes ganhava”.

Aos 19 anos, e enquanto treinava no Havaí, recebeu um convite da World Surf League (WSL) para participar como *wildcard* no Campeonato do Mundo júnior em San Diego, nos Estados Unidos. Foi aí que viveu o melhor momento da sua ainda curta carreira com o título de campeã mundial júnior, que a levou a ser galardoada com o Prémio Juventude do Comité Olímpico de Portugal.

Com o Surf no sangue

Nascida no seio de uma família de surfistas, com o pai, Joe Veselko, a mãe, Filipa Leandro, uma das primeiras surfistas portuguesas, e até os tios ligados à modalidade, Francisca foi desde cedo, e de forma quase natural, colocada em contacto com o mar e com as pranchas. Assumir que a ligação ao Surf foi imediata seria expectável, mas um episódio marcante, aos três anos, adiou essa conexão.

Sob o controlo de adultos, a pequena Francisca, de braçadeiras e em cima de uma prancha de espuma, foi empurrada numa onda, virou e ficou alguns segundos debaixo de água. O susto foi tão grande que a levou a virar as costas ao Surf, contou a mãe: “Nós [pais] continuámos a levá-la à praia, o irmão começou a praticar e ela ficava a ver. Adorava estar na água, mas não queria fazer



FRANCISCA VESELKO

Surf por causa do susto que apanhou.” Só que a ligação da família com a modalidade era demasiado forte e Francisca deu-lhe uma segunda oportunidade aos seis anos.

“Sem forçar, voltei a ganhar interesse e nunca mais quis parar. Está no sangue. Com oito anos entrei na minha primeira escola e com nove no meu primeiro campeonato”, explicou a “sempre competitiva” Francisca, que depois da estreia percebeu que “nasceu” para o Surf. O talento na prancha saltou logo à atenção de todos e a surfista começou a saltar etapas, como tem feito desde então.

“Quando chegou aos 12 anos começou a ganhar às raparigas sub-16 e aos rapazes da idade dela. Eles até tinham medo de entrar com ela. Chegou ali a uma altura em que foi o que ela queria”, confidenciou Filipa Leandro.

Com 16 anos, e face à ausência das surfistas mais experientes que participavam num torneio em simultâneo, Francisca foi chamada pelo selecionador nacional David Raimundo para o Campeonato da Europa. Sagrou-se vice-campeã e deu um dos primeiros grandes passos rumo à afirmação no panorama feminino em Portugal, seguido pela conquista do campeonato nacional absoluto, em simultâneo com o título sub-18.

De convidada a campeã

Foi em dezembro de 2022, enquanto treinava no Havaí, acompanhada pela mãe, após a participação numa etapa da Challenger Series [circuito de qualificação para o Championship Tour], que Francisca recebeu o convite da WSL para ser *wildcard* no Campeonato do Mundo júnior, que se realizaria em menos de um mês.

“Eu olhei para ela e perguntei: «Queres ir?» Ela respondeu: «Claro que quero!» Quem ficou a tremer fui eu”, brincou a mãe, que já não pôde acompanhar a filha na viagem até aos Estados Unidos. Quis a sorte que a competição fosse disputada em Seaside Reef, uma praia em San Diego, perto de onde vive o pai e, na altura, vivia o irmão Jaime que, à semelhança do que fez Francisca, passou um ano nos Estados Unidos como “troca cultural”.

Com expectativas realistas, mas ciente da qualidade das adversárias, a jovem de 19 anos superou várias das principais promessas do Surf mundial e alcançou um triunfo com um sabor especial: “Foi incrível. Estou muito poucas vezes com o meu pai, por isso foi especial. O meu irmão também estava a estudar nos Estados Unidos nessa altura e foi tudo perfeito. Poder ganhar à frente deles foi muito especial.” O título foi inédito para o Surf feminino português, que tinha até então o terceiro lugar de Teresa Bonvalot, na Ericeira, em 2015, como melhor resultado.

A jovem que, durante as competições internacionais, surgia como surpresa passou a ser um nome consensual: “Desde o título mundial júnior que, especialmente as raparigas que estavam no Mundial, sabem quem eu sou. Fiquei amiga de várias. As pessoas já me vão reconhecendo e sinto-me bem com isso.”

Sem tirar “os pés da terra”, Francisca voltou ao trabalho depois de conquistar o Surf mundial júnior, garantiu a mãe: “Ela nunca se deixou deslumbrar com nada e quer sempre mais.”

Sonho olímpico no horizonte

Como qualquer surfista que integra os quadros da WSL, o sonho de Francisca é chegar ao Championship Tour, surfar as



“Foi incrível [o Mundial júnior]. Estou muito poucas vezes com o meu pai, por isso foi especial. O meu irmão também estava a estudar nos Estados Unidos nessa altura e foi tudo perfeito. Poder ganhar à frente deles foi muito especial”

ondas mais icónicas do planeta e ser campeã mundial. Mas num futuro mais próximo há outro objetivo em mente.

“Mesmo antes do Surf fazer parte dos Jogos Olímpicos, sempre assisti e adorava ver. Quando estavam a decorrer ficava muito contente e via tudo. Sempre me imaginei nos Jogos Olímpicos, mas o Surf não estava lá. Agora que está, é mais um sonho que quero alcançar”, confessou.

As colegas de seleção, Yolanda Hopkins e Teresa Bonvalot, participaram na estreia olímpica do Surf em Tóquio 2020 e Francisca foi uma das muitas pessoas a acompanhar. Conseguia “imaginar-se” nas ondas da praia de Tsurigasaki, a competir com “uma Carissa Moore” [medalha de ouro] e todas as outras que também fazem parte do Championship Tour.

À data da entrevista, faltam ainda vários meses para o Campeonato do Mundo da International Surfing Association (ISA)

em Porto Rico, a última hipótese de qualificação para Paris 2024. Ainda com vagas femininas disponíveis, o objetivo é claro e até conta com uma preparação adicional, de forma a chegar a fevereiro o mais preparada possível. “No final de novembro vou até Margara, em Porto Rico, para um campo de treinos de sete dias. Vou com antecedência para treinar, perceber a onda, que não é muito fácil, para quando chegar o Mundial da ISA estar mais familiarizada e não ser uma surpresa”, explicou.

A onda de Teahupo’o, que vai acolher a competição de Surf dos próximos Jogos Olímpicos, é uma das mais famosas e, ao mesmo tempo, “assustadoras” do planeta, que deixa as surfistas portuguesas “fora da zona de conforto”. Felizmente para Francisca, Portugal tem em “Supertubos e Pedra Branca” ondas que funcionam como preparação. Mas, antes disso, é preciso lá chegar.



Aos 17 anos, dominou o escalão júnior do Triatlo com os títulos de campeão do Mundo e da Europa. Em ano de afirmação, o jovem triatleta subiu ainda ao pódio de uma competição sénior, que lhe abriu a porta para o convívio com a elite

JOÃO NUNO BATISTA

“Sabia que era capaz de ser
Campeão do Mundo”

Para João Nuno Batista, é difícil não mencionar o nome do irmão Ricardo quando o tema é o seu percurso no Triatlo. Desde a decisão de trocar a Natação pelo Triatlo até aos treinos em conjunto, a influência do irmão mais velho, que considera uma “referência”, tem sido uma constante. E eis que, tal como o irmão em 2019, João Nuno foi contemplado com o Prémio Juventude do Comité Olímpico de Portugal.

O jovem de 17 anos foi galardoado após um ano de enorme sucesso que teve na conquista do Campeonato do Mundo júnior o seu apogeu. A esse título juntou ainda o de campeão da Europa no mesmo escalão, em formato sprint, e uma medalha de prata numa Taça da Europa, o primeiro pódio em provas internacionais seniores. Apesar de já ter no horizonte a participação em Taças do Mundo e etapas do Campeonato do Mundo, em 2024 tem o objetivo de alcançar um feito inédito: revalidar o título mundial júnior.

Apontado ao sucesso

Numa modalidade que engloba três disciplinas (Natação, Ciclismo e corrida), o mais habitual é que qualquer atleta comece por praticar uma delas antes de ingressar no Triatlo. No caso dos irmãos Batista, essa disciplina foi a Natação. Um desejo expresso do pai, Óscar Batista, que valorizava o “saber nadar” tanto como o “aprender a andar”, e até foi dos mais resistentes à mudança. “Fui um bocado reticente em relação a abandonarem a Natação, posso assumir. Mas foi uma escolha deles. Não houve pressão nenhuma sobre nada. A passagem para o Triatlo aconteceu naturalmente”, explicou.



JOÃO NUNO BATISTA

O responsável pela mudança de João Nuno foi Paulo Antunes, atual treinador, que foi seu professor de Educação Física na escola primária. Por lhe reconhecer uma capacidade especial, convidou o então jovem de oito anos para o Triatlo, modalidade que o irmão mais velho já praticava: “Ele entrou primeiro do que eu e sempre foi muito bom. Nunca treinei diretamente com ele. Eu era sempre mais novo e andava sempre um grupo atrás dele”, diz João Nuno.

Os resultados não tardaram em aparecer e a ideia de se dedicar ao Triatlo passou a certeza: “Numa das minhas primeiras provas internacionais, uma Taça da Europa júnior, terminei no 3.º lugar. Não estava nada à espera, mas aí percebi que talvez pudesse dar mais alguma coisa.”

Para o pai, a “grande parte do talento” veio da sua “capacidade de trabalho”, ainda que reconheça que seja “um atleta nato”: “A nível fisiológico, ele é mais do Atletismo e também teve a formação na Natação, por isso para ele foi muito mais fácil a adaptação para o Triatlo.”

A exigência da modalidade, que envolve treinos de três disciplinas muito distintas em termos físicos e técnicos, não assusta o jovem de 17 anos, que prefere nem falar em sacrifício porque “gosta mesmo” do que faz. O apoio da família é fundamental e nunca faltou, nem a um, nem a outro, confessa João Nuno, que acredita que “a dedicação acaba por beneficiar o desempenho” em prova.

A primeira oportunidade de repetir o título mundial júnior do irmão, conquistado em 2019, surgiu em Quarteira, no Algarve, em novembro de 2021. Então com 15 anos e a competir num escalão superior, ficou a onze segundos do primeiro classificado e teve de se contentar com uma prata que, ainda assim, deixava perspectivas positivas para o futuro.

Um acidente grave em 2022, enquanto cumpria o percurso de Ciclismo numa Taça da Europa na Turquia, acabou por adiar a afirmação do jovem, partilhou o pai: “Pelo nível que estava a ter, poderia ter tido essa afirmação em 2022. Devido à queda, andou retraído e com algum receio e os resultados não apareceram. Para 2023, todos os resultados que ele obteve, por acompanhar a modalidade e conhecer os concorrentes, sabia que eram perfeitamente possíveis.”

Nas pisadas do irmão

O título chegou em Hamburgo, em julho de 2023. Numa prova de superação, onde “podia ter corrido tudo mal”, João Nuno começou o segmento de corrida a mais de um minuto dos líderes, depois de uma secção de Natação que apenas permitiu estar no grupo de perseguição aos líderes durante o Ciclismo. Foi durante a corrida que beneficiou das suas melhores características e, juntamente com dois atletas, alcançou a frente da prova e deixou a oposição para trás no sprint final. Quatro anos depois, o apelido Batista voltou a subir ao lugar mais alto do pódio no Mundial júnior.



“Nunca dois irmãos tinham sido campeões do Mundo de juniores no Triatlo, foi muito bom. Sabia que era capaz e tinha nível para lá estar. Então acho que, mesmo se essa prova me tivesse corrido mal, ia continuar focado para conseguir no ano seguinte”

“Nunca dois irmãos tinham sido campeões do Mundo de juniores no Triatlo, foi muito bom. Sabia que era capaz e tinha nível para lá estar. Então acho que, mesmo se essa prova me tivesse corrido mal, ia continuar focado para conseguir no ano seguinte”, afirmou o triatleta.

Sem deixar que o título o desviasse do próximo objetivo e “com a mesma humildade”, como apontou o pai, João Nuno deslocou-se até Balikesir, na Turquia, menos de um mês depois, para se sagrar campeão da Europa júnior no formato de sprint, com um segmento de corrida completamente demolidor e que não deixou margem para dúvidas. Curiosamente, o irmão Ricardo também festejou, poucas horas depois, mas o título europeu sénior e de sub-23.

Ambição no discurso de futuro

O primeiro pódio internacional no escalão sénior, alcançado na última prova da época, abriu-lhe as portas para o convívio entre a elite. Com a possibilidade de disputar “algumas Taças do Mundo e etapas do Campeonato do Mundo” em 2024, certo é que, pela primeira vez, os dois irmãos vão estar na mesma linha de partida das mais importantes competições do Triatlo mundial.

Ainda assim, a possibilidade de voltar a fazer história coloca o júnior com um objetivo bem real: “No próximo ano gostaria de ser novamente campeão do Mundo júnior e também campeão da Europa, tal como este ano.” Um desejo reforçado pelo pai, que espera que o filho consiga “fazer um brilharete” inédito no Triatlo.

Para o futuro, o sonho olímpico é uma realidade, ainda que os apenas 17 anos tornem o discurso mais ponderado: “Sem dúvida que existe, mas é tão longe que ainda não sei. Claro que gostava muito de ir aos Jogos Olímpicos de 2028, mas é muito cedo para pensar.”

A primeira qualificação olímpica, assegurada por Maria Martins, e o título mundial de Omnium, conquistado por Lúri Leitão, são os marcos de um trabalho iniciado em 2010

GABRIEL MENDES

“Sou um treinador realizado”

É desde 2014 o coordenador técnico nacional das seleções nacionais de Ciclismo e do alto rendimento em todas as vertentes, cargo que acumula com o de selecionador nacional de pista, exercido desde 2010, numa ligação à Federação Portuguesa de Ciclismo (FPC) bem-sucedida, traduzida em muitos resultados internacionais de referência, tanto em campeonatos da Europa, como em campeonatos do Mundo. Aos 49 anos, recebe o Prémio Mérito Desportivo atribuído pelo COP. Na primeira pessoa, Gabriel Mendes realiza um balanço positivo. “Penso que temos dado um contributo importante para o desenvolvimento do ciclismo português. Isso pode medir-se pela evolução dos nossos atletas, que conseguem chegar à elite do ciclismo mundial e estão nas principais equipas do World Tour, no ciclismo de estrada. Tivemos resultados em todas as vertentes, no BTT, no ciclismo de pista, na estrada, e também no para-ciclismo. Tendo em conta os recursos disponíveis, penso que tem sido um trabalho muito positivo.”

O Velódromo Nacional de Anadia, onde funciona o Centro de Alto Rendimento (CAR) do Ciclismo, tem sido a casa de trabalho de Gabriel Mendes, considerada fundamental. “Um velódromo com estas características tem sido extremamente importante. Sem ele não teria sido possível fazer aquilo que fizemos nos últimos anos. Mas depois de termos uma infraestrutura precisamos das pessoas que lhe dão a vida, no fundo todos os que a fazem mover. E nós temos conseguido otimizar os meios disponíveis”, diz quem divide a sua atividade entre a coordenação do Laboratório de Avaliação e Controlo de Treino da FPC, instalado no CAR, os treinos na pista e as competições.”

Depois de 13 anos de trabalho com o Ciclismo de pista, Gabriel Mendes já viu muitos dos ciclistas da Seleção Nacional subirem ao pódio, mas há dois resultados que destaca. “Há um primeiro momento, que foi a primeira qualificação olímpica, para os Jogos de Tóquio 2020. Conseguimo-la no feminino, não a conseguimos no masculino. A Maria Martins foi a principal atleta desse processo de qualificação. Pelo meio há outros resultados, em contexto de campeonatos da Europa e campeonatos do Mundo, mesmo na formação. A base de resultados de pódio é bastante alargada. A primeira qualificação olímpica foi histórica”, reforça. Já em 2023 aconteceu o segundo resultado que referencia: “Recentemente, sermos campeões do Mundo numa disciplina olímpica, que é o Omnium, através do Lúri Leitão, é mais um momento deste processo evolutivo.”

“Muitas vezes pensamos só na melhoria de aspetos que nos são exteriores, mas muitos dos nossos resultados são consequência de melhorarmos a qualidade do nosso próprio trabalho, as nossas competências. Muitas vezes esquecemo-nos daquilo que podemos fazer para melhorar amanhã”



Muito já foi feito, muito ainda haverá por fazer. O trabalho desenvolvido no CAR é um processo contínuo. “Temos muito ainda para consolidar no caminho que estamos a trilhar”, alerta Gabriel Mendes. “Muitas vezes atingimos um resultado de nível internacional, um pódio no campeonato do Mundo, no campeonato da Europa. Acontece. Para nós nos mantermos lá temos de continuar a fazer um trabalho consistente, de qualidade. Isso é fundamental.” Nesta questão entronca uma outra variável, a dos meios e da falta deles, que é vista peculiarmente pelo selecionador nacional de pista. “Nem sempre termos mais meios significa que vamos manter o nível dos resultados. Temos de saber fazer bem com as informações e os meios que consideramos necessários, para atingir os objetivos a que nos propomos. Eu não sou apologista de termos todos os meios, isso não significa que se vá concretizar em resultados”, considera. “Portanto, temos de conseguir uma relação entre aquilo que necessitamos e os investimentos que fazemos. Porque os meios não são infinitos. Podemos otimizar pormenores que ainda não otimizámos, refinar determinados aspetos. Aí, sim, há margem para fazer melhorias. Muitas vezes pensamos só na melhoria de aspetos que nos são exteriores, mas muitos dos nossos resultados são consequência de melhorarmos a qualidade do nosso próprio trabalho, as nossas competências. Muitas vezes esquecemo-nos daquilo que podemos fazer para melhorar amanhã.” E para acontecer um bom resultado existe também a necessidade de saber agir no imediato. “No caso do ciclismo muitos aspetos estão relacionados com a capacidade de interpretar uma situação de corrida, de termos competências para assumirmos decisões”, diz Gabriel Mendes.

Ciclismo de estrada e de pista, aquilo a que se tem assistido é às duas áreas serem áreas de competição distinta para os mesmos ciclistas. “Existem condicionamentos, mas temos de traba-

lhar com eles. Com um processo coordenado, as duas áreas vão ganhar. E nós temos exemplos que demonstram essa situação”, diz quem trabalha com os gémeos Ivo e Rui Oliveira, Lúri Leitão, João Matias, Maria Martins e Daniela Campos, entre outros, que correm profissionalmente por equipas que desenvolvem a sua atividade na estrada e são depois também convocados a representar Portugal na pista. “A especialização no ciclismo de pista é difícil de considerar no contexto atual. Não temos atividade profissional de ciclistas dedicados a essa componente. Essa atividade é feita via equipa nacional. O profissionalismo é feito através do ciclismo de estrada, portanto tem de haver uma grande cooperação entre as duas áreas e eu considero que muitas vezes é difícil, mas de certa forma temos conseguido encontrar os equilíbrios que nos permitem atingir resultados de excelência. Não quero colocar a tônica no problema, mas na gestão que temos de fazer.”

Nesta altura da sua carreira, Gabriel Mendes já pode assumir: “Sou um treinador feliz e realizado. Os objetivos colocados temo-los vindo a alcançar.” O Prémio Mérito Desportivo do COP deixa-o “bastante satisfeito”, diz, “é o reconhecimento do meu trabalho, de toda a equipa e de todos os atletas.”

O fascínio pela apicultura

Em autodefinição, o cidadão Gabriel Mendes considera-se “uma pessoa trabalhadora. Procuo dar sempre o meu melhor nos compromissos em que estou envolvido. Procuo dar o máximo e o melhor de mim nas responsabilidades que assumo. É essa a filosofia do dia a dia, para que possa sempre acrescentar algo mais.” Fora do Ciclismo tem uma área que o entusiasma: “A apicultura seduz-me. Produzo o meu próprio mel, mas, mais do que a produção do próprio mel, existe o fascínio da dinâmica que as abelhas têm. É isso que me dá prazer.”



PRÉMIO MÉRITO DESPORTIVO

Com uma vida dedicada à Natação, viveu o momento mais marcante da sua carreira em Tóquio 2020, ao ter sido escolhido como um dos cinco árbitros europeus para as provas de Águas Abertas

PEDRO BRANDÃO

“Jogos Olímpicos foram um marco para mim e para a arbitragem em Portugal”



O percurso de Pedro Brandão na Natação federada começou pelo Pólo Aquático, mas foi nas Águas Abertas que atingiu o nível global, com contribuições para as Federações Portuguesa, Europeia e Internacional ao longo de mais de 20 anos. A participação nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, “um sonho tornado realidade”, foi o momento mais marcante da sua carreira, que é agora galardoada com o Prémio Mérito Desportivo do Comité Olímpico de Portugal.

A “herança” do desporto foi-lhe inculcada desde muito cedo pelo avô que ensinava a população a nadar em Angola, onde nasceu. A ligação com o mar surgiu nessa altura e aumentou durante sua infância e adolescência, antes de rumar a Portugal nos anos 80. Primeiro a “limpar piscinas”, depois com um curso de monitor, Pedro Brandão começou a traçar o seu caminho na Natação quando ingressou no Pólo Aquático como jogador e treinador.

“As Águas Abertas apareceram como um prolongamento dessa minha ligação ao mar, por volta dos anos 2000. Partindo de um grupo de não federados, fui evoluindo para outros patamares de intervenção e colaboração nas provas federadas”, partilhou.

Ainda antes da entrada da disciplina de Águas Abertas no programa olímpico, em Pequim 2008, Portugal já organizava eventos de 10km, com Pedro Brandão como um dos impulsionadores. O aumentar de funções fez com que passasse a trabalhar diretamente com a Federação Portuguesa de Natação, num percurso normal entre a organização e a arbitragem. “A minha principal responsabilidade passa pela parte da organização logística e de preparação das estruturas para receber os campeonatos nacionais e internacionais em Portugal”, explicou, apontando para uma média de 30 eventos por ano.

Para além do sucesso organizacional das várias competições, com destaque para a realização de etapas da Taça do Mundo e das provas de qualificação olímpica em 2012, 2016 e 2020, a presença de Pedro Brandão em competições internacionais passou a ser recorrente, até à chegada da nomeação para o maior palco desportivo do planeta.

“Em termos de carreira, estar presente nos Jogos Olímpicos como representante do continente europeu é um marco para mim e um orgulho, não só pessoal, mas também para a arbitragem em Portugal”, admitiu.

Recentemente convidado para fazer parte da Comissão Técnica da Federação Europeia de Natação, Pedro Brandão tem agora como objetivo continuar a representar Portugal na estrutura responsável pela modalidade, ao mesmo tempo que contribui para o sucesso das competições em território nacional, que servem de motor para a continuidade do desenvolvimento da disciplina.



TROFÉU OLÍMPICO

Com 32 anos de atividade, é um caso de sucesso na Canoagem nacional e berço de campeões como Fernando Pimenta, Messias Batista e Beatriz Fernandes

CLUBE NÁUTICO DE PONTE DE LIMA

Escola de campeões

Fundado a 21 de agosto de 1991, o Clube Náutico de Ponte de Lima (CNPL) tem-se afirmado como um dos mais importantes formadores de campeões da Canoagem a nível nacional. Tanto é que em 32 anos de vida ocupou, nos últimos 15, de forma ininterrupta, o topo do ranking dos clubes da Federação Portuguesa de Canoagem. Para tal sucesso, Jorge Castro, presidente da Direção considera importante “o espírito de entreajuda e de motivação que conseguimos inculcar aos nossos atletas”.

Clube de formação de campeões como Fernando Pimenta, Messias Batista e Beatriz Fernandes, o CNPL dispõe de hangares, treinadores, ginásio, nutricionista, psicólogo e fisioterapeuta, tudo para “dar as melhores condições aos atletas”. Jorge Castro admite que o clube quer crescer “não só em termos de resultados, da qualidade dos atletas, mas também em quantidade, para conseguir levar a Canoagem ao máximo de pessoas possível”.

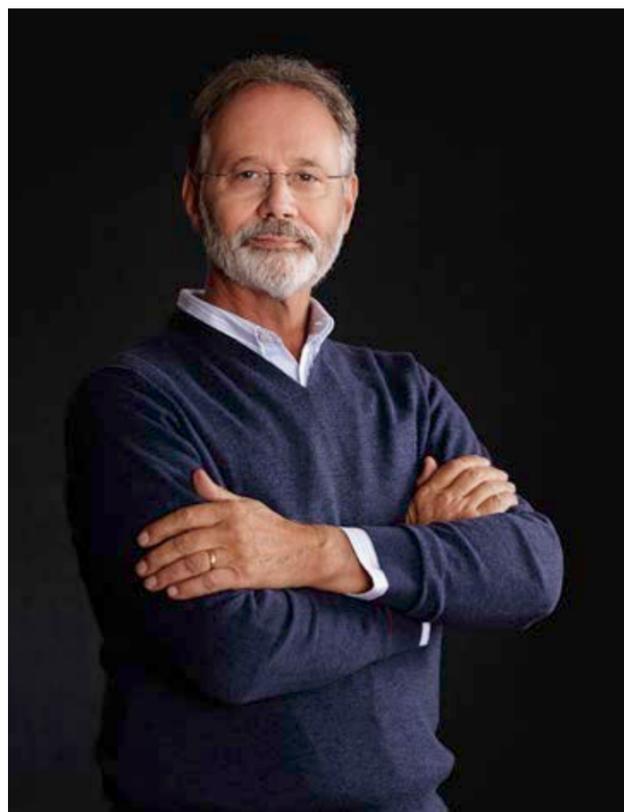
Agraciado com o Troféu Olímpico do COP em 2023, o CNPL vê, através do seu presidente, esta distinção com agrado: “Significa que estamos a fazer um trabalho que está a ser reconhecido, significa que estamos a ter algum impacto em termos de atletas que conseguem ter resultados ao mais alto nível, que estamos no bom caminho e que vamos continuar a trabalhar para sermos reconhecidos mais vezes”.



O desporto infanto-juvenil é o seu objeto de estudo preferencial e nessa área tem vários problemas identificados: as estratégias de seleção dos treinadores e a monitorização das carreiras dos atletas são dois deles

JOSÉ MAIA

Em busca da excelência desportiva



O Prémio Investigação Científica atribuído pelo COP visa reconhecer investigadores, a título pessoal ou coletivamente, que tenham carreiras de excelência ou prestado contributos científicos de extraordinário valor nos diversos domínios das Ciências do Desporto e em outras áreas científicas que tenham o desporto por objeto de estudo.

Em 2023, a distinção do COP vai para José António Maia, professor catedrático na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto desde 2002, que se tem focado primordialmente no “estudo do atleta infanto-juvenil” e “o modo como este trabalho teve impacto não só nos atletas, mas nas famílias e nos clubes.” Recentemente esteve envolvido no estudo intitulado “Em busca da excelência no desporto”, que José António Maia considera ter exercido “um impacto enorme nas famílias, nos atletas e nos treinadores, na região do Porto.” O resultado final deixou-o satisfeito: “Guardando a humildade no bolso, foi uma espécie de cereja no bolo, porque dele também saiu um grande relatório, de 500 páginas, que enviámos ao COP e ao IPDJ. Penso que é provavelmente um marco para quem estuda o atleta infanto-juvenil no nosso País.” Entre os problemas identificados estão as estratégias de seleção dos treinadores, a monitorização da carreira dos atletas para além dos resultados desportivos, a diversidade dos resultados em atletas que estão no mesmo escalão e a escassez de documentos que acompanham a carreira dos atletas.

Com mais de três décadas de experiência, o Prémio Investigação Científica de 2023 tem liderado estudos populacionais de grande escala com crianças, adolescentes e jovens atletas. Os seus projetos de investigação foram financiados por diferentes agências e instituições nacionais e internacionais (FCT, IPDJ, COP e Fundação La Caixa). Publicou mais de 400 artigos em revistas de alto impacto e vários capítulos de livros. É autor ou coautor de 15 livros. Além disso, orientou mais de 50 mestrados e dez estudantes de doutoramento.

Criador dos Jogos de Quelfes, no Algarve, há mais de dez anos, continua a ser fundamental na dinamização do projeto

GUSTAVO MARCOS

Inspirado nos Valores Olímpicos



O projeto dos Jogos de Quelfes surgiu no ano letivo de 2009-10 por iniciativa de Gustavo Marcos, com o objetivo de incentivar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos participantes, norteados pelos valores olímpicos. Podem tomar parte nos Jogos as crianças que frequentem o I Ciclo do Ensino Básico.

A primeira edição dos Jogos decorreu em março de 2010, com a participação de seis escolas do concelho de Olhão, sendo a Escola Básica n.º 1 de Marim (do Agrupamento de Escolas João da Rosa) a escola originária. Nas edições seguintes, o projeto foi alargado a outros estabelecimentos de ensino do mesmo concelho, tendo envolvido a partir de 2015 escolas e agrupamentos de escolas de outros municípios e, no ano seguinte, também da província espanhola da Andaluzia. Em 2023, a comissão organizadora integrou dez concelhos algarvios e o de Ayamonte.

Em 2014, a organização dos Jogos de Quelfes criou a Atlantiada, conceito que corresponde ao período que decorre entre a cerimónia da Chamada para os Jogos até aos Jogos propriamente ditos, e que se estende por vários meses durante o qual as escolas desenvolvem atividades de promoção do Olimpismo. Neste processo, o principal objetivo é proporcionar aos alunos uma vivência mais permanente em sintonia com os valores associados ao Olimpismo.

O programa da Atlantiada compreende os seguintes momentos:

- Atlima (atividades que decorrem no âmbito dos pilares olímpicos fundamentais - desporto, cultura e meio ambiente);

- Desafio dos Deuses (momento anual de encontro das crianças das escolas envolvidas, para momentos de competição desportiva, com o objetivo da superação não apenas técnica, mas sobretudo ética. No quadro do Desafio dos Deuses foi instituído em 2023 o Troféu Turma Olímpica, atribuído pela Academia Olímpica de Portugal para premiar a turma que tenha obtido maior pontuação em função de um regulamento que valoriza o desempenho ético dos participantes.

No âmbito do projeto dos Jogos de Quelfes, o Agrupamento de Escolas João da Rosa formalizou a instituição do Olimpismo como oferta de escola entre as turmas de todos os estabelecimentos do I Ciclo que engloba, reforçando por essa via a capacidade de efetiva educação olímpica dos seus alunos. Para o efeito assumiu a dupla perspetiva de promoção da prática desportiva inclusiva e de resolução de conflitos. Neste quadro, a EB N.º 1 de Marim levou esta conceção à criação de um conselho de segurança, integrando os próprios alunos da escola, para decidir sobre eventuais castigos a aplicar a colegas sancionados por motivos de mau comportamento.

Inspirada na organização dos Jogos Olímpicos e de outras celebrações multidesportivas, a comissão organizadora dos Jogos de Quelfes integra, além dos municípios envolvidos, seis associações distritais, responsáveis pela organização dos torneios das respetivas modalidades: andebol, atletismo, basquetebol, futebol, golfe e rãguebi.



Presidente dos Comitês Olímpicos Europeus e do Comité Olímpico Helénico é distinguido pela excelência e notabilidade da sua carreira enquanto dirigente desportivo e atleta olímpico

SPYROS CAPRALOS

“Devemos continuar a procurar formas de nos tornarmos mais sustentáveis”

Spyros Capralos é presidente do Comité Olímpico Helénico desde 2009 e em 2021 foi eleito presidente dos Comitês Olímpicos Europeus (COE). É membro do Comité Olímpico Internacional desde 2009 e da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais (ANOC). O Comité Olímpico de Portugal (COP) decidiu atribuir-lhe, em 2023, o Prémio Prestígio, que visa “homenagear agentes desportivos pela excelência, notabilidade e prestígio das suas carreiras.”

Nascido em Atenas, no ano de 1955, Spyros Capralos estudou Economia na Universidade de Atenas e possui mestrado em Administração de Empresas (MBA) conferido pela Universidade INSEAD, de França. Como atleta integrou a Seleção Nacional de Pólo Aquático da Grécia nos Jogos Olímpicos Moscovo 1980 e Los Angeles 1984.

Chefiou a Missão da Grécia aos Jogos Olímpicos Atlanta 1996 e em março de 2004 foi nomeado pelo Primeiro Ministro grego secretário-geral de Estado e administrador municipal dos Jogos Olímpicos Atenas 2004. Posteriormente, foi presidente da Comissão de Coordenação dos Jogos Europeus Baku 2015 e Minsk 2019.

Para Spyros Capralos, “é uma grande honra receber o Prémio Prestígio” do COP. “Devo agradecer ao presidente José Manuel Constantino e ao secretário-geral José Manuel Araújo, que também é membro do Comité Executivo dos COE, e à restante equipa do Comité Olímpico de Portugal, por me terem concedido este prestigioso prémio. Portugal é um grande amigo dos COE e sei que o seu Comité Olímpico continuará a ter um impacto grande e positivo no nosso trabalho.”

A experiência nos Jogos Olímpicos foi o principal motivo para Spyros Capralos decidir ter um papel ativo no desporto e posteriormente candidatar-se a presidente dos COE. “Os Jogos Olímpicos tiveram um papel muito importante na minha vida, desde que cedo abracei uma



“O maior desafio que o desporto enfrentará nos próximos anos é o do nosso ambiente em mudança. O impacto das alterações climáticas no desporto não deve ser subestimado. Devemos continuar a procurar formas de nos tornarmos mais sustentáveis e de nos adaptarmos”

carreira no desporto. Competir nos Jogos, primeiro em Moscovo, em 1980, tornou claro para mim o quão importante são na vida de tantos jovens. Foi um privilégio ajudar a criar essas oportunidades para outras pessoas ao longo da minha carreira.” A seguir chegaram novos desafios. “Com a experiência adquirida no Comité Olímpico Helénico, no trabalho feito no Comité Executivo do COE, na liderança da Comissão de Coordenação dos Jogos Europeus e com o sucesso nos negócios, pensei que tinha as competências necessárias para guiar os COE num período difícil. Estou muito orgulhoso da forma como saímos da pandemia para um período especial do desporto na Europa, que inclui os próximos Jogos Olímpicos Paris 2024 e os Jogos Olímpicos de inverno Milão-Cortina 2026.”

Desafios próximos a colocarem-se ao desporto existem vários, mas o presidente dos COE elege a sustentabilidade como o principal. “O maior desafio que o desporto enfrentará nos próximos anos é o do nosso ambiente em mudança. O impac-

to das alterações climáticas no desporto não deve ser subestimado. Devemos continuar a procurar formas de nos tornarmos mais sustentáveis e de nos adaptarmos.” Mas existe também um desafio geracional pela frente, na visão de Spyros Capralos. “Devemos também continuar a inovar para garantir que a próxima geração esteja envolvida com o desporto. O mundo mudou muito nos últimos 30 anos e a forma como as pessoas passam o seu tempo livre é uma grande parte disso. Os desportos devem garantir que compreendem o que é necessário para atrair os jovens ou correm o risco de ficar para trás.”

Do Comité Olímpico de Portugal Spyros Capralos possui opinião positiva. “Portugal continua a ser um membro importante dos COE e tem uma grande influência no nosso continente, com orgulhosas tradições desportivas. A forte liderança que apresenta é um grande exemplo para todos os Comitês Olímpicos Nacionais, no desenvolvimento de uma série de programas e iniciativas importantes que influenciaram outros países.”

Foi vogal, secretário-geral e presidente do Comité Olímpico de Portugal. Chefiou uma Missão aos Jogos Olímpicos e foi adjunto noutra. Chegou a secretário de Estado do Desporto. Foi capitão da Seleção Nacional de Rêguebi, selecionador, e teve uma experiência na Guerra Colonial que o marcou para a vida. O Movimento Olímpico distingue-o aos 76 anos

VASCO LYNCE

“Não há dirigentes sem atletas”

Que significado tem para si receber a Ordem Olímpica Nacional?

Tem um significado muito especial porque estive diretamente ligado ao Comité Olímpico durante 14 anos, num período inesquecível, de 1982 a 1996, pela obtenção das três primeiras medalhas de ouro de Portugal nos Jogos Olímpicos. Vivi momentos muito bons. Estou muito agradado por se terem lembrado de mim.

Como caracteriza o seu passado de atleta, nomeadamente de capitão da Seleção Nacional de Rêguebi?

Eu para além do rêguebi também joguei futebol na Associação Académica de Coimbra, nas épocas de 1969/70 e 1970/71, até ser mobilizado para Moçambique, mas sempre tive o rêguebi na família, por influência dos meus irmãos mais velhos. Antes de ir para Coimbra fui campeão nacional de rêguebi pelo CDUL, e jogava futebol nos campeonatos universitários. Fui convidado para jogar futebol na Académica, prosseguindo os meus estudos em Coimbra e só mais tarde, por motivos pessoais e na consequência de um “acidente”, regressei ao rêguebi.

É formado em Matemática?...

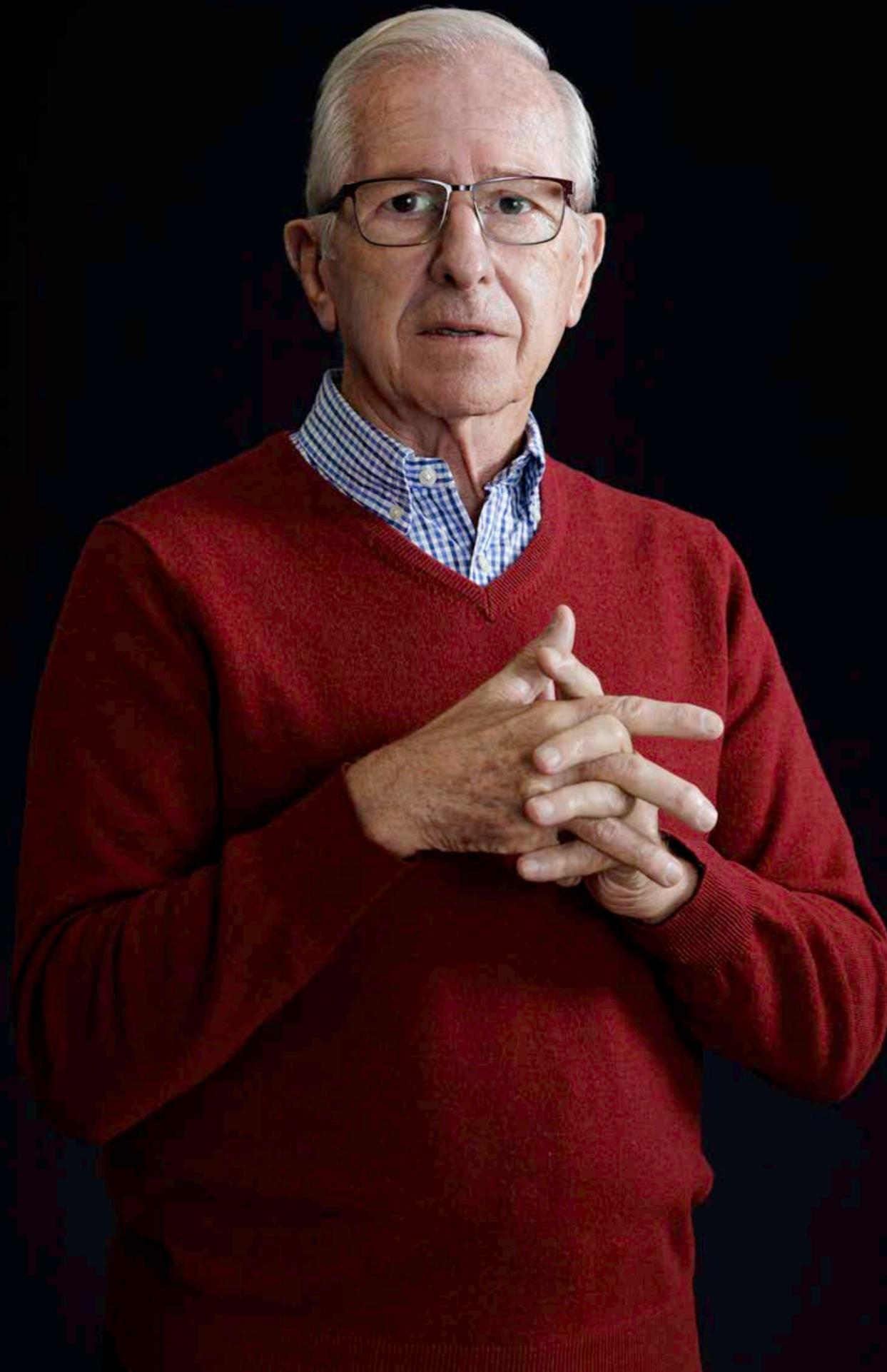
Em Matemática/Ciências da Natureza, na via de ensino.

O que o levou a optar por essa área?

Já vinha de trás. Eu já tinha umas cadeiras feitas quando fui para Coimbra e queria terminar o que começara, mas muita gente pensava que eu era professor de Educação Física, pela minha ligação, desde muito cedo, à prática desportiva.

Era um “barra” a Matemática num país que tem dificuldades com a Matemática?

Não era propriamente um “barra”, mas é uma disciplina em que, se as pessoas estudarem, têm sempre notas boas. Há disciplinas mais difíceis do que a Matemática e de que as pessoas nunca falam, como é a Física e Química.





“O que vejo hoje na Ucrânia e noutros países, mais recentemente, faz-me pensar que os dirigentes políticos não quiseram entender bem o que foi a barbárie da 2.ª Guerra Mundial, e conseqüentemente o retrocesso do desenvolvimento económico e social”

Considera ter sido, enquanto atleta, aquilo a que se convencionou chamar um atleta de alto rendimento?

Não, porque não tive uma continuidade da prática desportiva, de alto rendimento, depois de ter sido ferido gravemente, com um tiro no fígado, em Moçambique, na Guerra Colonial aos 24 anos. Os tempos que se seguiram tiveram de ser de repouso e de recuperação, sob a supervisão do meu pai, que era médico. Entretanto, iniciei em Coimbra a minha vida profissional como professor, na Escola Jaime Cortesão. Com este hiato de anos da prática, naturalmente, já não podia regressar ao futebol. Só regresssei ao rãguebi, na Associação Académica de Coimbra, para me poder exercitar e divertir, embora ainda sonhasse, apesar da minha idade, poder ser internacional de rãguebi, como os meus quatro irmãos. Voltei a Lisboa e prossegui a prática do rãguebi tendo terminado a minha carreira desportiva no CDUL, em 1982/83. Apesar de todas as vicissitudes fui internacional, aos 34 anos, e capitão da Seleção Nacional aos 35 anos.

Introduziu um tema - a Guerra Colonial - que deixou marcas na sociedade portuguesa, feridas ainda hoje abertas. A si marcou-o literalmente...

Marcou-me fisicamente, por aquilo que sofri, mas também pelo que assisti. Eu digo sempre: “Tudo, menos guerra.” É uma tragédia que para além do sofrimento deixa marcas para toda a vida. O que vejo hoje na Ucrânia e noutros países, mais recentemente, faz-me pensar que os dirigentes políticos não quiseram entender bem o que foi a barbárie da 2.ª Guerra Mundial, e conseqüentemente o retrocesso do desenvolvimento económico e social. Conseguí recuperar com a ajuda, em especial, da Família e do Rãguebi. Porque tenho presente o que foi e é a guerra e o que se sofre com ela, são temas que procuro evitar.

Como é que olha então para o Portugal da Guerra, o Portugal fechado sobre si mesmo?

Era, infelizmente, o Portugal do “orgulhosamente sós”, que não entendeu as mudanças profundas encetadas, ao seu redor, há muito tempo por outros países, com a falácia de que a colonização portuguesa teria sido diferente. Infelizmente, a mudança foi tardia e os treze anos de guerra trouxeram muita dor e sacrifícios ao povo português, e aos povos que apenas pretendiam ter o seu País.

Possui a experiência de ter sido selecionador nacional de rãguebi, uma modalidade que acaba de registar um resultado histórico no Mundial...

E fui sempre treinador de jovens ao mesmo tempo que jogava.

Mas como é que tem vivido mais esta fase de “boom” do rãguebi português?

Tenho-a vivido bastante, e acompanhei a Seleção Nacional, em Toulouse, no jogo com a Geórgia, com o meu filho e netos que jogam rãguebi em Inglaterra. Fiquei muito agradavelmente surpreendido com estes resultados. Vi alguns jogos da Seleção a quatro meses do Campeonato do Mundo e o seu rendimento desportivo no Campeonato cresceu exponencialmente, tendo sido como é do conhecimento público, a par das Fiji, uma das suas revelações. Foi muito bem escolhido um treinador francês, ainda por cima uma enorme glória do rãguebi, tanto pela sua qualidade técnica como pela existência de um número muito significativo de jogadores portugueses em França. Comportaram-se, na verdade, como uma verdadeira EQUIPA.

Tem um passado de dirigente desportivo intimamente ligado ao Comité Olímpico. Foi chefe da Missão de Portugal aos



Jogos Olímpicos Calgary 1988, adjunto do chefe da Missão nos Jogos Olímpicos de Seul 1988, foi vogal...

E comecei na Comissão de Atletas Olímpicos.

De que foi o primeiro presidente...

Faziam parte o Carlos Lopes, a Rosa Mota, António Roquete, Paulo Azevedo, Raul Diniz, Amália Fernandes, João Pedro Cascais, João Marrafa e Hugo d'Assumpção, todos representantes de modalidades distintas. Só o atletismo é que tinha dois, o Carlos e a Rosa. Foi um trabalho muito interessante que se fez junto das escolas. Eu só fui escolhido porque era o capitão da Seleção de rãguebi. Nessa altura o rãguebi nem sequer era olímpico, tinha-o sido em 1920 e 1924, na variante de 15, agora é que são os “sevens”.

No COP, foi também vogal da Comissão Executiva, secretário-geral e presidente.

Fui vogal de 1985 a 1988, depois secretário-geral de 1989 a 1992, e presidente de 1993 a 1996.

Que legado considera ter deixado?

O melhor legado que posso ter deixado é ter conseguido que várias empresas portuguesas, como a Delta Cafés, fossem nossas patrocinadoras, acreditando no nosso projeto. Mas temos de reconhecer que tal só foi possível com as medalhas do Carlos Lopes e da Rosa Mota. O outro legado será a consolidação da Academia Olímpica de Portugal (AOP), fundada em 1986, com a concretização da missão estatutária de promover os valores olímpicos e de estudar o fenómeno olímpico, pelos conselhos diretivos e membros da AOP.

Quem olha para o seu currículo vê que esteve envolvido em muitas áreas e quase sempre em cargos de liderança. O que é que acha que as pessoas viam em si?

Olhe, fiquei muito admirado com algumas delas. Fiquei muito admirado por ter sido convidado para secretário de Estado e presidente do Instituto do Desporto... não sei. Mas eu estava no desporto para servir o desporto.

Quem são para si os nomes fundamentais da história do desporto português, nas diferentes áreas?

Certamente que, no desporto de alto rendimento, o destaque é para os atletas. Embora só alguns sejam medalhados, admiro a perseverança e determinação dos atletas olímpicos, cujo sucesso assenta numa equipa multidisciplinar que vai dos dirigentes dos clubes e federações, aos seus treinadores, aos médicos e aos restantes técnicos.

Como nomes fundamentais destaco: os campeões olímpicos Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Nelson Évora, Pedro Pichardo e os restantes medalhados das nove modalidades premiadas. O Atletismo português pelas 12 medalhas (46% do total) conquistadas nos Jogos Olímpicos e as 21 nos Campeonatos do Mundo. O Prof. Moniz Pereira que dedicou toda a sua vida ao Desporto.

E no dirigismo, tem nomes a distinguir?

O Prof. Celorico Moreira, Vice-Presidente do COP, Presidente da Federação Portuguesa de Halterofilismo, deputado da Assembleia da República e vereador da Câmara de Oeiras. Foi eleito Chefe de Missão aos Jogos Olímpicos de Seul 1988, com quem trabalhei intensamente como adjunto. Infelizmente,



à medida que se aproximavam os Jogos, a sua visão foi-se debilitando e um dia propôs-me que eu deveria ser o Chefe e ele o Adjunto, com a justificação que não tinha autonomia para sair sozinho da Aldeia Olímpica. Recusei de imediato e propus que solicitássemos à Comissão Executiva a nomeação de um terceiro membro para fazer parte da Chefia da Missão, o que aconteceu com a nomeação do Eng.º Hugo d'Assumpção. Os Jogos correram bem, esteve sempre acompanhado e marcou presença em todas as modalidades em que atletas portugueses competiram. A sua chefia foi muito importante e efetiva. Foi um dirigente excepcional, com quem muito aprendi e admirava pelo respeito que tinha pelos outros e pela sua enorme seriedade.

O Sr. Fernando Machado, Vice-Presidente do C.O.P. e decano dos dirigentes Olímpicos, de então, que se dedicou de alma e coração ao COP e foi o grande impulsionador da criação da Academia Olímpica de Portugal, que veio preencher um espaço essencial na ligação do Movimento Olímpico às Escolas, Universidades e Autarquias.

O Dr. David Sequerra, Secretário-Geral do COP, que fez um trabalho extraordinário com os jovens, organizando anualmente, desde 1982, a "Operação Juventude e Olimpismo", para jovens "promessas olímpicas" dos 14 aos 16 anos, em Mafra e Troia. Dois desses jovens participaram, mais tarde em Barcelona 92 nos Jogos Olímpicos como atletas olímpicos, em natação (Ana Barros) e judo (Augusto Almeida).

O Eng.º Lima Bello, Presidente do COP e durante muitos anos representante do Comité Olímpico Internacional para Portugal.

Depois de uma carreira no Desporto tão preenchida, quais foram os momentos que lhe deram maior satisfação?

Como atleta e treinador, os sucessos desportivos. Como dirigente olímpico, a obtenção das medalhas olímpicas dos atletas portugueses, tendo presenciado em Seul e Atlanta à conquista de três delas, e satisfiz-me a mudança do paradigma de financiamento dos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), através do programa TOP1, do Comité Olímpico Internacional, permitindo que os CONs dependessem menos dos estados. E, como dirigente da administração pública, foi muito gratificante ter dirigido a renovação do Estádio Universitário de Lisboa, de 1990 a 1996.

Chegou ao COP em 1984, quatro anos depois de uma Missão aos Jogos Olímpicos Moscovo 1980 organizada com grandes dificuldades e sem a aprovação do Governo...

O Comité organizou uma missão com grande dignidade, mas isso deixou muitas marcas internas até pela adesão de algumas federações e a recusa de participação de outras, e externas, com a Direção-Geral dos Desportos. Foi um tempo difícil. Eu não estive no Comité nessa Olimpíada, mas percebi nos anos seguintes que os ressentimentos continuaram. O Comité Olímpico de Portugal dependia financeiramente, nessa altura, quase na totalidade do Estado e os políticos de então não gostaram que os dirigentes desportivos tomassem decisões autónomas às suas. O 25 de Abril tinha sido seis anos antes e houve alguém do Comité Olímpico que teve a coragem de dizer não ao Governo, o presidente Sales Grades.

"Era bom que a SCML se recordasse que o seu crescimento financeiro se deu com o Totobola e à custa do nome dos Clubes"



Já o referiu, teve também responsabilidades governativas, entre 1999 e 2000, nomeadamente enquanto secretário de Estado do Desporto. Os problemas de então são os problemas de agora?

São sempre os mesmos.

Quais são?

Os apoios às coletividades, aos clubes, às federações e ao Projeto Olímpico. Os tempos são outros e as medalhas olímpicas, hoje, têm custos muito significativos. Se é isso que se pretende é necessário atualizar as medidas de apoio de acordo com esta nova realidade.

Como avalia a ação atual do Comité Olímpico de Portugal?

A nível da sua intervenção no desporto nacional tem-se fortalecido junto das Universidades, da opinião pública e como interlocutor do Movimento Associativo Desportivo, junto das entidades oficiais.

Como olha para o desporto português na atualidade?

Há a questão do modelo de financiamento, mas fala-se muito em ausência de planos, estratégias...

É uma situação muito difícil, ainda para mais com a crise da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), que já ameaçou retirar dinheiro ao Desporto. Era bom que a SCML se recordasse que o seu crescimento financeiro se deu com o Totobola e à custa do nome dos Clubes. Para além disso deveria repensar-se o aumento das verbas a atribuir às Federações, resultante dos Jogos Sociais.

O que mudaria na arquitetura do desporto português, na organização?

A arquitetura é a correta. Poderia dizer-lhe que aumentaria o financiamento do Movimento Associativo e do Projeto Olímpico, mas como não sou dirigente, há mais de vinte anos, não o faço porque não tenho, hoje, pleno conhecimento desse tema. Contudo, como cidadão interessado pelo Desporto e tendo conhecimento do Estudo do Eurobarómetro do Desporto e Atividade Física, publicado recentemente, e cujos resultados são preocupantes para Portugal, entendo que deveria ser criado um plano nacional entre o Estado e as Autarquias para o aumento do desporto e da atividade física dos portugueses.

Como observa os resultados alcançados por Portugal nos Jogos Olímpicos?

Atendendo ao aumento do nível de competitividade dos Jogos Olímpicos, os resultados dos nossos atletas no período de Sydney 2000 a Tóquio 2020 foram muito bons, com a obtenção de 13 medalhas. Das cinco modalidades individuais medalhadas, o Atletismo continuou a ser a modalidade mais bem sucedida, o Judo, a Canoagem, o Triatlo e o Ciclismo estrearam-se na obtenção de medalhas, o que representa um aumento muito significativo de modalidades medalhadas. Quantos aos resultados de Tóquio 2020, foram os melhores de sempre, com quatro medalhas conquistadas, a que acresce mais onze classificações até ao 8.º lugar (diploma). O Andebol estreou-se como modalidade olímpica. Durante este período, o desporto nacional deu um salto qualitativo importante nas modalidades individuais e coletivas.



PRÉMIO CAMPEÕES DO MUNDO

27 de agosto foi dia de título mundial para João Ribeiro e Messias Baptista na prova de K2 500 metros. O Campeonato do Mundo de Canoagem, em Duisburg, ofereceu ainda a Portugal a abertura de uma vaga nacional para esta distância nos próximos Jogos Olímpicos



MESSIAS BAPTISTA

“Lembro-me de todas as sensações”

Quando começamos a conversa a primeira coisa que diz é: “Admito que já tinha saudades de falar deste assunto!”. Messias Baptista, 24 anos, sabe que o título mundial é fruto de muito trabalho, mas tanto ele como João Ribeiro já tinham feito a previsão: “No dia certo, num dia bom, pode cair para nós”. Esse dia chegou, numa época em que Messias sentiu que estava “no melhor momento de forma”.

Do dia da final recorda-se: “Acordei bem, vi a confiança do João, sei que ele confia em mim também. Lembro-me de todas as sensações, do encaixe, da sensibilidade da água, lembro-me de sentir que estávamos a subir relativamente às outras embarcações e a acabar tive alguma perceção de que ganhámos”. Messias Baptista tinha o objetivo enquanto atleta de ouvir “A Portuguesa”, algo que conseguiu esta época pela primeira vez, nos Jogos Europeus em K1 200 metros, e depois no Campeonato do Mundo em K2 500 metros, dobrando a alegria de partilhar o pódio com João Ribeiro, o que teve um sabor “diferente para melhor, porque foi alguém com quem estou basicamente a viver diariamente”.

Com a presença de Portugal assegurada na distância em Paris 2024, Messias Baptista reconhece que ser Campeão Mundial em título terá “algum peso”, mas parte para a próxima época “de cabeça limpa e pés assentes na terra”. A medalha mundial essa, depois de um périplo para entrevistas e fotografias, já está emoldurada, juntamente com a camisola e o dorsal.

JOÃO RIBEIRO

“O melhor ano da carreira”

Foi aos 34 anos que João Ribeiro atingiu aquele que considera ser “o melhor ano da carreira”. Já tem no currículo a vitória mundial na mesma distância em 2013, com Emanuel Silva, mas na altura esta distância específica não fazia parte do programa olímpico e por isso considera o título conquistado dez anos depois, com Messias Baptista, como “histórico para a modalidade”.

A pista em Duisburg, Alemanha, que curiosamente também tinha sido o palco da edição de 2013, voltou a ser simpática para as cores portuguesas e testemunhou a alegria nacional que associou a vitória na prova à abertura de uma vaga para Paris 2024 nesta distância. “Foi um momento único porque andámos a batalhar durante muito tempo para um grande resultado”, recorda João Ribeiro.

E como foi naquele dia? João Ribeiro lembra-se que estava “tudo muito tranquilo” e que pediu ao treinador Rui Fernandes para mudar o processo de aquecimento, porque precisava de se sentir “de outra forma”. Conscientes que estavam “nos lugares da frente, a disputar as medalhas”, Ribeiro confessa que nos metros finais já ia “num momento de muito sofrimento” e não dava “para olhar para lado nenhum. Só queremos chegar o mais depressa possível à meta”. Com a chegada, a consagração – são Campeões do Mundo! E para o próximo ano, em que se realizam os Jogos Olímpicos, este resultado é mais uma motivação: “Foi um sinal de que podemos continuar a trabalhar porque mais momentos destes podem acontecer”.



PRÉMIO CAMPEÕES DO MUNDO

FERNANDO PIMENTA



“É uma explosão de alegria”

25 agosto 2018, Montemor-o-Velho, Portugal. 18 setembro 2021, Copenhaga, Dinamarca. 26 agosto 2023, Duisburgo, Alemanha. São estas as datas dos três títulos mundiais de Fernando Pimenta na distância olímpica de K1 1000 metros

Habitado a subir aos pódios, Fernando Pimenta reconhece que todas as vitórias têm um “sabor bastante especial” e que se sente a “caminhar a passos largos para fazer história”. Esta época sagrou-se Campeão do Mundo em K1 1000 metros pela terceira vez na carreira, desta vez com o bônus de abrir uma vaga nacional para os Jogos Olímpicos Paris 2024.

Foi a cidade alemã de Duisburgo que recebeu o Campeonato do Mundo de Canoagem deste ano e o canoísta português admite que sentiu aquele dia da final “como um dia bastante normal, sem nada de diferente”, em que tinha “articulado muito bem a rotina”. Depois do pequeno-almoço, seguiu-se um percurso de bicicleta entre o hotel e o local de competição, a chegada à pista, o início do trabalho de mobilidade e primeiro aquecimento na água para “tentar procurar boas sensações e encontrar uma boa técnica” a aplicar depois na competição.

Com o tiro de partida, Pimenta entrou no seu elemento. “Senti que estava bem, sentia-me confiante, sabia que tudo podia acontecer e que podia ser campeão”. À chegada, três minutos, 27 segundos e 712 milésimos depois, Fernando Pimenta é o mais rápido. “É uma explosão de alegria. Este ano voltar ao título é gratificante, é maravilhoso. Deixa-nos confiantes e mais motivados para o que aí vem”.

IÚRI LEITÃO



“Chegar a Campeão do Mundo é inexplicável”

O dia 6 de agosto de 2023 ficou marcado em Glasgow, na Escócia, como o dia em que Portugal se sagrou pela primeira vez Campeão do Mundo numa disciplina olímpica de Ciclismo de Pista

Primeiro a prova de scratch, em que terminou em 1.º lugar. Depois repetiu a mesma posição na corrida de tempo. Foi 2.º na eliminação e ganhou uma vantagem que o fazia sonhar com o título após a derradeira prova, a prova por pontos. E a vitória na última etapa do concurso de omnium confirmou – Iúri Leitão era, aos 25 anos, o primeiro português a alcançar um título mundial numa prova do programa olímpico de Ciclismo de Pista. “Começar logo a ganhar era uma coisa que eu não queria, não queria atrair muito as atenções. Mas passei a ser o alvo a abater”.

Por isso à entrada da última prova “tivemos de mudar a maneira de pensar, sabíamos que tinha de defender a nossa posição e não atacar, como tínhamos inicialmente previsto”. Iúri admite que a prova lhe saiu “exatamente ao contrário [do planeado] mas resultou na mesma!”. Com a liderança contínua da competição, Iúri Leitão começou a perceber o que o seu corpo lhe dizia. “Durante a prova eu sempre fui sentindo boas sensações, senti que o meu corpo estava a corresponder bem. Eu só não queria acreditar demasiado cedo, para me proteger de ilusões”.

Com a confirmação da vitória veio um misto de sensações. “Chegar a Campeão do Mundo é inexplicável. Depois de tanto esforço, tanta dedicação, conseguir chegar a esse ponto tão alto é quase inacreditável. O nosso corpo demora a acreditar, a nossa cabeça parece que não quer assimilar que conseguimos chegar lá”.

Participação em **CRACÓVIA-MALOPOLSKA 2023**, com 16 pódios alcançados, superou os resultados nas duas edições anteriores, em Baku 2015 e Minsk 2019

EQUIPA PORTUGAL SEMPRE A SUBIR NOS JOGOS EUROPEUS

Treze dias de competição em Cracóvia-Malopolska 2023 renderam à Equipa Portugal 16 medalhas: três de ouro, sete de prata e seis de bronze. Com estes números, foram batidos os registos de Minsk 2019, há quatro anos, onde o saldo total de medalhas ganhas foi de 15, e o de Baku 2015, edição de estreia dos Jogos Europeus onde os atletas portugueses subiram dez vezes ao pódio.

A Equipa Portugal conquistou de novo três medalhas de ouro, mas desta vez chegou mais vezes à prata (sete) do que ao bronze (seis). Os pódios passaram a ser distribuídos por nove modalidades - Atletismo, Canoagem, Esgrima, Futebol de Praia, Karaté, Muaythai, Padel, Ténis de Mesa e Tiro com Armas de Caça - em vez de oito, como acontecera em Minsk e em Baku.

Fernando Pimenta (Canoagem), com cinco medalhas de prata [K1 1000 (2), K1 5000 (2) e K1 500 (1)] e Marcos Freitas, com três (ouro - equipas; prata - individual; e bronze - equipas), são os únicos atletas da Equipa Portugal que alcançaram o pódio nas três edições dos Jogos Europeus.

As modalidades com atletas sempre medalhados são Canoagem, Ténis de Mesa e Futebol de Praia - em virtude da estreia bem-sucedida da equipa feminina nos Jogos Europeus. Fu Yu (Ténis de Mesa) e João Coelho (Atletismo) conquistaram pódios em provas diferentes: ela foi ouro no torneio de singulares, em Minsk 2019, e bronze no torneio de equipas, em Cracóvia-Malopolska 2023; ele ganhou o bronze na estafeta mista de 4x400m (com Cátia Azevedo, Rivinilda Mentai e Ricardo dos Santos) em Minsk 2019, e agora foi medalha de prata nos 400m, em Cracóvia-Malopolska 2023.

Ana Cruz (Karaté) repetiu na estreia, em 2023, a medalha de bronze que Patrícia Esparteiro tinha conquistado há quatro anos, em 2019. O Padel, com Afonso Fazendeiro e Miguel Oliveira, e o Muaythai, com Matilde Rodrigues e Gonçalo Noites, estrearam-se nos Jogos Europeus e foram diretos ao pódio. E a Equipa Portugal, que também competiu pela primeira vez em Esgrima nos Jogos Europeus, assinalou a estreia com a medalha de prata de Miguel Frazão.

No medalheiro de Cracóvia-Malopolska 2023, a Equipa Portugal fixou-se na 21.ª posição, segundo o critério de maior número de medalhas de ouro conquistadas (3), e no 17.º lugar atendendo ao total (16) de pódios alcançados. A Itália liderou ambas as tabelas, com 35 medalhas de ouro, 100 na totalidade, num total de 39 países que conquistaram medalhas entre 48 participantes.

Embora, no geral, o número de atletas participantes tenha aumentado, muito em função da integração de modalidades coletivas, o número de eventos suscetíveis de conquista de posições de pódio manteve-se idêntico ao de Baku 2015 (253), sendo que o número de disciplinas (30) foi também igual. O número de modalidades que alcançaram posições entre o 4.º e o 8.º lugar foram 16.



ANDEBOL DE PRAIA

A seleção masculina terminou a competição na 4.ª posição, depois de ter perdido a decisão da medalha de bronze com a Dinamarca, por 2-1 (20-10, 18-23, 6-8), num encontro decidido num dramático "shoot-out". Nas meias-finais masculinas, a Equipa Portugal tinha perdido com a campeã da Europa em título, a Hungria, por 2-0, num jogo decidido com os parciais de 20-22 e 14-20.

Paulo Félix, selecionador de Portugal: "Fizemos um bom torneio, em crescendo, mas mais uma vez ficámos de fora das medalhas. Pelo que o grupo fez este ano, merecia a medalha. Estamos nas oito melhores da Europa, há anos estávamos claramente abaixo. O grupo tem melhorado de ano para ano."

Outros resultados: quartos-de-final, Portugal-Noruega, 2-1 (20-22, 20-17, 8-4). Fase de grupos: Portugal-Alemanha, 1-2 2-1 (24-31, 18-12, 8-10); Portugal-Hungria, 0-2 (16-26, 16-18), Portugal-Croácia, 0-2 (24-26, 15-18), 4.º lugar. No final da competição, Ricardo Castro, da Equipa Portugal, foi distinguido como o melhor guarda-redes do torneio masculino.

Já a seleção feminina classificou-se na 6.ª posição, depois de ter perdido a decisão do 5.º lugar com os Países Baixos, por 2-0. Para chegar ao jogo do 5.º/6.º lugar, Portugal venceu a Polónia por 2-1 (18-23, 22-21 e 18-16 no "shoot-out"). Outros resultados: quartos-de-final - Portugal-Dinamarca, 0-2. Fase de grupos: Portugal-Grécia, 1-2 (12-23, 15-9, 8-9); Portugal-Países Baixos, 0-2 (16-17, no golo de ouro, e 12-28), Portugal-Alemanha, 0-2 (22-23, no golo de ouro, e 17-32), 4.º lugar no grupo.

ATLETISMO

Três medalhas para a Equipa Portugal na competição de Atletismo que funcionou como o Campeonato da Europa de equipas: ouro para Auriol Dongmo no concurso de lançamento do peso, prata para João Coelho nos 400m e mais prata para Isaac Nader nos 1500m.

Dongmo garantiu a vitória com a melhor marca de 19,07 metros, à frente da alemã Yemisi Ogundoyin (18,85) e da sueca Axelina Johansson (18,32). A atleta da Equipa Portugal fez ainda mais três lançamentos válidos, a 18,45, 18,42 e 18,38.

Auriol Dongmo: "Tenho alguma dificuldade quando não consigo lançar mais longe no primeiro ensaio. É mais difícil ficar focada para poder responder. A marca, graças a Deus, foi suficiente para ganhar. Normalmente, devia lançar muito mais longe, mas às vezes não percebo porque é que as coisas não andam. Na altura certa, as marcas que eu quero vão sair."

Nos 400m, João Coelho foi o 2.º classificado, batendo na altura o recorde nacional fixado em 45,05 segundos - entretanto melhorá-lo-ia para 44,79, quando foi medalha de ouro nos Jogos Mundiais Universitários -, atrás do norueguês Havard Ingvaldsen (44,88) e à frente de Liemarvin Bonevacia (45,06), dos Países Baixos. A reação entusiasmada de João Coelho: "A prata é nossa, o recorde nacional também, numa grande corrida, com grandes atletas da Europa."

Isaac Nader foi 2.º classificado nos 1500 metros, com o tempo de 3.37,37, só superado pelo espanhol Mohamed Ka-



Isaac Nader ganhou medalha de prata nos 1500m

tir, que bateu o recorde do Campeonato da Europa de equipas (3.36,95). A reação de Isaac Nader: "O objetivo era só ganhar. Sabia que seria entre mim e o espanhol. Sabia que era difícil, é um atleta de classe mundial. Eu também começo a ser. Hoje, foi o que deu." Quanto ao facto de a medalha conquistada ter sido de prata, Isaac Nader tem uma apreciação particular: "Só o ouro é que conta. Conta, claro, é uma medalha. Respeito a competição, é uma competição internacional e para muitos europeus é de grande nível. Mas há que ganhá-la. Por isso, é satisfatório quanto baste."

Liliana Cá foi 4.ª classificada no lançamento do disco feminino, com a melhor marca de 63,21. Nos 400m femininos, Cátia Azevedo foi 8.ª, com o tempo de 51,93, e Tiago Pereira o 4.º no triplo salto, com 16,32.

Nos 800m masculinos, José Carlos Pinto classificou-se na 10.ª posição, com 1.47,76; Eton Barros foi o 14.º nos 3000m obstáculos, com 8.53,47. No lançamento do martelo feminino, Maria Pestana foi 13.ª, com 61,14; Mariana Machado terminou os 5000m femininos no 6.º lugar, com 15.33,93. Arealis Gandul-



MARCO ALVES
Chefe de Missão

MAIS UMA SUPERAÇÃO DO NÚMERO DE MEDALHAS

Depois da estreia em Baku 2025, e da edição de Minsk 2019, a terceira edição dos Jogos Europeus foi realizada num cenário geopolítico difícil. A guerra que afeta a Ucrânia levou os polacos a decretarem a impossibilidade da participação de Atletas da Rússia e da Bielorrússia desde cedo. Após várias pressões internacionais, esta posição mostrou-se irreduzível e os 3.ºs Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023 (JE 2023) foram organizados para 48 Comitês Olímpicos Nacionais, aos quais se juntou, pela primeira vez, a Equipa de Refugiados dos Comitês Olímpicos Europeus.

O final dos períodos de qualificação ditou a qualificação de 210 Atletas em 23 modalidades. Não obstante, devido a episódios de lesão, quatro deles viram-se impedidos de participar nos JE 2023.

A decisão de envolver modalidades com mais tradição no panorama internacional, como o Atletismo e a Natação, criou mais espaço mediático ao evento. A inclusão dos direitos televisivos no pacote da European Broadcasting Union permitiu a cada um dos seus 66 membros, Portugal incluído, deterem a possibilidade de transmissão dos JE 2023.

Para registo, e para a história do desporto nacional, fica mais uma superação do número de medalhas quando comparado com as edições anteriores. A conquista de 16 posições de pódio coloca Portugal na metade superior do medalheiro desta 3ª edição.

As 16 medalhas de Portugal foram conquistadas por nove modalidades distintas, superando também desta forma o número de Federações envolvidas no pódio quando comparado com as edições de 2015 e 2019.

Aguardamos pelo anúncio da próxima edição dos JE para mais uma vez, como no desporto e na vida, tentarmos ser melhores, tentarmos alcançar outros feitos e acima de tudo garantir as melhores condições para aqueles que nos representam.



João Coelho conquistou medalha de prata nos 400m

la foi a 8.ª nos 100m femininos, que correu em 11,33; na prova masculina, Carlos Nascimento foi 10.º, com 10,38. No salto com vara, Pedro Buaró fez 5,65, recorde pessoal, terminando na 6.ª posição.

Décio Andrade foi 6.º no lançamento do martelo, com 72,03, Sisínio Ambriz 11.º nos 110m barreiras, com 13,85, então recorde nacional sub-20 e a melhor marca europeia do escalão; na prova de 100m barreiras, Carina Queirós foi 12.ª, com 13,43. Já Marta Onofre, no salto com vara, terminou na 16.ª posição, com 3,90m, enquanto Patrícia Silva foi 8.ª, nos 800m, no tempo de 2.01,82. Ivo Tavares, no salto em comprimento, terminou na 12.ª posição, com 7,40. No lançamento do disco, Emanuel Sousa classificou-se no 8.º lugar, com 59,44. Evelise Veiga, no triplo salto, foi 12.ª, com 12,80, a sua melhor marca do ano. Nos 400m barreiras femininos, Fatoumata Diallo correu em 55,57, então novo recorde pessoal, com vitória na sua série, mas a 7.ª marca no somatório das séries; na prova masculina, Yuben Munary acabou no 13.º posto, com 50,79, recorde pessoal. A estafeta 4x100 feminina bateu o recorde nacional, com 44,27, classificando-se no 9.º lugar. A estafeta masculina foi 12.ª, com 39,74, melhor marca do ano.

Leandro Ramos foi o 3.º no lançamento do dardo, na 1.ª divisão do Campeonato da Europa de equipas, o que não deu direito a medalha, porque houve dois atletas da 2.ª divisão com melhor marca do que a que realizou (81,62) - o lituano Edis Matusevicius (84,22) e o ucraniano Artur Felfner (82,24). Em contexto de Jogos Europeus, Leandro Ramos acabou no 5.º posto, porque as medalhas são atribuídas no apuramento do conjunto das marcas da 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões do Campeonato da Europa de equipas.

Rita Taborda foi 5.ª nos 3000m obstáculos, com a marca de 9.55,56, e a estafeta mista 4x400m, que bateu o recorde nacional, agora em 3.14,06, foi igualmente 5.ª. Cláudia Ferreira terminou o lançamento do dardo no 6.º posto com novo recorde pessoal, estabelecido em 55,82. Aerialis Gandulla foi igualmente 6.ª classificada nos 200m, com 23,12. No salto em altura, Gerson



Auriol Dongmo garantiu o ouro com vitória no lançamento do peso

Baldé foi 7.º, com 2,17. Marta Pen, nos 1500m, foi também 7.ª, com a marca de 4.13,50. No lançamento do peso, Francisco Belo terminou no 8.º lugar, com 19,64; igual classificação conseguiu Anabela Neto no salto altura, com a marca de 1,84. Delvis Santos terminou os 200m na 11.ª posição, que correu em 21,18, então a sua melhor marca do ano. Finalmente, nos 5000m masculinos, Ruben Amaral terminou no 16.º lugar, com 14.48,70, tal como Catarina Queirós no salto em comprimento, que saltou 5,53.

Portugal terminou coletivamente na 8.ª posição, com 315 pontos, garantindo a permanência na 1.ª divisão do Campeonato da Europa de equipas.

BADMINTON

Bernardo Atilano terminou a sua participação na fase de grupos, sendo 3.º no grupo C, repetindo assim o 17.º lugar de há quatro anos, em Minsk 2019, onde também venceu um jogo e perdeu dois, não chegando aos oitavos-de-final.

O jogador da Equipa Portugal perdeu com o francês Toma Popov, 3.º cabeça-de-série nos Jogos Europeus, em dois "sets", com os parciais de 6-21 e 8-21, e face ao suíço Tobias Kuenzi, também em dois "sets" (16-21, 12-21). Ganhou ao estónio Karl Kert, por 2-1 (15-21, 21-19, 21-12).

BOXE

Rita Soares finalizou a competição de Boxe (-50 kg) nos quartos-de-final, com uma derrota frente à espanhola Laura Fernandez, o que lhe valeu o 5.º lugar final. Os cinco juizes do combate atribuíram a vitória à atleta espanhola por unanimidade, nos três "rounds" de três minutos cada um, pelo que o resultado final ficou em 5-0.

Neste combate de acesso às meias-finais, Rita Soares jogava a possibilidade de garantir uma das quatro medalhas em disputa (ouro-prata-bronze-bronze) e também um dos quatro lugares de qualificação direta para os Jogos Olímpicos Paris 2024 em disputa nestes Jogos Europeus. Em caso de qualificação olímpica, Rita Soares seria a primeira mulher em Portugal a conseguir-lo e a segunda atleta do Boxe português em toda a história, depois de João Manuel Miguel ter participado em Moscovo 1980. Na ronda de 16, Rita Soares venceu Anakhanim Ismayilova, do Azerbaijão, que acabou desqualificada.

Diogo Semedo (71 kg) beneficiou de isenção na ronda de 64, mas na ronda de 32 perdeu frente ao dinamarquês Nikolai Terteryan (0-5) - terminou no 17.º lugar.

BREAKING

Vanessa Marina classificou-se no 8.º lugar final, perdendo (0-2) a "battle" dos quartos-de-final com a italiana Anti, no Parque Strzelecki, em Nowy Sacz.

Na fase de grupos, a atleta portuguesa perdeu (0-2) a ucraniana Stefani, empatou (1-1) face à israelita Nadia e venceu (2-0) a belga Camine, resultados que lhe permitiram chegar aos quartos-de-final.

CANOAGEM VELOCIDADE

Não poderia haver melhor forma de terminar o último bloco de finais da Canoagem nos Jogos Europeus que não fosse com uma medalha de ouro, e Teresa Portela e Kevin Santos fizeram-no na prova de K2 misto 200 metros. A embarcação portuguesa foi a primeira a passar a linha de meta - em 34,260 segundos - e a "A Portuguesa" soou na pista de Kryspinow. "Ainda demoro



Medalha de ouro para Teresa Portela e Kevin Santos no K2 200 misto

um bocadinho a assimilar... mas quando tudo cai... é para isto que trabalhamos, é para isto que treinamos todos os dias", assumiu Kevin Santos. "Só podemos estar contentes com a prova que fizemos". Teresa Portela, no final da prova: "Criou-se muita ansiedade e sabíamos que tínhamos a capacidade de ganhar, mas havia a expectativa de saber o que poderíamos fazer na final e a verdade é que agora que ganhámos sinto-me realmente mais leve e contente de partilhar este momento com o Kevin". A completar o pódio ficaram os dinamarqueses (2.ºs) Emma Jorgensen e Magnus Sibbersen, com 34,572, e os alemães (3.ºs) Lena Roehlings e Jacob Schopf (34,700).

Fernando Pimenta, o recordista português de medalhas em Jogos Europeus, somou mais uma à sua coleção, subindo assim para cinco os pódios que conquistou em três edições dos Jogos Europeus - duas pratas em Baku 2015, em K1 1000m e K1 5000m, os mesmos resultados em Minsk 2019, e agora a prata em K1 500 metros. Fernando Pimenta: "Estou extremamente feliz, esta é uma prova bastante competitiva, consegui segurar a medalha de prata. Estou contente, mas gostava de conseguir uma medalha de ouro nos Jogos Europeus. Acho que ainda tenho capacidades para, se tudo correr bem, na próxima edição dos Jogos Europeus estar de volta".

Fernando Pimenta terminou a distância em 1.37,358, atrás do húngaro Adam Varga (1.36,212) e à frente de Marko Dragosavljevic (1.37,806). Joana Vasconcelos foi 9.ª, também em K1 500 metros, com o tempo de 1.53,613. Na final de C2 misto 200 metros, Inês Penetra e Hélder Silva concluíram no 7.º lugar, com 41,733.

Messias Baptista conseguiu o primeiro ouro para Portugal em Cracóvia-Malopolska 2023, na prova de K1 200 metros. O ca-

noísta português arrancou logo na liderança, que manteve até à chegada à meta. "Consegui sair bem, senti-me rápido e competitivo. Sem dúvida que é um momento alto", disse. A completar o pódio com o português, que terminou com o tempo de 36,845 segundos, ficaram o sueco Petter Menning (37,179) e Robert Akmens, da Letónia (37,189).

Francisca Laia alinhou na final de K1 200 metros e terminou no 3.º lugar, com 41,058 segundos, ganhando a medalha de bronze. "Apesar dos 200 metros já não serem olímpicos eu adoro fazer esta prova porque se decide em milésimos de segundo. Quero dedicar esta medalha a todos os portugueses, estou muito contente". A 1.ª classificada foi Emma Jorgensen, da Dinamarca (40,106), e a prata foi entregue a Milica Novakovic, da Sérvia (41,006).

Hélder Silva foi 9.º classificado na prova de C1 200 metros - 41.192 - numa corrida em que foi vencedor Henrikas Zustautes, da Lituânia - 39,700. Marco Apura falhou a progressão para a final ao terminar as meias-finais de C1 500 metros no 8.º lugar (1.54,433), classificando-se no 14.º lugar da geral.

A classificação menos desejada por qualquer atleta foi a que coube à dupla portuguesa João Ribeiro e Messias Baptista na prova de K2 500 metros, concluída no 4.º lugar, a apenas 15 milésimos do pódio. Venceu a dupla ucraniana Oleh Kukharyk-Ihor Trunov (1.28,928), seguida dos alemães Felix Frank e Martin Hiller (1.29,825), e de Ervin Holpert e Marko Dragosavljevic (Sérvia, 1.29,855), com estes últimos resultados a serem decididos no "photo finish", com Portugal.

Na final de K4 feminino, Francisca Laia, Joana Vasconcelos, Teresa Portela e Maria Rei concluíram os 500 metros no 7.º lu-



Quinta medalha de prata para Fernando Pimenta nos Jogos Europeus, desta vez em K1 500

gar, com o tempo de 1.34,651. A embarcação polaca foi a vencedora (1.31,701), seguida da Alemanha e Dinamarca.

Inês Penetra e Beatriz Fernandes alinharam na final de C2 500 metros, fechando no 8.º lugar, em 2.05,296. As mais rápidas foram Liudmyla Luzan e Valeriia Tereta da Ucrânia (1.58,233) com Espanha e Hungria a subirem também ao pódio.

Beatriz Fernandes, que alinhou na primeira meia-final de C1 200, foi 4.ª classificada (50,064), ficando fora da final. Classificou-se no 10.º lugar final.

Fora das finais ficou o K4 500 metros masculino composto por Fernando Pimenta, Emanuel Silva, David Varela e Kevin Santos, depois do 7.º lugar na meia-final, com 1.24,045, sendo os 13.ºs da geral. Na competição C2 500 metros masculina, Bruno Afonso e Marco Apura, 6.ºs classificados na meia-final (1.47,100), depois de também terem sido 6.ºs na eliminatória (1:46.504), foram 12.ºs na geral final.

CANOAGEM SLALOM

Lucas Jacob foi o 31.º classificado na competição de Kayak Cross e ficou fora da qualificação para os quartos-de-final. O atleta da Equipa Portugal fez a sua prova em 72,67. O 16.º e último a qualificar-se foi o italiano Giovanni de Gennaro, que fez o tempo de 64,95.

José Carvalho não logrou a qualificação para as meias-finais, em C1. Na primeira manga de qualificação que apurava os melhores 20 canoístas, o português foi 31.º classificado, com 103,16 e quatro segundos de penalização nas portas 9 e 18. Na segunda manga, onde mais dez garantiam a passagem às meias-finais, Carvalho finalizou no 12.º lugar com 100,41 e mais duas penalizações, desta vez nas portas 16 e 20. Terminou na 32.ª posição.



Francisca Laia ganhou bronze e Messias Baptista ouro, ambos em K1 200

Frederico Alvarenga e Lucas Jacob ficaram ambos fora das meias-finais, em Kayak, classificando-se, respetivamente, no 42.º e no 51.º lugar.

Na 1.ª manga da qualificação, que apurava diretamente para as meias-finais os 30 primeiros classificados, Frederico Alvarenga foi 43.º, com 96,92, e Lucas Jacob 60.º, com 145,45, marca agravada por 52 segundos de penalização.

Os dois canoístas da Equipa Portugal foram então à 2.ª manga da qualificação - que apurava mais dez concorrentes para as meias-finais - e aí Frederico Alvarenga foi 12.º, com 93,76, ficando a seis décimos de segundo do apuramento, e Lucas Jacob 21.º, com 101,58 (os dois sofreram duas penalizações em tempo).

CICLISMO BTT

Raquel Queirós concluiu o percurso de “cross country” olímpico na 37.ª posição, com 1:30.51, cerca de 12 minutos a mais que a vencedora – a holandesa Puck Pieterse (1:18:26). No pódio ficaram também Mona Mitterwallner, da Áustria, e a suíça Sina Frei.

Já na prova masculina Ricardo Marinheiro foi 54.º (1:30.52), tendo perdido algumas posições após a primeira volta. Venceu o romeno Vlad Dascalu (1:19.41), seguido de perto pelo suíço Lars Forster e pelo italiano Luca Braidot.

ESGRIMA

A Esgrima conseguiu um resultado surpreendente, em Cracóvia-Malopolska, com a medalha de prata conquistada por Miguel Frazão na disciplina de espada e a presença de mais dois atletas nos quartos-de-final, o seu irmão Filipe e ainda Max Rod.

A jornada acabou marcada por uma grande emoção familiar, com o pai de Miguel e Filipe Frazão, Nuno Frazão, treinador de ambos, a ver os dois em duelo nos quartos-de-final pela presença nas meias-finais e a garantia de conquista da medalha.

Miguel Frazão conseguiu o seu primeiro pódio numa competição internacional, depois de um dia longo de duelos, com início às 8h00, que só terminou já perto das 19h00, na final com Tristan Tulen, dos Países Baixos, vencido por 15-10.

“A sensação é indescritível, porque se havia algo de que não estava à espera era isto”, reagiu o medalha de prata dos Jogos

Europeus. “Estou mesmo muito feliz por este segundo lugar. É o meu primeiro pódio internacional, não posso estar mais contente.” Afastar o irmão na caminhada até à medalha foi mais um pormenor complexo para gerir. “É e sempre foi difícil jogar contra o meu irmão. Só tínhamos jogado em contexto nacional e aqui foi duro. Ambos a lutar pela nossa primeira medalha e é duro teres de deixar o teu irmão para trás. Se fosse ao contrário, ele sentiria igualmente essa dureza, mas ao mesmo tempo queria estar lá. Jogámos os dois para ganhar, não estamos para facilitar. Parte desta medalha também é dele, certamente.”

Miguel Frazão entrou diretamente na eliminatória de 64, depois de ter passado pela fase de “poules”, para defrontar e ganhar ao luxemburguês Flavio Giannote, por 15-13; na ronda de 32 ganhou o duelo ao dinamarquês Von der Osten, por 15-9; na ronda de 16, o adversário foi o polaco Maciej Bielec, a quem ganhou por 11-10, e a seguir, nos quartos-de-final, venceu o irmão, Filipe Frazão, pela diferença mínima: 15-14.

Filipe Frazão também entrou diretamente para o quadro de 64, frente ao checo Michal Cupr, e ganhou 15-12; na ronda de 32 enfrentou o alemão Richard Schmidt, superiorizando-se por 15-8, para a seguir ter pela frente, na ronda de 16, o húngaro Tamas Koch, que venceu pela diferença mínima, por 15-14. Nos quartos-de-final, perdeu então com o irmão, Miguel Frazão, por 15-14. Terminou no 6.º lugar final.

Max Rod passou igualmente com sucesso pela fase de “poules”, mas começou as eliminatórias na ronda de 128, ganhando ao arménio Grigor Mnatsakanyan, por 15-7, e na ronda de 64, com o búlgaro Yordan Galabov, venceu por 15-10, para a seguir, na ronda de 32, se superiorizar ao polaco Wojciech Kolanczyk, por 15-13. Na ronda de 16 saiu-lhe ao caminho novo polaco,

Miguel Frazão conquistou a medalha de prata na Esgrima, disciplina de espada



Futebol de praia feminino estreou-se com uma medalha de bronze

Mateusz Nycz, também vencido por 15-11. O adversário dos quartos-de-final foi o ucraniano Volodymir Stankevych, com quem perdeu por 15-8. Foi 8.º classificado da geral.

Na fase de “poules”, os resultados de Miguel Frazão, apurado para a ronda de 64 das eliminatórias com três vitórias e três derrotas, foram: Niko Vuorinen (Finlândia) 4-5; Martin Rubes (Rep. Checa) 5-3; Mate Koch (Hungria) 1-4; Matej Todorovski (Hungria) 5-2; Christopher Kelly (Suécia) 3-4; Konstantinos Karmpasis (Grécia) 5-0.

Filipe Frazão apurou-se igualmente para a ronda de 64 da fase a eliminar, com três vitórias e três derrotas: Tibor Andrasfi (Hungria) 1-3; Josef Mahringer (Áustria) 4-5; Aleksandrs Ostapenko (Letónia) 5-2; Ian Hauri (Suíça) 4-3; Jaakko Paavolainen (Finlândia) 1-3; Anzor Albrekht (Geórgia) 5-3.

Max Rod, depois de ter competido numa “poule” com seis atletas, somou duas vitórias e três derrotas, qualificando-se para a ronda de 128: Jakub Jurka (Rep. Checa) 2-5; Niklas Prinz (Luxemburgo) 5-1; Hadrien Favre (Suíça) 5-1; François Ferot (Bélgica) 4-5; Sten Prinits (Estónia) 1-2.

Na prova de equipas, em espada, Portugal foi 17.º classificado. Frente à Bélgica, na ronda de 32, o conjunto português, composto por Miguel Frazão, Filipe Frazão e Max Rod, perdeu por 45-43.

Os resultados dos assaltos individuais foram os seguintes: Marc Housieaux-Max Rod 4-3 Loyola Neisser-Filipe Frazão 4-3; François Ferot-Miguel Frazão 7-8; Marc Housieaux-Filipe Frazão 5-0; François Ferot-Max Rod 5-8; Neisser Loyola-Miguel Frazão 3-1; François Ferot-Filipe Frazão 6-10; Marc Housieaux-Miguel Frazão 6-7; Neisser Loyola-Max Rod 5-3. A evolução do encontro, somando assalto a assalto, foi esta: 4-3, 8-6, 15-14, 20-14, 25-22, 28-23, 34-33, 40-40, 45-43. Portugal chegou ao nono e último assalto empatado 40-40, mas viria a perder então por 45-43.

Na prova individual feminina de espada, Maria Alvim terminou a sua participação na ronda de 32, o que lhe valeu o 21.º lugar final. A atleta da Equipa Portugal conseguiu quatro vitórias na fase de “poules” e apenas perdeu dois assaltos. Os resultados foram os seguintes: Fani Varveri (Grécia) 4-5; Maia

Guchmazova (Geórgia) 5-4; Renata Knapik-Miazga (Polónia) 5-3; Sofia Cisneros (Espanha) 2-5; Katarina Knezevic (Sérvia) 5-1; Alexandra Predescu (Roménia) 5-1. Na ronda de 64, Maria Alvim eliminou a romena Alexandra Pedrescu, vencendo por 13-8, e a seguir perdeu então com a suíça Angeline Favre, da Suíça, na ronda de 32, por 15-8.

Também na arma de espada, Fabiana Bonito foi eliminada na fase de “poules”, terminando no 71.º lugar, depois de uma vitória e cinco derrotas: Emma Poghosova (Arménia) 4-5; Nefeli Rodopoulou (Grécia) 5-4; Sara Calleja (Espanha) 0-5; Arina Korneeva (Geórgia) 4-5; Erika Kirpu (Estónia) 1-5; Bianca Benea (Roménia) 2-5.

Em florete, Luís Macedo também terminou a sua participação na fase de “poules”, classificando-se na 64.ª posição. Somou uma vitória e cinco derrotas: Tobias Reichetzer (Áustria) 3-5; Daniel Rosa (Hungria) 0-5; Nikitas Gherman (Macedónia) 5-3; Axel Zoons (Países Baixos) 4-5; Veljko Cuk (Sérvia) 3-5; Jan Krejčík (Rep. Checa) 1-5.

Marta Caride concluiu a prova da disciplina de florete no 42.º lugar. A atleta da Equipa Portugal venceu um assalto e perdeu cinco, na fase de “poules”, o que não lhe permitiu avançar para as eliminatórias. Os resultados de Marta Caride foram sucessivamente: Karolina Zurawska (Polónia), 0-5; Dorja Blazic (Croácia), 4-5; Emilia Corbu (Roménia), 2-4; Vasiliki Mekra (Grécia), 5-4; Dora Lupkovic (Hungria), 1-5; Carolina Stutchbury (Reino Unido), 2-4.

FUTEBOL DE PRAIA

Portugal conquistou a medalha de bronze no torneio feminino, ganhando no desempate por penáltis (3-0) à Polónia, depois do 2-2, após prolongamento.

O desempate por penáltis: Ema Toscano 1-0; Kornelia Okoniewska 1-0; Cristiana Costa 2-0; Wiktoria Slowy 2-0; Inês Cruz 2-0; Dagmara Suskiewicz 2-0; Melissa Gomes 3-0.

Alan Cavalcanti, selecionador nacional, no final da decisão da medalha: “É bom, é o começo de uma seleção e graças a Deus estamos a começar muito bem. Atleta de alta competição tem sempre altos e baixos, virámos a mentalidade para hoje conseguirmos a medalha. Se com tão pouco tempo estamos a conseguir estes méritos, com mais tempo e trabalho vai ser bem melhor. Hoje, tivemos muita inteligência para controlar o jogo e atacar nos momentos certos. Deu certo e estamos de parabéns.”

Outros resultados: fase de grupos - Portugal-Chéquia, 5-1; Portugal-Polónia, 2-1; meia-final - Portugal-Ucrânia, 1-3.

Dois desempates consecutivos perdidos nos penáltis custaram duas derrotas a Portugal, no torneio masculino, e o 4.º lugar foi a classificação final.

Primeiro aconteceu na meia-final com a Suíça. Portugal perdeu aí o acesso à disputa da renovação da medalha de ouro conquistada há quatro anos, em Minsk. E foi precisamente na reedição desse jogo, com a Espanha, que Portugal perdeu a medalha de bronze.

Nivelados do princípio ao fim, os três períodos do jogo acabaram sempre empatados, 1-1, 3-3 e 1-1, tendo o prolongamento ficado 0-0. No desempate por penáltis, Portugal não conseguiu concretizar nenhuma das quatro tentativas, ao passo que a Espanha fez dois golos e levou a medalha.

Penáltis: Jordan Santos 0-0 (defendido); Francisco Mejias 0-0 (defendido); André Lourenço 0-0 (defendido); Pedro Garcia 0-1; Rui Coimbra 0-1 (por cima); Jose Arias 0-2; Duarte Algarvio 0-2 (defendido).

Outros resultados: fase de grupos - Portugal-Espanha, 7-5; Portugal-Azerbaijão, 5-2; Portugal-Polónia, 6-2; meia-final - Portugal-Suíça, 4-4 (3-4, pen.).

JUDO

Portugal esteve na discussão da medalha de bronze na competição de equipas mistas de Judo, mas acabou por ficar no 5.º lugar, subindo ao pódio a Itália, que venceu a jornada decisiva por 4-0. A outra medalha de bronze foi para a equipa dos Países Baixos, a prata para a Alemanha e o ouro para a Geórgia.

Até chegar ao bloco das finais, a Equipa Portugal venceu a Bulgária por 4-1, a Grécia pelo mesmo resultado e nos quartos-de-final cedeu perante os Países Baixos, por 0-4. Nas repescagens Portugal venceu a Hungria, por 4-3, para a seguir ceder ante a Itália. Compuseram a equipa portuguesa Diogo Brites (+90kg), Ana Agulhas (-57kg), João Crisóstomo (-73kg), Tais Pina (-70kg), Diogo Luís (-90 kg), Carolina Paiva (+70 kg) e Vasco Rompão (+90 kg).

KARATÉ

Ana Cruz conquistou a medalha de bronze na disciplina de kata, a primeira da Equipa Portugal nos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023.

A karateca portuguesa perdeu na meia-final frente à espanhola Paola Lozano, tendo ambas escolhido o kata “Papuren” para decidir quem ia à final. Venceu a espanhola, com 43.40 pontos, enquanto Ana Cruz somou 42 pontos exatos e ganhou assim direito a uma das medalhas de bronze.



Ana Cruz garantiu mais um bronze para o Karaté, na disciplina de kata

Para chegar à meia-final, a atleta da Equipa Portugal terminou a poule A na 2.ª posição, com duas vitórias e uma derrota. Começou por vencer a polaca Anna Kowalska, executando o kata “Kururunfa”, que lhe valeu 40.40 pontos, face aos 37.90 da adversária. A seguir teve pela frente a checa Veronika Miskova e o seu kata “Ohan Dai” foi pontuado pelos juizes com 41.90, ao passo que 41.70 foi a pontuação da oponente. No último encontro da poule, Ana Cruz teve pela frente a francesa Helvetia Taily e escolheu executar o kata “Chatanyara Kushanku”, sendo avaliada com 41.20 pontos. Mas Taily recebeu 42.30 e conseguiu o 1.º lugar na poule.

“É muito bom, gratificante todo o esforço diário. Apesar de ter perdido a meia-final, estive muito bem, no limite das minhas capacidades. É gratificante ter acabado com grande performance e ter recebido a medalha do terceiro lugar. Já tenho alguma imagem no karaté de nunca desistir. Estive mais de 15 anos a tentar ser campeã nacional. Esta mensagem é para os portugueses nunca desistirem, mesmo quando as coisas não correm bem. Nunca desistam, deem tudo e vamos conseguir mais medalhas, tenho a certeza.”

Tiago Duarte entrou em ação no torneio de kumite -75kg, não conseguindo ultrapassar a fase de grupos, o que o levou a concluir a competição no 7.º lugar. O atleta português somou duas

IMPULSO

BOLSAS DE EDUCAÇÃO



O Programa Impulso | Bolsas de Educação Jogos Santa Casa visa apoiar a formação de atletas olímpicos, paralímpicos e surdolímpicos, dando-lhes o impulso necessário para conjugarem a sua exigente prática desportiva com o percurso académico e, assim, prepará-los para as conquistas do futuro.

+

422

BOLSAS ATRIBUÍDAS

+1.2 MILHÕES

EUROS DISTRIBUÍDOS

215

ATLETAS APOIADOS

24

MODALIDADES

+

+

JUNTA A EDUCAÇÃO À AMBIÇÃO DESPORTIVA



COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL



derrotas na Arena de Bielsko-Biala, primeiro perante o italiano Daniele de Vivo, por 0-5, e depois frente ao ucraniano Andrii Zaplitny, por 0-2. Fechou a fase de grupos com um empate a zeros face a Farid Aghayev, do Azerbaijão.



Matilde Ferreira e Gonçalo Noites ganharam ambos prata na estreia do Muaythai

MUAYTHAI

Duas medalhas de prata num só dia. Foi assim que terminou a participação da Equipa Portugal na competição de Muaythai em Cracóvia-Malopolska 2023. Primeiro foi Gonçalo Noites a enfrentar o ucraniano Oleksandr Yefimenko na final da categoria de -71kg, depois Matilde Ferreira participou na decisão da categoria de -57 kg. E os dois ficaram com medalhas de prata, na sequência de uma competição de estreia histórica.

Gonçalo Noites teve decisões desfavoráveis dos juizes nos três “rounds” e o resultado final foi de 27-30 para Yefimenko. A explicação do atleta português: “Lutei com o campeão do mundo [na meia-final], um combate duríssimo, fiquei com alguns pontos na canela. Tudo isso contribuiu para que não estivesse no meu melhor [na final]. Mesmo assim, dei o máximo de mim, mas a vitória sorriu ao meu adversário. Comecei o primeiro ‘round’ a perder, senti o ucraniano mais fresco, com mais energia, mais força. Claro que isso tudo contribuiu. Pode ter tido combates um pouco mais fáceis e chegou à final em melhor estado do que eu. Apesar de tudo, dou-lhe os parabéns. Esteve melhor e mereceu a vitória. Resta-me descansar e treinar para voltar mais forte.”

Igual resultado teve Matilde Ferreira na final frente à sueca Patricia Axling, um 27-30 que traduz decisão unânime dos juizes. A explicação da atleta da Equipa Portugal: “Tentei dar o meu melhor, bater-me de igual para igual, mas a adversária era muito boa mesmo. Dou-lhe os parabéns. Dei o meu melhor, é o que conta.” A medalha deixou Matilde Ferreira muito contente. “É um sonho que nunca esteve tão perto. Conseguir é maravilhoso, gratificante, tornar um sonho realidade. O desporto faz isso.”

Gonçalo Noites venceu, na meia-final, o polaco Jakub Rajewski, com triunfos nos três “rounds” e decisões unânimes dos juizes, o que lhe deu um agregado final de 30 pontos, contra 27 do adversário. Matilde Rodrigues enfrentou na meia-final a finlandesa Miina Sirkeo e conseguiu igualmente vitórias nos três “rounds”, o que também lhe deu um total de 30 pontos, face aos 27 da adversária.

Nos quartos-de-final, Gonçalo Noites dominou por completo o sueco Rasmus Eriksson. Matilde Rodrigues venceu frente à dinamarquesa Anne Sandgaard (-57 kg).

Filipa Oliveira foi eliminada a abrir na categoria de -54 kg pela georgiana Helene Loladze, por 10-9. Luís Morais (-91 kg) foi afastado pelo italiano Enrico Pellegrino por KO.

NATAÇÃO ARTÍSTICA

Cheila Vieira e Maria Beatriz Gonçalves foram 7.ªs classificadas na final de dueto livre, na competição de duplas femininas. Na piscina de Oswiecim, as duas portuguesas somaram 171.3731 pontos, tendo o exercício “Fogo” sido avaliado com uma dificuldade de 23.800 pontos, 86.5231 nos elementos e 84.8500 em impressão artística, no dia em que Beatriz Gonçalves completou 24 anos. Na qualificação, as nadadoras portuguesas ficaram no 8.º lugar, com 183.3063 pontos, sendo um dos doze duos apurados entre os 18 participantes que estiveram na fase preliminar. O exercício apresentado por Maria Beatriz Gonçalves e Cheila Vieira teve um grau de dificuldade de 26.15, sendo os elementos avaliados com 99.4063 e a impressão artística recebeu 83.9.

Já na prova de dueto técnico, Cheila Vieira e Beatriz Gonçalves foram 11.ªs classificadas. O exercício “Rodeo”, que apresentaram, foi pontuado com um total de 201.6166 pontos. A dificuldade teve a avaliação de 21.650, somando-se mais 107.3166 dos elementos e 94.3000 pontos de impressão artística. A vitória foi para a dupla austríaca Anna-Maria Alexandri e Eirini Marina Alexandri com 266.4584, as neerlandesas Bregje de Brouwer e Marloes Steenbeek foram 2.ªs e o 3.º lugar ficou para as gregas Sofia Malkogeorgou e Evangelia Platanioti.

Na competição de equipas, Portugal obteve duas classificações de 7.º lugar. Na prova acrobática, as nadadoras portuguesas somaram 155.8400 pontos, dos quais 14.800 foram atribuídos pela dificuldade, 84.7400 aos elementos e 72.1000 à impressão artística - a equipa teve um ponto de penalização. Quem venceu a competição foi a França, com 214.2833 pontos. Marta Moreira, Lara Botelho, Beatriz Gama, Filipa Faria, Inês Dubini, Carlota Fonseca, Anna Carvalho, Mariana Rocha, Joana Rosa e Matilde Sousa integraram a equipa. No exercício técnico, a equipa portuguesa pontuou um total de 184.6558, sendo que a dificuldade foi valorizada em 22.250, os elementos em 99.6558 e a impressão artística em 85.0000. Venceu a prova a equipa espanhola com 278.4066, seguida da Itália (249.1145) e da França com 242.6716.

PADEL

“Hoje foi o espírito de luta que ambos temos, saber sofrer, saber aguentar e a recompensa veio”. Foi desta forma que Afonso Fazendeiro resumiu o jogo que deu a medalha de bronze à Equipa Portugal. E foram precisas duas horas e meia de jogo e três “sets” para ganhar aos italianos Simone Cremona e Marco Cassetta.

O primeiro “set” foi decidido no “tie-break”, por 8-6, com vantagem italiana. No segundo “set”, Portugal voltou determinado a vencer e conseguiu fechar o marcador em 7-5, beneficiando de um “break” no último serviço italiano. A história do 3.º ‘set’ foi mais curta, com os portugueses a vencerem por 6-0, tirando vantagem de um dos jogadores italianos apresentar já dificuldades físicas.

“Para nós é uma honra estar a representar o Comité Olímpico. Sabíamos que era o jogo das nossas vidas. Estamos muito felizes e quero agradecer ao Afonso todo o esforço e sacrifício”, disse Miguel Oliveira. “Somos muito amigos e não podia estar mais contente por estar a partilhar este momento com ele”.

Os jogadores da Equipa Portugal, 5.ªs cabeças-de-série do torneio, enfrentaram nas meias-finais os espanhóis Alonso Rodriguez e Pablo Garcia, os melhores posicionados do ranking presentes em Cracóvia, e perderam em dois “sets”, com os parciais de 5-7, 3-6. Para chegarem a esta fase, Afonso Fazendeiro e Miguel Oliveira venceram em dois “sets” os franceses Adrien Maignet e Benjamin Tison, ambos por 7-6, nos quartos-de-final, e os austríacos Domink Bierent e Michal-Krzyszto Brzuszkiewicz (6-1 e 6-0) na ronda inicial.

Miguel Deus e Nuno Deus classificaram-se no 5.º lugar, depois de vitórias sobre os austríacos Rainhard Boisits e David Pilsner (6-2, 6-1) e os suíços Jordan-Wenger (6-1, 6-0), e uma derrota nos quartos-de-final frente aos espanhóis Daniel Santigosa e David Gala 2-6, 6-7).

Em pares mistos, Miguel Deus e Catarina Vilela foram afastados nos quartos-de-final pelos franceses Lucile Pothier e Thomas Leygue (7-5, 4-6, 2-6). Na ronda de 16 venceram Sten Richters e Janine Hemmes, dos Países Baixos (2-6, 6-3, 6-4). Foram 5.ªs classificados. Nuno Deus e Kátia Rodrigues perderam nessa fase por duplo 4-6 perante os alemães Victoria Kurz e Matthias Wunner, classificando-se no 9.º lugar final.

Catarina Vilela e Kátia Rodrigues terminaram a participação na ronda de 32 duplas femininas, perdendo frente às dinamarquesas Maria Rasmussen e Gitte Haxen (7-5, 6-7 e 3-6). Catarina Santos e Margarida Fernandes também foram eliminadas na ronda de 32, com as francesas Jessica Barbier e Lucile Pothier (5-7, 6-4, 2-6). As duas duplas nacionais ficaram ambas no 17.º lugar.

Miguel Oliveira e Afonso Fazendeiro foram ao pódio na primeira vez do Padel em Jogos Europeus



PENTATLO MODERNO

Duarte Taleigo terminou a qualificação para as meias-finais de Pentatlo Moderno na 48.ª posição e ficou com o estatuto de reserva. O atleta da Equipa Portugal foi o 26.º (em 30 atletas) no grupo B, com 1130 pontos, na sequência de um 19.º lugar na prova de Natação – cobriu os 200m livres em 2.05,39 – que lhe valeu 300 pontos; um 10.º lugar na Esgrima, fruto de 16 vitórias e 13 derrotas (222 pontos), e o 30.º lugar no Laser Run (corrida e tiro), em que somou mais 608 pontos.

No conjunto das classificações de grupo A e grupo B, Duarte Taleigo foi o 48.º, em 59 participantes, sendo que para as meias-finais se qualificaram os primeiros 36 (18 do grupo A+18 do grupo B).

RÂGUEBI

Portugal terminou o torneio de Râguebi Sevens masculino no 4.º lugar, depois de perder (0-42) o jogo pela medalha de bronze com a Espanha. Com este resultado a Equipa Portugal ficou também fora do apuramento para os Jogos Olímpicos Paris 2024.

Outros resultados: fase de grupos – Portugal-Lituânia, 38-12; Portugal-Roménia, 45-7; Portugal-Grã-Bretanha, 5-31; quartos-de-final – Portugal-Geórgia, 31-5.

Já a seleção feminina, terminou no 8.º lugar, depois das derrotas por 7-34 frente à Itália e por 7-22 com a Alemanha, na definição da classificação entre as 5.ª e 8.ª posições.

Outros resultados: fase de grupos – Portugal-Alemanha, 19-17; Portugal-Polónia, 0-26; Portugal-Turquia, 36-5; quartos-de-final – Portugal-Bélgica, 5-22.

TAEKWONDO

Júlio Ferreira, Joana Cunha e Rui Bragança não passaram da ronda inicial na competição de Taekwondo, em Krynica-Zdrój, e classificaram-se todos no 11.º lugar. Na categoria de -80 kg, Júlio Ferreira foi afastado na ronda de 16 pelo ucraniano Kostiantyn Kostenevych, 5.º cabeça-de-série do torneio, por 2-0. Com a derrota do ucraniano nos quartos-de-final, frente ao polaco Szymon Piatkowski, ficou também impossibilitada a repescagem de Júlio Ferreira para as fases posteriores da competição, porque Kostenevych teria de atingir a final, condição obrigatória para o atleta português poder continuar em prova.

Joana Cunha (-57 kg) perdeu na ronda inicial perante a polaca Patrycja Adamkiewicz por 2-0 (3-4, 1-13). Com a eliminação da polaca nos quartos-de-final terminaram também as esperanças de Joana Cunha ser repescada.

Rui Bragança (-58 kg) também não foi repescado depois de ter perdido com o francês Cyrian Ravet, por 2-0 (2-4, 10-12), na ronda de 16, porque o francês não conseguiu igualmente atingir a final.

TÊNIS DE MESA

Marcos Freitas conquistou em Cracóvia-Malopolska a medalha de prata do torneio individual masculino, depois de uma final decidida em sete partidas com o francês Felix Lebrun, de 16 anos.

O mesatenista da Equipa Portugal esteve em vantagem no jogo decisivo, a 1-0 (11-9) e 3-2 (5-11, 5-11, 11-4, 11-6), mas Lebrun conseguiu dar a volta (2-11, 11-13) e levou a medalha de ouro. “Não deixa de ser uma grande prova e uma medalha para Portugal”, disse Marcos Freitas no final. “Sabe a pouco, queria o ouro e trabalhei para isso, mas analisando a prova toda foi um bom resultado, seis jogos, cinco vitórias.”

Marcos Freitas somou assim a sua terceira medalha em Jogos Europeus, a primeira de prata, depois do ouro por equipas em Baku 2015 e o bronze em Minsk 2019. Até à final, o jogador português registou seis vitórias: Dimitrije Levajac (Sérvia), 11-9, 11-7, 11-3, 11-8; Tomislav Pucar (Croácia), 11-9, 11-7, 11-7, 7-11, 9-11, 11-1; Kristian Karlsson (Suécia), 7-11, 6-11, 13-11, 11-6, 5-11, 11-8, 11-9; Darko Jorgic (Eslovénia), 11-9, 11-7, 11-9, 8-11, 11-13, 11-4; Alexis Lebrun (França), 11-9, 7-11, 8-11, 12-10, 11-8, 11-6.

João Geraldo foi eliminado, na ronda de 32, num jogo resolvido em sete partidas (3-4), frente ao belga Cédric Nuytinck. O mesatenista da Equipa Portugal esteve a ganhar por 3-0 (11-8, 12-10, 11-4), mas viu o belga virar o resultado nos quatro parciais seguintes (8-11, 9-11, 4-11 e 7-11).

A segunda medalha ganha pelo Ténis de Mesa nos Jogos Europeus 2023 teve a autoria da equipa feminina, melhor do que a França no encontro pela medalha de bronze.

Matilde Pinto e Fu Yu entraram para o primeiro jogo de pares frente a Camille Lutz e Prithika Pavade, tendo vencido com os parciais de 11-4, 9-11, 11-7, 11-4. Depois Jieni Shao protagonizou uma grande recuperação e galvanizou a equipa para a vitória. De uma desvantagem nos dois primeiros ‘sets’ (6-11 e 8-11), Jieni Shao deu a volta nos três ‘sets’ seguintes, todos ganhos por 11-7, e levou Portugal à vantagem com duas vitórias. No terceiro jogo, que opôs, Fu Yu a Prithika Pavade, a vitória voltou a ser portuguesa (11-8, 7-11, 11-7 e 11-9) e ficou confirmado o 3.º lugar na competição de equipas femininas.

Matilde Pinto, de apenas 17 anos, fez o par com a experiente Fu Yu e não podia estar mais satisfeita por subir ao pódio. “Foi uma prestação muito boa, com a minha idade poder estar nesta equipa e ficar em 3.º lugar, fico mesmo feliz. Fomos todas muito unidas o que fez com que jogássemos melhor e a Fu e a Jieni tiveram um papel importante para ganharmos”. Também Fu Yu se mostrou satisfeita por conseguir juntar um pódio de equipas ao seu palmarés. “[A medalha] significa muito, só faltava a de equipas. Eramos cabeças-de-série de equipas por isso tudo era possível”. A jogadora não esqueceu a sua colega Jieni Shao no momento de fazer o balanço da partida frente à França. “Ganhámos o jogo de pares e ficamos mais descansadas porque se perdéssemos era mais difícil. Depois a Jieni estava a perder 2-0 e ganhou 3-2, e isso deu-me ainda mais força”.

E foi por muito pouco que a equipa masculina de Ténis de Mesa não subiu também ao pódio. Frente à França, no jogo que decidia o 3.º lugar e a medalha de bronze, o conjunto português entrou melhor com a vitória nos pares – Marcos Freitas e Tiago Apolónia bateram Simon Gauzy e Alexis Lebrun em três ‘sets’ –



Ténis de Mesa conquistou duas medalhas: a prata individual de Marcos Freitas e o bronze da equipa feminina



12-10, 12-10 e 11-3. João Geraldo entrou depois para o primeiro dos jogos de singulares, tendo cedido perante Felix Lebrun, por 6-11, 6-11 e 11-13. Tiago Apolónia relançou a equipa portuguesa com a vitória perante Alexis Lebrun, por 11-8, 4-11, 11-9, 13-11, mas, na reedição da final de singulares, Marcos Freitas voltou a perder com Felix Lebrun, desta vez por 1-3 (8-11, 11-9, 11-13, 7-11). Tudo seria decidido no quinto jogo entre Portugal e França, que colocou frente-a-frente João Geraldo e Simon Gauzy. O francês esteve sempre na frente do marcador, acabando por vencer por 3-0, com os parciais de 8-11, 9-11 e 6-11, relegando Portugal para o 4.º lugar.

No quadro feminino individual, depois do ouro ganhou em Minsk 2019, Fu Yu foi eliminada, em Cracóvia-Malopolska, nos quartos-de-final, por Xiaoxin Yan, do Mónaco (0-4). Antes Fu Yu venceu a espanhola Sofia Zhang (4-0: 11-8, 11-4, 11-6, 11-5) e a francesa Prithika Pavade (4-2: 11-6, 8-11, 11-4, 7-11, 11-6, 12-10).

Jieni Shao, por seu lado, terminou a competição na ronda de 16, na qual foi eliminada pela alemã Nina Mittelham (4-1: 8-11, 9-11, 3-11, 11-9, 6-11), depois de ter vencido na ronda de 32 a húngara Mercedes Nagyvaradi (4-0: 11-8, 11-8, 11-9, 11-6).

TEQBALL

A estreia do Teqball nos Jogos Europeus rendeu à Equipa Portugal dois 5.ºs lugares, em pares mistos e pares femininos, três 9.ºs posições em singulares masculinos e femininos, e também em pares masculinos.

Carla Couto e Manuela Parente protagonizaram o 5.º lugar nas duplas femininas, tendo sido afastadas nos quartos-de-final pelas francesas Amelie Julian e Elisa Lanche, por 2-0 (12-10, 12-10). Na fase de grupos, somaram uma vitória frente à dupla ucraniana Kateryna Fesenko-Daria Zelenska, por 2-0 (12-5 e 12-11), e uma derrota com as húngaras Lea Vasas-Zsanett Janicsek, por 2-0 (2-12 e 5-12).

Manuela Parente e Luís Santos foram 5.ºs classificados na prova de pares mistos. A dupla portuguesa caiu nos quartos-de-final perante os sérvios Maja Umicevic-Nikola Mitro, por 6-12 e 4-12. Para chegar a esse patamar, a dupla portuguesa teve de ultrapassar a fase de grupos, vencendo o primeiro jogo frente aos dinamarqueses Mathias Jeppesen-Mira Dahlmann por 2-0 (12-10 e 12-4). Depois cedeu perante os checos Lukas Flaks-Gabriela Zachova também em dois 'sets' (10-12 e 7-12). O último jogo da fase de grupos foi de vitória perante os alemães Stella Gloeckner -Yannic Staechelin, por 12-5 e 12-4.

João Pinheiro e Luís Santos venceram sem grande dificuldade os alemães Yannic Staechelin-Jon Nielsen, por 2-0 (12-6, 12-1), na 1.ª jornada. No segundo jogo, os franceses Hugo Rabeaux-Lionel Beyer venceram por 12-9 e 12-6, e com o 2.º lugar no grupo D os portugueses não passaram aos quartos-de-final, destinados aos vencedores de cada grupo e aos dois melhores segundos classificados, terminando a participação na Polónia no 9.º lugar.

Com uma vitória e uma derrota na fase de grupos, João Pinheiro não chegou aos quartos-de-final no torneio de singulares masculinos e classificou-se na 9.ª posição. Abriu a competição com uma vitória, por 2-0 (12-11, 12-6), frente ao eslovaco Marian Badar, mas o resultado com o romeno Apor Gyoergydeak, cam-

peão do mundo em título e líder do ranking mundial, resultou em derrota, com os parciais de 4-12 e 3-12.

Carla Couto, com 145 internacionalizações pela seleção nacional de Futebol feminino, também finalizou a sua participação nos Jogos Europeus como 9.ª classificada. Na fase de grupos, perdeu o primeiro jogo por duplo 11-12 frente à checa Iva Burvalova, mas ganhou de seguida à eslovaca Adriana Kecerova, por 12-5 e 12-6. Perdeu depois com a romena Kinga Barabasi, por 7-12 e 4-12, sem conseguir progredir para os quartos-de-final.

TIRO

João Costa foi o 5.º classificado na final da competição de Tiro, pistola 10m, com 197.1 pontos. O atirador da Equipa Portugal chegou à 4.ª série da final, tendo somado sucessivamente 48.7, 49, 50.6 e 48.8 pontos, não chegando a atirar na 5.ª, só acessível aos quatro mais pontuados. Ganhou o ouro o turco Ismail Keles, o alemão Robin Walter ficou com a prata e o bronze foi para o italiano Paolo Monna.

Na qualificação, o atirador da Equipa Portugal foi 8.º, com 578 pontos. Nessa fase, o melhor foi o letão Lauris Strautmanis, com 583 pontos.

Já na prova feminina, Joana Castelão foi 30.ª classificada, com 562 pontos. A 1.ª na qualificação foi a grega Anna Korakaki, com 580 pontos, e a última a qualificar-se, no 8.º lugar, foi a polaca Julita Borek, com 575 pontos. Na competição de pistola 25m, Joana Castelão acabou no 13.º lugar (578 pontos). Depois de ter sido 10.ª na precisão (289 pontos), acabou 13.ª, após o tiro de velocidade.

Na prova de equipas mistas, com pistola 10m, João Costa e Joana Castelão finalizaram no 25.º lugar. Os atiradores da Equipa Portugal somaram 561 pontos - João Costa 285 e Joana Castelão 276 - e ficaram fora da ronda das medalhas, só acessível às primeiras quatro equipas entre as 28 que participaram na qualificação.

TIRO COM ARCO

Nuno Carneiro terminou a sua participação na 1.ª ronda da fase a eliminar na competição de Tiro com Arco, o que correspondeu ao 33.º lugar final.

O arqueiro da Equipa Portugal perdeu a eliminatória na disciplina de recurvo individual frente ao francês Nicolas Bernardi, por 6-2. Bernardi começou por ganhar o primeiro "set" (três flechas cada um) por 28-25, fazendo 2-0, e a seguir dilatou a vantagem para 4-0, com novo triunfo no segundo "set", por 29-26. Nuno Carneiro reduziu para 2-4, ganhando o terceiro "set" por 28-25, e de seguida o arqueiro francês fechou o encontro em 6-2, com a vitória no quarto "set", por 30-27.

Na ronda de seriação para as eliminatórias individuais, Nuno Carneiro foi o 45.º classificado entre 47 participantes, com um total de 622 pontos.

TIRO COM ARMAS DE CAÇA

A equipa masculina de Tiro com Armas de Caça, com Armelino Rodrigues, João Paulo Azevedo e José Bruno Faria, conquistou o bronze e deu à Equipa Portugal a 16.ª medalha nos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska, no último dia de competição.

A Equipa Portugal foi ao "match" pela medalha de bronze com a Itália e ganhou as três séries de 15 pratos (cinco por atirador) cada uma, estabelecendo o resultado final em 6-0. João Paulo Azevedo fez o pleno de 15 pratos partidos, José Bruno Faria e Armelino Rodrigues partiram 13 cada um.

Na qualificação, pela manhã, a Equipa Portugal tinha ficado a um prato do "match" pela medalha de ouro, com 217 acertos, ao passo que Eslováquia e Croácia fizeram ambas 218. O Tiro com Armas de Caça estreou-se assim no medalheiro da Equipa Portugal à terceira participação nos Jogos Europeus.

Armelino Rodrigues: "Esta medalha representa o trabalho de muitos anos e mostra que faz mais quem quer do que quem pode. Disputámos uma prova em que muitos atiradores são profissionais e nós conseguimos sobrepor-nos a alguns. É um grande mérito para o nosso País." João Paulo Azevedo: "Comecei por ir à final da prova individual, não consegui chegar às medalhas, mas aqui estivemos bem e ficámos a um tiro de ir disputar a medalha de ouro. Esta é de todos os portugueses. Estamos no bom caminho e vamos ganhar mais para Portugal." José Bruno Faria: "Cumprir o objetivo que foi proposto, ajudar os meus cole-

gas. Esta é a primeira medalha em Jogos Europeus e estou muito orgulhoso."

Nas equipas mistas, Portugal foi 14.º. João Paulo Azevedo e Inês Barros somaram um total de 139 pratos, nas três séries de 50 (25 para cada um). João Paulo Azevedo fez uma sequência de 23+24+23 pratos, nas três séries, ao passo que Inês Barros somou 22+25+22.

João Paulo Azevedo qualificou-se para a final da competição individual masculina e foi 7.º. O atirador da Equipa Portugal foi um dos oito qualificados para os dois "matches" da final, mas acabou por ser o primeiro eliminado, ao totalizar onze pratos partidos em 15. Na qualificação, João Paulo Azevedo tinha terminado empatado a 121 pratos com mais cinco atiradores - entre os quais estava Armelino Rodrigues - e teve de participar no "shoot off" para tentar ganhar uma das duas vagas disponíveis na final, tendo sido bem-sucedido.

Armelino Rodrigues totalizou a qualificação com 121 pratos partidos e terminou no 11.º lugar, o que lhe permitiu ir ainda ao desempate para tentar chegar à final, mas falhou o primeiro prato do "shoot-off" e ficou afastado da decisão das medalhas. O atirador da Equipa Portugal tinha 99 pratos partidos em 100, mas na última série de 25, na qualificação, totalizou 22, o que lhe tirou o acesso direto à final, remetendo-o para o desempate que teve desfecho desfavorável.

Maria Inês Barros foi a 14.ª classificada na prova individual feminina, com 115 pratos partidos (22+24+22+24+23 pratos). Com este resultado ficou fora da final.

Equipa masculina de Tiro com Armas de Caça (trap) ganhou bronze



Equipa Portugal bateu o recorde de seis medalhas conquistadas em Patras 2019, com quatro pratas e três bronzes em **HERAKLION 2023**

OBJETIVOS SUPERADOS NOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO DE PRAIA



A cidade grega de Heraklion, na ilha de Creta, recebeu a 3.ª edição dos Jogos do Mediterrâneo de Praia. Para a Equipa Portugal foi a segunda participação consecutiva na competição, depois da presença em Patras 2019, na sequência da admissão do Comité Olímpico de Portugal (COP) como membro do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo (CIJM).

Mais de 1500 atletas dos 26 países que compõem o CIJM estiveram em ação, entre os dias 9 e 16 de setembro, num programa desportivo composto por 13 modalidades nas suas variantes de praia. Portugal esteve representado por 40 atletas em nove dessas modalidades: Andebol de Praia, Canoagem de Mar, Futebol de Praia, Lutas de Praia, Natação de Águas Abertas, Remo de Mar, Ténis de Praia, Triatle e Voleibol de Praia.

A Missão portuguesa partiu com o objetivo de igualar os resultados da edição de 2019, também na Grécia, onde con-

quistou seis medalhas (uma de ouro e cinco de prata) com um número superior de atletas (53). Não obstante a participação em menor número e a exclusão da estafeta mista de Natação de Águas Abertas, responsável pela medalha de ouro em Patras, Portugal superou o número de medalhas alcançadas com sete: quatro pratas e três bronzes.

Para além das medalhas, a prestação positiva da Equipa Portugal traduziu-se na conquista de nove classificações entre o 4.º e o 8.º lugar, que elevaram para 16 o total de diplomas conquistados. Quantos às modalidades, a Natação de Águas Abertas saiu como a mais medalhada, com uma prata e um bronze. Os pódios foram conquistados em seis das nove modalidades/disciplinas em que houve participação portuguesa, enquanto os diplomas aumentaram esse número para nove, garantindo, pelo menos, uma presença entre os oito primeiros lugares em todas as modalidades.

ANDEBOL DE PRAIA

Portugal esteve apenas representado pela equipa feminina de Andebol de Praia em Heraklion, tendo conquistado a medalha de bronze após uma vitória na discussão pelo 3.º e 4.º lugar com a Itália. O selecionador Agustin Rodríguez contou com Sofia Gonçalves, Catarina Teixeira, Helena Corro, Sofia Rego, Daniela Mendes, Catarina Oliveira, Sara Pinho, Joana Delgado, Maria Marques e Maria Antunes para um torneio com nove equipas num grupo único, com a classificação a ditar os adversários nas fases a eliminar.

A estreia vitoriosa (2-0) frente à Croácia foi seguida por uma derrota (0-2) com a Grécia no mesmo dia. Dois triunfos consecutivos, frente a Itália (2-0) e Tunísia (2-0), colocaram Portugal com presença garantida na meia-final e a discutir apenas a classificação final do grupo. A segunda derrota, frente a Espanha (0-2), e uma vitória frente ao Chipre (2-0) ditaram o 3.º lugar e um encontro marcado com a Grécia na meia-final.

Numa partida decidida nos pormenores, a vitória (0-2) foi para a anfitriã, mas a vitória na discussão pelo bronze, frente a Itália (2-0), ditou o pódio para as portuguesas.

“É indescritível. Trabalhámos muito o ano todo para estar aqui. Se calhar não conseguimos dar tudo em todos os jogos, porque somos uma equipa ainda bastante jovem e temos elementos novos na equipa que veio aqui, mas o terceiro lugar tem um sabor indescritível. Por nós, por quem está cá e por quem está em casa a torcer por nós”, expressou Helena Corro, uma das capitãs de equipa.



Andebol de Praia feminino ficou com o bronze

A emoção foi replicada por Catarina Oliveira, outra das capitãs: “Sabíamos que éramos capazes de chegar à final, por isso o sentimento é agridoce. Com a Grécia, na meia-final, acho que não demos tudo de nós, mas é um sentimento muito feliz porque o bronze é uma medalha para o nosso País, para nós, para a família e estamos muito contentes. Tivemos um apoio incrível do Comité Olímpico, das outras modalidades e um apoio incondicional de toda a gente.”

UM TESTEMUNHO DO ESPÍRITO DESPORTIVO

Os Jogos do Mediterrâneo de Praia são um evento multidesportivo que reúne países da região do Mediterrâneo para competir em diversos desportos e atividades realizadas no mar e na praia.

Estes jogos representam uma convergência de culturas, uma oportunidade para nações oriundas de três continentes se unirem e celebrarem a essência do desporto no meio da bela paisagem costeira.

Portugal teve uma notável participação na 3ª edição dos Jogos, que se realizaram em Heraklion, em setembro passado, conquistando sete medalhas - quatro de prata e três de bronze -, superando assim a estreia neste evento em 2019.

O sucesso desta missão é um testemunho da capacidade atlética, da unidade e do espírito desportivo da nossa nação, que deve aproveitar esta oportunidade para incentivar a participação dos jovens, identificar e fomentar talentos e desenvolver programas de base nos desportos de praia.

Nestes Jogos celebrámos não só a busca pela vitória, mas também a camaradagem e as amizades que se formam. À medida que os nossos atletas competiam com vigor e dignidade, foram criadas ligações que transcendem fronteiras, promovendo a boa vontade e a compreensão entre as nações mediterrânicas.



CATARINA MONTEIRO
Chefe de Missão



Sprint final valeu a prata a Bernardo Pereira

CANOAGEM DE MAR

Bernardo Pereira foi o responsável pela medalha na Canoa de Mar com uma prata conquistada ao sprint, no final dos 10km masculinos. O português só foi superado pelo múltiplo campeão do Mundo, o espanhol Walter Sanchez, com os restantes dois lugares do pódio a serem discutidos até à meta.

O canoísta levou a melhor sobre o francês Hector Henot, já em corrida na areia, num último esforço necessário “para provar que a prata era para Portugal”: “Sentia que era possível ganhar, mas durante a prova, também devido a um erro, essa possibilidade ficou condicionada. Apesar disso, a luta pelo segundo e terceiro lugar durou quase metade da prova e só se decidiu no arranque final. Acho que fui forte o suficiente para provar que a prata era para Portugal.”

“O sentimento é de dever cumprido. Todos nós estamos a representar o nosso país com o mesmo objetivo, que é de levar os melhores resultados para casa, e o melhor resultado foi mesmo a prata. É a primeira vez com o símbolo do Comité Olímpico ao peito. É claro que é um sentimento diferente, mas continua a ser de realização e de dever cumprido”, concluiu Bernardo Pereira.

Nos 10km femininos, Sara Sotero foi a representante portuguesa, tendo terminado no 4.º lugar da classificação geral atrás das espanholas Judit Xifra, 1.ª classificada, e Amaia Olaberri, 3.ª, e da francesa Thais Delrie, 2.ª.

FUTEBOL DE PRAIA

Tal como em Patras 2019, a equipa masculina de Futebol de Praia terminou com a medalha de prata. Se na última edição foi a Itália a conquistar o ouro, desta vez foi Espanha a impedir que a equipa portuguesa subisse ao lugar mais alto do pódio com um triunfo na final, por 3-0.

Mário Narciso convocou Miguel Pintado, Ruben Regufe, Bruno Torres, Bernardo Santos, André Lourenço, Elinton Andrade, Leonardo Santos, Jordan Santos, Rodrigo Pinhal, Rúben Brilhante, Rui Coimbra e Bernardo Lopes para tentar melhorar o resultado da última edição.

Inserido num grupo de três equipas, Portugal entrou em ação frente ao Egito, com uma vitória (5-3) no prolongamento, que deixava mais perto a presença na final. Para isso era preciso não perder com a Itália, tarefa que acabou por se revelar complicada. Foi só no desempate por grandes penalidades que os comandados de Mário Narciso asseguraram a vitória, depois um empate no final do prolongamento (4-4).

Na final venceu a Espanha por 3-0, deixando a prata para Portugal, uma medalha com um sabor “amargo” para o capitão Bruno Torres: “Esta equipa está habituada a ganhar. Independentemente de tudo, fica sempre um sabor amargo, como é óbvio. Com isto, não estamos a querer dizer que desvalorizamos a medalha de prata, porque tem sempre um sabor especial.”



Derrota (3-0) com a Espanha deu a prata a Portugal

“O nosso objetivo quando cá chegámos era o ouro, nunca escondemos isso. Lutamos sempre pelo primeiro lugar. Temos de estar orgulhosos daquilo que conseguimos, mas não satisfeitos. Queríamos superar aquilo que conquistámos em 2019, queríamos o ouro e esse era o grande objetivo”, reforçou o também capitão Rui Coimbra.

LUTAS DE PRAIA

Leandro Gomes (-70kg) e Sónia Brazio (-70kg) foram os representantes portugueses nas Lutas de Praia, que se disputaram durante dois dias de competição.

Leandro Gomes foi o primeiro a competir, tendo sido derrotado (3-0) frente ao argelino Yahia Gacem no combate de acesso à fase de grupos. O português ficou no 9.º lugar da classificação. No dia seguinte foi a vez de Sónia Brazio, que foi derrotada nos dois combates por 3-0, primeiro pela grega Lygeri-Athanasia Voulgari, depois pela francesa Mathilde Guedon, terminando no 8.º lugar.

NATAÇÃO DE ÁGUAS ABERTAS

A Natação de Águas Abertas saiu de Heraklion com duas medalhas graças à prata de Mafalda Rosa e ao bronze de Tiago Campos nas provas feminina e masculina, respetivamente, de 5km, a única distância presente no programa desportivo.

Com as partidas separadas por cinco minutos, foram os nadadores os primeiros a entrar na água. Após ter estado durante grande parte da prova na discussão com os italianos, Tiago Campos acabou por não conseguir acompanhar a reta final de Marcello Guidi, 1.º classificado, e Dario Verani, 2.º, ficando com um bronze que representou uma melhoria em relação à última participação. Já Diogo Cardoso foi 6.º classificado.

“Acreditei desde o início e quando toquei na placa foi muito bom. É bastante bom o COP dar-nos esta oportunidade e nós fizemos o melhor que conseguimos. Em Patras tinha ficado no 7.º lugar, agora foi uma melhoria para o 3.º lugar. Foi bastante positivo porque estive grande parte da prova no grupo da frente, sempre ali nos lugares das medalhas até ao final”, avaliou Tiago Campos.

Na vertente feminina foi Mafalda Rosa a subir ao pódio, também numa prova em que chegou a liderar durante grande parte do tempo. A Itália voltou a partilhar o pódio com Portugal, com Arianna Bridi a conquistar o ouro e Silva Ciccarella a ficar com o bronze. Angélica André, medalhada na estafeta mista em Patras 2019, terminou no 4.º lugar.



TÊNIS DE PRAIA

O par feminino, composto por Manuela Cunha e Maria Tavares, e o par masculino, formado por Henrique Freitas e Pedro Maio, foram o destaque da participação portuguesa no Tênis de Praia ao terminar no 5.º lugar nos respetivos quadros.

Com vitórias na ronda inaugural, primeiro por Freitas/Maio sobre os cipriotas Gregoriou/Kasinopoulos (2-0) e depois por Cunha/Tavares frente às argelinas Amour/Billami (2-0), os dois pares garantiram a presença nos quartos-de-final. Aí, as italianas Cimatti/Gasparri levaram a melhor (2-0) sobre o par feminino português e os franceses Gianotti/Guegano superiorizaram-se (2-0) em relação à dupla masculina, tendo ambos terminado no 5.º lugar.

Já no quadro de pares mistos, Maria Tavares e Pedro Maio foram derrotados (2-1) pelos franceses Barrau/Irigaray e Henrique Freitas e Manuela Cunha perderam (2-0) frente aos italianos Nobile/Bollettinari, finalizando no 9.º lugar.

TRIATLE

A Equipa Portugal estreou o medalheiro ainda antes da Cerimónia de Abertura quando Duarte Taleigo conquistou a prata na prova masculina de Triatle. A disciplina que deriva do Pentatlo Moderno é composta por um percurso de corrida, uma sequência de tiro a laser e um percurso de natação, em formato de circuito com quatro voltas.

O jovem português, que completou a prova em 17:31.6, foi apenas superado pelo italiano Emanuele Tromboni (17:16.6), com o terceiro lugar a ficar para o grego Nikolas Papadimitriou (17:36.2).

Primeira medalha portuguesa foi conquistada por Duarte Taleigo



Itália e Portugal preencheram os pódios na Natação de Águas Abertas

“Estava confiante que ia ao pódio e tentei mesmo lutar pelo primeiro lugar, mas estou feliz de qualquer forma e orgulhosa por conquistar mais uma medalha para Portugal. Com o símbolo do Comité Olímpico ao peito é sempre uma motivação extra”, comentou Mafalda Rosa.

REMO DE MAR

Gonçalo Delgado e Patrícia Batista foram os representantes portugueses no Remo de Mar, numa competição marcada pelas condições adversas que impediram a realização normal das provas.

Depois de um primeiro dia de *time-trials* que definiram os embates dos quartos-de-final, Gonçalo Delgado fez o 4.º melhor tempo (2:51.66) da prova masculina e Patrícia Batista garantiu a qualificação através da repescagem, onde estabeleceu o 7.º tempo (3:19.71) entre as qualificadas.

Naquele que seria o segundo dia de competição, a ordem de adiamento levou a que a solução passasse para a tentativa de, no dia seguinte, realizar as provas em formato compacto. Depois da realização dos quartos-de-final da categoria C1x masculina, já com muitas dificuldades, as restantes provas foram canceladas e a classificação final foi atribuída consoantes os tempos dos *time-trials*. Porque ainda competiu e perdeu nos quartos-de-final, Gonçalo Delgado terminou como 6.º classificado e Patrícia Batista foi 7.ª.

A prestação positiva no tiro a laser, normalmente decisiva nesta prova, permitiu a Duarte Taleigo acreditar numa posição de pódio à medida que a prova se desenrolava: “Para ser sincero não estava à espera, mas claro que dei o meu máximo para lutar por ela. Foi uma prova muito complicada, mas fui tentando ultrapassar todas as adversidades e, já mais no final, consegui sentir que estava muito perto e foi dar mesmo tudo. Agarrar a medalha.”

“É sempre incrível. Então com a plateia de portugueses que tivemos desta vez, foi uma coisa do outro mundo. Não tenho palavras para descrever. Senti muito o conforto do nosso país na prova e foi um momento indescritível”, explicou o jovem.

Luísa Cunha foi a representante portuguesa na prova feminina, tendo terminado na 11.ª posição, com 22:39.7. A equipa francesa colocou duas atletas no pódio, Clemence Reboisson, 1.ª classificada (19:46.1), e Lea Fernandez, 3.ª (20:13.8), com a italiana Alice Rinaudo a ser 2.ª (20:04.2).

Na estafeta mista, com cada atleta a realizar dois percursos do circuito, Duarte Taleigo e Luísa Cunha foram 8.ªs classificadas, com um tempo de 21:04.1.

VOLEIBOL DE PRAIA

A encerrar a participação em Heraklion, João Pedrosa e Hugo Campos conquistaram a medalha de bronze no torneio masculino de Voleibol de Praia. Uma vitória sobre os italianos Dal Corso e Viscovich na disputa pelo 3.º e 4.º lugar permitiu à Equipa Portugal chegar à sétima medalha e melhorar o registo de Patras 2019.

João Pedrosa e Hugo Campos subiram ao pódio em Heraklion



O percurso da dupla portuguesa começou com uma vitória por 2-0 sobre os argelinos Kallouche/Dekkiche e continuou com o triunfo, também por 2-0, frente aos gregos Kanellos/Terzoglu. Assegurado o primeiro lugar da *pool*, Pedrosa e Campos ficaram isentos da ronda de 16 e, nos quartos-de-final, defrontaram os sérvios Kolaric e Klasnic, vencendo por 2-1.

A primeira derrota (2-1) chegou na meia-final frente aos irmãos Aye, da França, num encontro decidido no terceiro set. Com apenas o bronze como objetivo possível, os portugueses derrotaram os italianos por 2-1 e asseguraram a presença no pódio.

“Estamos muito contentes com esta medalha. Não estamos 100% satisfeitos, porque claro que gostávamos de ter a medalha de ouro, mas estamos muito contentes com o jogo que conseguimos apresentar ao longo do torneio. Esta foi uma competição que nós queríamos jogar”, explicou Hugo Campos.

A possibilidade de regressar a uma competição multidisciplinar em representação do COP deu uma motivação extra a João Pedrosa: “É uma prova muito importante para nós. Para além de nos dar muito ritmo para o que aí vem, estar com o símbolo de Portugal é sempre um prazer. Seja o Comité ou a Federação, é sempre um prazer representar o nosso País e o esforço que nós fazemos é para levar Portugal até ao pódio em qualquer competição.”

JOGOS MUNDIAIS DE PRAIA ANOC CANCELADOS

A 2.ª edição dos Jogos Mundiais de Praia ANOC, prevista para acontecer de 5 a 12 de agosto em Bali, Indonésia, acabou cancelada a menos de um mês do início previsto.

Segundo a ANOC tal deveu-se à desistência do Comité Olímpico da Indonésia em organizar a competição que iria juntar 1500 atletas de cerca de 100 Comités Olímpicos Nacionais.

Na sequência da decisão que não permitiu encontrar uma alternativa de substituição, a ANOC apresentou as desculpas aos atletas, Comités Olímpicos Nacionais, Federações Internacionais, parceiros e espetadores que desejavam acompanhar a competição.



2º ANOC WORLD BEACH GAMES BALI 2023



Organização foi oficialmente atribuída às duas cidades portuguesas em setembro depois da avaliação positiva recebida pela candidatura

PORTIMÃO E LAGOA PALCO DOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO DE PRAIA 2027

Portimão e Lagoa serão os municípios organizadores dos 4.ºs Jogos do Mediterrâneo de Praia, em 2027, decidiu por aclamação a Assembleia Geral (AG) do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo (CIJM), reunida em Heraklion, na ilha grega de Creta.

José Manuel Constantino, presidente do COP, considera que a decisão da AG do CIJM “é o reconhecimento dos membros do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo da capacidade do Comité Olímpico de Portugal, juntamente com os Municípios de Portimão e Lagoa, de organizar os Jogos do Mediterrâneo de Praia. Espero que a expectativa criada, com a muito boa apresentação que fizemos, possa depois ter tradução na avaliação final que os participantes façam.”

A candidatura de Portimão-Lagoa 2027 foi apresentada na AG do CIJM pelo secretário-geral do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Araújo, e recebeu da Comissão de Avaliação, que no início de agosto esteve nos dois municípios do Algarve a observar as condições oferecidas, impressões favoráveis, nomeadamente, quanto às “muito boas áreas das praias”, ao “bom número de hotéis”, ao facto de a maioria das deslocações poder ser realizada a pé, à “tradição na organização de grandes eventos internacionais”, à acessibilidade ao aeroporto de Faro, ao “programa desportivo sólido” e ao apoio das federações desportivas nacionais. “Todos os requisitos básicos e importantes estão reunidos” para a organização dos Jogos do Mediterrâneo de Praia 2027, disse Stratos Karetos, líder da Comissão de Avaliação, na leitura do relatório feito na sequência da visita realizada ao Algarve.

Isilda Gomes, presidente da Câmara Municipal de Portimão, disse à AG, na fase de apresentação: “Estamos preparados para

ter estes Jogos em Portimão e Lagoa. Nós recebemos as pessoas com um sorriso e estamos preparados para as receber.” Tomada a decisão pela AG do CIJM, mostrou a sua satisfação: “Em primeiro lugar, este é o reconhecimento da nossa candidatura, da capacidade de realização de grandes acontecimentos desportivos. Portimão e Lagoa uniram-se nesta tarefa e temos a oportunidade de realizar estes Jogos é a confiança nas nossas capacidades, de duas cidades desenvolvidas. Temos praias ótimas e isso é fundamental para atrair o turismo. Os grandes eventos desportivos são hoje uma forma de atração turística, não nos esqueçamos disso. Cada desportista que vai visitar Portimão e Lagoa certamente será mensageiro da qualidade de vida das nossas terras. Isto é um investimento na própria economia.”

A organização dos Jogos do Mediterrâneo de Praia levará a Portimão e a Lagoa, entre 11 e 18 de setembro de 2027, atletas dos 26 Comitês Olímpicos Nacionais que atualmente compõem o CIJM, para participarem nas modalidades de Andebol, Canoagem (mar), Futebol, Karaté (kata), Luta, Natação (águas abertas), Remo (sprint), Ténis, Vela (iQFoil e Fórmula Kite) e Voleibol. O programa desportivo decorrerá nas Praias da Rocha e Alvor (Portimão) e na Praia Grande de Ferragudo (Lagoa), e também no Rio Arade, que une os dois Municípios.

A bandeira do CIJM foi entregue ao presidente da Câmara de Lagoa, Luís Encarnação, e à Vereadora da Câmara de Portimão, Teresa Mendes, durante a Cerimónia de Encerramento dos Jogos do Mediterrâneo de Praia Heraklion 2023, representando a passagem de testemunho ao nosso País, que entrará agora em contagem decrescente até ao início da próxima edição da competição, em setembro de 2027.



X
DECENIO
MEDITERRANO

PARCEIRO OFICIAL DA EQUIPA PORTUGAL

www.decenio.com

CINCO MEDALHAS E NOTA POSITIVA EM MARIBOR

Equipa Portugal esteve presente no **FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA MARIBOR 2023**, na Eslovénia, onde igualou a terceira melhor prestação de sempre na competição



Rafael Mimoso conquistou o primeiro ouro no FOJE desde 2017

A 17.ª edição do Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) de verão reuniu, na cidade eslovena de Maribor, mais de 3600 atletas num autêntico espetáculo multidesportivo para os melhores jovens, dos 14 aos 18 anos, de 48 países europeus.

A competição criada pelos Comitês Olímpicos Europeus, que é disputada tradicionalmente de dois em dois anos, voltou a contar com a presença da Equipa Portugal, que, entre os dias 23 e 29 de julho, esteve representado por 73 atletas em dez disciplinas de nove modalidades: Andebol, Atletismo, Basquetebol, Ciclismo BTT e de Estrada, Ginástica, Judo, Natação, Skateboarding e Ténis.

Suportado pelos valores e ideais estabelecidos na Carta Olímpica, o FOJE representa para um grande número de jovens a primeira experiência no movimento Olímpico e desempenha um papel de educação e motivação para a prática desportiva nas gerações mais novas.

Com a realização da última edição em Banska Bystrica 2022, excepcionalmente adiada devido à pandemia, vários atletas bene-

ficiaram de uma oportunidade de participar no FOJE pela segunda vez. A prestação positiva nessa edição, com cinco medalhas conquistadas - uma de prata e quatro de bronze -, correspondeu à terceira melhor participação de sempre na competição e estabeleceu a fasquia para 2023, num sinal de continuidade da história da Equipa Portugal na competição ao longo dos anos.

Assim, e apesar do principal objetivo estar assente na vertente social e no desenvolvimento pessoal, com a superação de marcas anteriores e da melhoria das prestações, a Missão portuguesa conquistou cinco medalhas - uma de ouro e quatro de bronze - pela segunda vez desde 2005, em Lignano Sabbiadoro, igualando a prestação em 2022. Já em relação às modalidades medalhadas, Portugal voltou a subir ao pódio no Atletismo e no Judo, com a Natação a ser a novidade em troca com o Andebol, que não conseguiu repetir a proeza da edição anterior. A medalha de ouro conquistada por Rafael Mimoso na Natação foi ainda a primeira desde Etson Barros no Atletismo, em Gyor 2017.

ANDEBOL

A equipa masculina de Andebol chegou a Maribor com o estatuto de medalhada, depois do bronze na edição anterior, em Banska Bystrica 2022, a segunda medalha portuguesa na competição, 25 anos depois de Lisboa 1997. O selecionador João Varejão convocou Bernardo Sousa, Diogo Azevedo, Francisco Oliveira, Francisco Silva, Gabriel Sequeira, Gonçalo Gomes, Hugo Carvalho, João Pinto, José Nunes, Leonardo Anastácio, Luís Fernandes, Miguel Fonseca, Miguel Madaleno, Rafael Vasconcelos e Samuel Mendes para um torneio exigente, com participação de apenas oito equipas.

Portugal ficou inserido no Grupo A, juntamente com a Croácia, a Hungria e o Montenegro. O Grupo B era composto por Alemanha, Noruega, Islândia e a anfitriã Eslovénia.

Na jornada de abertura, a equipa portuguesa foi derrotada pela Croácia (33-28). A Hungria, que viria a conquistar a medalha de bronze do torneio, foi o segundo adversário na fase de grupos. Frente a um rival de qualidade, Portugal voltou a perder (37-31) e ficou fora da discussão pelas medalhas. A primeira vi-

tória (41-19) chegou à terceira e última jornada, frente ao Montenegro, o que deixou a equipa portuguesa no terceiro lugar do grupo, com encontro marcado frente ao quarto classificado do Grupo B, à procura da melhor classificação possível, o 5.º lugar.

Depois de um dia de descanso, os comandados de João Varejão defrontaram a Noruega na partida de classificação do 5.º ao 8.º lugar. No entanto, uma derrota (35-25) deixou Portugal com apenas o 7.º posto como objetivo, o que acabaria por se concretizar no último dia da competição, num reencontro com Montenegro, onde um triunfo (37-26) atribuiu a classificação final de 7.º lugar.

ATLETISMO

O Atletismo português voltou a subir ao pódio de um FOJE, acrescentando à rica história da modalidade na competição. Pedro Afonso foi o responsável pela quarta medalha da Missão portuguesa, com o bronze na final dos 200 metros, ao quarto dia da competição.



Pedro Afonso foi terceiro nos 200 metros

O jovem velocista português começou por apontar a melhor marca na ronda de qualificação da prova, com 21.65 segundos, antes de melhorar na meia-final, para 21.28 segundos, com o segundo tempo de acesso à final. Nos derradeiros 200 metros, Pedro Afonso terminou no terceiro lugar (21.41s), apenas atrás do suíço Akira Eghagha (21.07s) e do lituano Danielius Vasiiliauskas (21.20s).

Sem problemas em esconder a ambição, o jovem português confessou chegar com “expectativas altas”: “Quería ficar no pódio. Estava a sonhar alto. Quería trazer o ouro, mas consegui o bronze, que é muito bom. Foi a minha primeira competição internacional em que faço os 200 metros e estou muito feliz porque consegui chegar onde cheguei.”

O “sonho realizado” de subir ao pódio no FOJE, em que a participação “era o objetivo no início da época”, deixou Pedro Afonso ainda mais motivado para a segunda prova em que viria a participar, na reta final da competição, a estafeta “medley” masculina.

A equipa portuguesa foi composta por Denis Hrabar, nos 100m, André Reis, nos 200m, Pedro Afonso, responsável pelo percurso de 300m, e Rui Serras, nos 400m finais. Com a expectativa de alcançar um bom resultado, a estafeta bateu o recorde nacional júnior nas eliminatórias para garantir um lugar na final com o 4.º melhor tempo (1.54,49). A final, marcada para o início da tarde do último dia de competição, terminou com festejos, ainda que de forma fugaz. Depois de uma prova de recuperação, a estafeta portuguesa terminou no 2.º lugar, mas um protesto da equipa italiana, que havia terminado no quarto posto, levou a uma desqualificação, que retirou a medalha de prata, numa decisão que deixou incrédulos os atletas e treinadores portugueses.

Para além da medalha de bronze, Portugal conquistou ainda cinco classificações entre o 4.º e o 8.º lugar. No primeiro evento de medalha da competição, os 5 km marcha masculinos, Eduardo Camarate foi 5.º classificado, com o tempo de 22.01,25, o segundo melhor resultado português na prova. Lara Costa foi 6.ª nos 3000 metros femininos, com 9.39,96, assim como Denis Hrabar no decatlo masculino, com um total de 6968 pontos. O atleta português bateu sete recordes pessoais no total das dez provas realizadas para também terminar com um novo registo máximo de pontos: 100m (11,53s); Comprimento (6,57m); Peso (15,59m); Altura (1,87m); 400m (51,88s); 110m barreiras (14,80s); Disco (35,10m); Vara (3,70m); Dardo (47,28m); 1500m (4.30,27).

Já no Heptatlo feminino, Natacha Candé foi 8.ª classificada, com 5118 pontos, no final das sete provas: 100m barreiras (14,99); Altura (1,66m); Peso (13,65m); 200m (26,74s); Comprimento (5,17m); Dardo (39,46m); 800m (2:29,33). Nuno Cordeiro, que tinha sido medalhado de bronze em Banksa Bystrica 2022, apurou-se para a final dos 800 metros com o 4.º melhor tempo das eliminatórias (1.52,67), mas não conseguiu manter o registo na derradeira corrida (1.56,85) e terminou no 8.º lugar da prova.

Tatiana Pereira, detentora de outra das medalhas conquistadas na edição anterior, também não foi capaz de chegar ao pódio, ao ser 11.ª na final do Triplo Salto, com o melhor salto de 11,90 metros. Na qualificação, a jovem portuguesa saltou 12,20m, a então 7.ª melhor marca. Já no Salto em Comprimento, onde também participou, Tatiana Pereira foi 14.ª, com o melhor salto de 5,67 metros na qualificação.

Tiago Machado foi 9.º classificado na final dos 2000 metros obstáculos, com o tempo de 5:54,28, na prova em que Maria Stela Fernandes, na vertente feminina, terminou no 14.º lugar, em 7:11,22. No Salto em Altura, Eduardo Carrolo foi 10.º classificado, com um registo de 1,95 metros na final. Gabriela Santos, nos 5km marcha femininos, terminou na 12.ª posição, com 24:51,69, a mesma classificação de Lara Pereira nos 1500 metros femininos, que completou a prova em 4:39,88.

Os 400 metros contaram com o 15.º lugar (49,05s) de Rui Serras na vertente masculina e com o 18.º posto (57,71s) de Clara Martinha na prova feminina. Já nos 1500 metros masculinos, Manuel dos Santos foi 17.º classificado (4.06,35) e André Reis, nos 100 metros, terminou no 21.º lugar (11,22s).

BASQUETEBOL 3X3

O Basquetebol 3x3 foi uma das novidades do programa desportivo em Maribor 2023 e contou com a participação portuguesa nos torneios masculino e feminino.

Ana Pinheiro, Maria Neto, Matilde Pereira e Vitória Dias formaram a equipa feminina que alcançou o 7.º lugar da competição, caindo apenas frente à França, eventual medalhada de bronze, nos quartos-de-final (12-16). Antes disso, as comandadas de Agostinho Pinto terminaram a fase de grupos apenas com vitórias frente a Israel (21-7), Países Baixos (16-9) e Ucrânia (18-15).

Para o torneio masculino foram convocados os atletas Bruno Wollmann, João Mota, Luís Cerqueira e Tiago Coelho, que terminaram no 13.º lugar. Orientado por António Pires, o conjunto português sofreu três derrotas na fase de grupos frente à Bélgica (11-19), Eslovénia, (18-19) e Lituânia (18-21).

CICLISMO

O programa desportivo do Ciclismo no Festival Olímpico da Juventude Europeia também recebeu uma novidade, com a adição da competição de BTT, a juntar à prova de estrada e ao contrarrelógio individual, nas vertentes masculina e feminina.

Agendado para o segundo dia, o contrarrelógio individual marcou a estreia da modalidade no FOJE, com o aeroporto da

cidade de Maribor a ser o palco da prova. Devido às condições meteorológicas adversas que se fizeram sentir nos primeiros dias da competição, o início acabou por ser adiado e as saídas dos ciclistas foram interrompidas em várias ocasiões durante a manhã. Do lado masculino, João Anuniação foi o melhor português no 26.º lugar, ao terminar o percurso em 13:30.36. Dinis Martins terminou com o 53.º melhor tempo (13.58,12) e José Salgueiro foi 61.º classificado com 16.06,15. Na vertente feminina, Maria Constança Marques liderou as portuguesas no 31.º lugar, com um tempo de 15.28,81, seguida de Leonor Casimiro, 48.ª, com 15.46,34, e de Bruna Gonçalves, 73.ª, com 16.45,53.

A participação na prova de BTT ficou marcada pelo infortúnio dos dois atletas portugueses. Gonçalo Costa lesionou-se numa queda durante um treino de adaptação à pista e ficou afastado da prova masculina. Já Margarida Vasconcelos partiu na corrida feminina, mas uma avaria na bicicleta conduziu a uma assistência fora da área técnica, ação que levou a uma desqualificação.

A finalizar a participação no Ciclismo com a prova de estrada, os três ciclistas masculinos terminaram no segundo grupo, apenas atrás do vencedor, o britânico Max Hinds, que triunfou com uma fuga desde o início da prova. José Salgueiro foi o 21.º classificado, Dinis Martins o 38.º e João Anuniação o 54.º, todos com 1:33.22. Na prova feminina, Bruna Gonçalves e Maria Constança Marques terminaram juntas, nos 54.º e 56.º lugares, respetivamente, com 1:20.28. Leonor Casimiro chegou na 64.ª posição, com 1:21.38.

GINÁSTICA ARTÍSTICA

A Equipa Portugal esteve representada por quatro ginastas em Maribor 2023. Joana Reis, Rita Ferreirinha e Clara Justo foram as responsáveis pela participação feminina e Manuel Santos foi o único representante masculino.

Graças a uma pontuação de 11.850 na Trave, Joana Reis alcançou a melhor classificação individual portuguesa na competição, com o 26.º lugar. Do lado masculino, Manuel Santos teve nos Saltos o melhor desempenho, ao terminar no 29.º posto, com 12.175. Os Saltos foram, de resto, o exercício mais regular para as ginastas portuguesas, que terminaram muito próximas: Joana Reis foi 30.ª (11.900), Rita Ferreirinha 32.ª (11.775) e Clara Justo 33.ª (11.625).

No que diz respeito às classificações finais do All-Around, Joana Reis foi a melhor classificada dos portugueses em prova, no 41.º lugar, com a pontuação combinada de 44.650. Rita Ferreirinha terminou no 61.º lugar (41.850) e Clara Justo no 68.º (40.500), enquanto Manuel Santos foi 65.º (66.200) da prova masculina.

Nota ainda para o 21.º lugar da equipa feminina na prova por equipas, com uma pontuação final de 87.050.

As restantes classificações da Ginástica Artística foram: Manuel Santos, Solo 40.º (12.150), Barra Fixa 58.º (11.100), Paralelas 62.º (11.750), Argolas 72.º (10.600) e Cavalos com Arcões 80.º (8.700); Joana Reis, Solo 42.ª (11.150) e Paralelas Assimétricas 66.ª (9.650); Rita Ferreirinha, Solo 57.ª (10.650), Paralelas Assimétricas 60.ª (9.850) e Trave 68.ª (9.400); Clara Justo, Trave 63.ª (9.950), Solo 64.ª (10.400) e Paralelas Assimétricas 73.ª (8.450).



Rodrigo Janeiro foi o primeiro judoca português a subir ao pódio

JUDO

Outra das modalidades que defendia uma medalha no FOJE era o Judo, que superou a prestação de Banksa Bystrica 2022 graças à conquista de dois bronzes, por Rodrigo Janeiro (-66kg) e Maria Silveira (-57kg).

O judoca português competiu no primeiro dia de ação do Judo e conquistou a segunda medalha da Missão portuguesa ao triunfar no combate de discussão pelo bronze frente ao neerlandês Basile la Fontaine. A única derrota aconteceu na meia-final, frente ao eventual medalhado de prata, o croata Luka Katic. Antes disso, Rodrigo Janeiro triunfou sobre o letão Arsenijs Cihanovics, na ronda de 16, e o israelita Tom Bulocinic, nos quartos-de-final.

Um pódio que, para o judoca, teve um significado especial: “Senti que, depois de um combate muito difícil na meia-final com o atleta croata, não podia sair daqui sem nada ao pescoço porque é uma coisa pessoal. Esta foi a última prova em que a Joana Ramos [treinadora] me acompanhou nos cadetes, por isso, dediquei-lhe a medalha e também à filha, a Francisca. E estou muito feliz, mesmo”, disse Rodrigo Janeiro.

Antes da participação no FOJE, Rodrigo Janeiro sagrou-se vice-campeão da Europa de cadetes, pelo que a ambição de subir ao pódio esteve bem presente: “Estava com a expectativa de conquistar uma medalha. Depois da prata no Europeu aumentei a minha autoestima e quis chegar aqui a marcar.”

Também com ambição na prova, Maria Silveira conquistou a medalha de bronze em Maribor, um resultado que ficou aquém das suas expectativas, como confessou: “Não muito satisfeita porque não estava à espera deste resultado, mas tenho noção do que errei e essa foi a melhor parte desta prova para mim.”

A judoca portuguesa garantiu o pódio com um triunfo no combate pelo bronze frente à cipriota Marina Azinou. Depois de afastar a francesa Meloe Chomat, na ronda de 16, e a belga Camille Sternon, nos quartos-de-final. Maria Silveira caiu perante a eslovena Nika Toms, que viria a conquistar o ouro, num combate onde esteve em superioridade durante quase toda a sua totalidade.

“É sempre bom sair com uma medalha, é melhor do que sair sem nada. Foi uma viagem longa, estivemos aqui muito tempo, por isso não sair com uma medalha seria bem pior. Pelo menos vou levar alguma coisa para casa”, finalizou.

Nas outras categorias, Danilo Storozhuk (-90kg) foi 7.º classificado ao perder no segundo combate das repescagens frente ao kosovar Blin Kuka. Pelo caminho, o judoca perdeu frente ao croata Marko Bosic, mas venceu um combate nas repescagens, perante o francês Gaya Sonntag.



Maria Silveira confirmou o Judo como modalidade mais medalhada

Carlota Pina (-63kg) terminou no 9.º lugar, depois de vencer na ronda de 32, frente à romena Anamaria Suci, mas ceder, de forma consecutiva, na ronda de 16, com a croata Jana Cvjetko, e nas repescagens, frente à sérvia Jelena Nisavic. Também no 9.º lugar terminou Rosa Mané (+70kg), que perdeu devido a desqualificação na ronda de 16. No 17.º lugar terminaram Tiago Coutinho (-81kg), Carlos Costa (-60kg) e Raquel Moniz (-48kg).

A encerrar a competição, Portugal entrou na prova de equi-pas mistas, mas acabou derrotado na primeira ronda pelo Azerbajão (4-1).

NATAÇÃO

Seis anos depois, voltou a ouvir-se o hino português num FOJE graças à medalha de ouro de Rafael Mimoso nos 200m Bruços. O nadador português, que tinha ficado a um lugar do pódio em Banská Bystrica 2022, superou-se a cada eliminatória e brilhou na final com um recorde nacional júnior, garantindo o ouro que inaugurou o medalheiro português em Maribor.

Com uma prova controlada nas eliminatórias, Rafael Mimoso realizou o 16.º melhor tempo, com 2.22,90, antes de melhorar na meia-final, com a 3.ª melhor marca de acesso à final, então recorde nacional júnior, de 2.17,17. Mas como o melhor estava guardado para o fim, o jovem português voltou a superar esse registo e venceu com 2.15,98.

“Foi uma prova muito boa. Consegui melhorar ainda um segundo e pouco da meia-final para a final, que é muito bom. Tentei controlar bem para conseguir lutar pelo primeiro lugar no fim”, comentou Rafael Mimoso, que teve de “olhar várias vezes para o ecrã” antes de festejar.

“Sabia que não era impossível, mas que ia ser muito difícil. Acabei por conseguir e, claro, depois de ficar em 4.º no ano passado, a uma décima do pódio, ganhar este ano fica ainda melhor”, expressou.



Rafael tinha ficado às portas do pódio na última edição

Para além dos 200m, Rafael Mimoso competiu também nos 100m Bruços, onde foi 6.º classificado. Até à final, o nadador bateu o recorde nacional júnior por duas vezes, primeiro nas eliminatórias, com 1.04,30, e depois na meia-final, com 1:03.83. Apesar de ainda ter superado a marca na final (1.03,71), acabou por ser apenas o 6.º mais rápido.

Para além de Rafael Mimoso, estiveram também presentes os nadadores Rui Pereira, Gonçalo Azevedo e Francisco Perloiro e as nadadoras Maria Pereira, Carlota Boleixa, Maria Neves e Vera Gonçalves.

Nota para o 12.º lugar de Rui Pereira nos 1500m Livres, com um tempo de 16.17,79, assim como as duas classificações no top-16 de Gonçalo Azevedo nos 200m Livres (14.º, 1.55,62) e nos 100m Costas (15.º, 59.65). Francisco Perloiro foi também 16.º, mas nos 200m Mariposa (2:13.44).

As restantes classificações da Natação foram: Rui Pereira 400m Livres, 19.º (4.08,98) e 400m Estilos Individuais, 28.º (4.48,81); Francisco Perloiro 400m Livres, 21.º (4.09,40) e 200m Livres, 31.º (1.57,63); Gonçalo Azevedo 200m Costas, 23.º (2.12,45), 50m Livres, 30.º (24,79) e 100m Livres, 33.º (53,36); Maria Pereira 100m Mariposa, 23.ª (01.07,79), 50m Livres, 37.ª (28,30) e 100m Livres, 39.ª (1.01,30); Carlota Boleixa 200m Estilos Individual, 24.ª (2.32,82), 100m Livres, 25.ª (59,26), 200m Livres, 26.ª (02.10,44) e 50m Livres, 26.ª (27,68); Maria Neves 800m Livres, 26.ª (9.49,26), 100m Costas, 29.ª (1.07,60), 400m Livres, 31.ª (4.40,90), 200m Costas, 34.ª (2.26,72) e 200m Livres, 35.ª (02.11,73); Vera Gonçalves 100m Costas, 33.ª (1.08,07), 400m Livres, 39.ª (4.52,74) e 200m Costas, 40.ª (2.30,47). Quanto às estafetas, a 4x400m Livres Mista foi 17.ª (3.47,45), a 4x100m Estilos Mista foi 21.ª (4.13,27), a 4x100m Estilos Masculina foi 21.ª (4.01,20) e a 4x100m Livres Feminina foi desqualificada.

SKATEBOARDING

A terceira novidade no programa desportivo do FOJE foi o Skateboarding, modalidade que fez a sua estreia nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020 e que foi enquadrada na visão jovem e focada no futuro da competição em Maribor.

Portugal esteve representado por Madu Teixeira, na prova de

Street masculino, e por Rafaela Costa, na vertente feminina de Street. A prova de Park, também olímpica, não constou no programa.

Distribuída por dois dias, a competição de Skateboarding teve início ao quarto dia do calendário com as rondas de qualificação para masculino e feminino. Madu Teixeira garantiu a qualificação para a final com uma “run” de 70.33 pontos, a 4.ª melhor entre os oito participantes e Rafaela Costa, com 40.76 pontos, foi a 8.ª apurada para a final do dia seguinte.

A derradeira prova disputou-se com o formato competitivo habitual da melhor “run”, em duas tentativas, e as duas melhores manobras, em cinco. Rafaela Costa terminou no 7.º lugar, com 38 pontos, e Madu Teixeira voltou a ser 4.º, com 208.24, a apenas quatro pontos do pódio.



Salvador Monteiro e Gonçalo Castro encerraram o medalheiro português

TÊNIS

A quinta medalha da Equipa Portugal foi conquistada no Ténis, com Salvador Monteiro e Gonçalo Castro a subirem ao pódio no último dia da competição para receberem o bronze em pares masculinos.

Uma vitória por 2-1 sobre a exigente dupla eslovena, Sesko/Suljic, na primeira ronda, abriu caminho para um percurso vencedor para os portugueses. Com dois encontros agendados para o mesmo dia, Monteiro/Castro derrotaram, de forma consecutiva, o par luxemburguês Forman/Zielinski, por 2-0, e a dupla estónia Averjanov/Ink, por 2-1. A única derrota surgiu na meia-final frente aos romenos Alexandrescou/Berge, por 2-0, ditando uma discussão pelo bronze frente aos alemães Mackenzie/McDonald, que os portugueses venceram por desistência.

A medalha, apenas a segunda na história do Ténis português no FOJE, serviu de motivação para o futuro de Salvador Monteiro: “Esta medalha faz parte do processo de cada atleta e, se conseguimos ter esta oportunidade, é para aproveitá-la e agarrá-la com uma medalha é ainda melhor.”

Também para Gonçalo Castro, a experiência vivida no FOJE foi muito valorizada: “Eu vim com o objetivo de dar o meu melhor a representar Portugal e acho que foi muito bom para mim. Este torneio é muito importante, não é para qualquer um, e sinto-me privilegiado por estar aqui.”

“Acho que foi uma conquista muito boa para Portugal no Ténis. Foi um bom torneio para nós em termos de pares. Em singulares podia ter corrido melhor, mas estou feliz pela medalha que conquistámos, eu e o Gonçalo”, confessou Salvador Monteiro.

Já o par feminino, composto por Patrícia Gui e Carolina Correia, terminou no 9.º lugar depois de uma vitória na primeira ronda, frente às francesas Lebeau/Thach, por 2-0, e uma derrota nos quartos-de-final com as estónias Lapimaa/Reinvald, por 2-1.

Individualmente, Gonçalo Castro foi o único tenista a vencer um encontro, frente ao luxemburguês Zielinski, por 2-0. Carolina Correia, com a letã Adelina Lacinova (2-0), Patrícia Gui, com a moldava Iana Semichina (2-0), e Salvador Monteiro, com o alemão Niels Macdonald (2-0), caíram todos na primeira ronda.

A HONRA DE REPRESENTAR PORTUGAL



CATARINA MONTEIRO
Chefe de Missão

O Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) reúne jovens atletas de toda a Europa, proporcionando-lhes uma plataforma para mostrar o seu talento, dedicação e trabalho árduo. Portugal, um país rico em história, cultura e paixão pelo desporto, tem demonstrado consistentemente as suas proezas neste palco.

Em Maribor, os nossos jovens atletas deixaram a sua marca nas diversas modalidades, conquistando cinco medalhas e demonstrando capacidade, determinação e resiliência excecionais.

O envolvimento de Portugal no FOJE tem sido inspirador. É uma prova do compromisso do COP em promover o desenvolvimento da nossa juventude, não apenas no desporto, mas também na aprendizagem de valores fundamentais à formação individual.

O espírito de camaradagem, respeito e jogo limpo que os nossos atletas incorporam é um verdadeiro reflexo dos nossos valores como nação. Eles competem não só por si próprios, mas pela honra de representar Portugal e mostrar o potencial que existe na nossa juventude.

A participação de Portugal no FOJE é um símbolo da nossa dedicação à promoção do espírito desportivo e à disponibilização de um palco para os nossos jovens atletas brilharem no cenário europeu.



Ariana Haben Ribeiro participou no Festival Olímpico da Juventude Europeia de Inverno, em Esqui Alpino

EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA EM FRIULI-VENEZIA GIULIA 2023

Realizado na região de Friuli-Venezia Giulia, no norte de Itália, o Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) de inverno abriu o calendário de missões da Equipa Portugal do ano de 2023. Entre os dias 21 e 28 de janeiro, a maior competição multidisciplinar jovem de desportos de inverno da Europa reuniu atletas entre os 14 e os 18 anos, das modalidades de Esqui Alpino, Biatlo, Esqui de Fundo, Curling, Patinagem Artística, Esqui Freestyle, Snowboard, Hóquei no Gelo, Combinado Nórdico, Patinagem de Velocidade "Short Track", Saltos de Esqui e Esqui Alpinismo.

A 16.ª edição do FOJE de inverno, segunda em território italiano depois de Aosta 1993, contou com participação portuguesa, através da esquiadora Ariana Haben Ribeiro nas provas de Esqui Alpino, em Slalom feminino e Slalom Gigante feminino.

Alessandra Cicalese, que estava também selecionada para participar em Esqui Alpino, foi baixa de última hora devido a lesão e, após a presença de dois atletas (Lourenço Simões e Pedro Marim) no FOJE Vuokatti 2022, originalmente previsto para 2021, a representação portuguesa na competição voltou a ser de apenas um elemento, tal como em Sarajevo/Sarajevo Oriental 2019, quando o responsável pela participação foi Manuel Ramos.

A Missão portuguesa foi então composta pelo Chefe de Missão Pedro Flávio Martins, pela atleta Ariana Haben Ribeiro e pelo treinador Sérgio Figueiredo, com o Secretário-Geral do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Araújo, a marcar presença no evento.



A nossa energia liga-nos cada vez mais

Obrigada pelo reconhecimento





Devido à participação no Campeonato do Mundo Júnior de Esqui Alpino, em St. Anton, na Áustria, durante os dias que antecederam o FOJE, a atleta e o treinador não puderam participar na Cerimónia de Abertura que decorreu em Trieste, com o papel de porta-estandarte a ser desempenhado pelo Chefe de Missão.

As condições meteorológicas adversas obrigaram a organização a antecipar as provas de Slalom e Slalom Gigante, fazendo com que a chegada da atleta, que originalmente estaria marcada para os dias que antecederiam os treinos de adaptação à pista, passasse para o dia anterior à primeira prova, a de Slalom. Dessa forma, a adaptação e o conhecimento da pista foi apenas realizado no próprio dia das competições.

No dia 25 de janeiro foi realizada a competição de Slalom no Estádio de Slalom de Tarvisio, com boas condições meteorológicas, mas com neve fresca e menos dura, proveniente dos nevões que atingiram a região nos dias anteriores. Ariana Haben Ribeiro terminou a 1.ª manga da prova na 47.ª posição entre as 88 participantes, mas um abandono na 2.ª manga fez com que a esquiadora não terminasse a prova.

O dia seguinte, 26 de janeiro, foi marcado pela competição de Slalom Gigante, no mesmo local, mas com as condições meteorológicas menos favoráveis. A esquiadora voltou a terminar a 1.ª manga, desta feita na 48.ª posição das 88 presentes, mas uma queda na 2.ª manga voltou a terminar de forma precoce a participação, finalizando sem classificação.

Apesar de não terem sido concretizados os objetivos previamente definidos, Ariana Haben Ribeiro classificou a experiência como “mais um passo” rumo ao sonho Olímpico: “Desde os quatro ou cinco anos que tenho o sonho de desfilarmos com a bandeira de Portugal na Cerimónia de Abertura de uns Jogos Olímpicos e, depois de 12 anos de treino, dei mais um passo em direção a esse sonho quando fui escolhida para representar o meu país e a minha ilha [Madeira] em Itália, no FOJE de inverno.”

“Percebi que o nosso sentimento de orgulho e a enorme responsabilidade que o acompanha eram muito maiores do que qualquer um atleta. Isso motivou-me a esforçar-me mais e a apontar cada vez mais alto. Estou muito grata pela oportunidade que me foi dada”, confessou a esquiadora.

No final da primeira experiência a representar Portugal numa grande competição multidisciplinar, Ariana Haben Ribeiro apontou as interações com o público como o ponto alto: “A minha memória preferida tem a ver com o número de vezes que fui parada na montanha por toda a gente, desde crianças a casais mais velhos, a dizerem-me que eles, as suas famílias, ou até mesmo os seus amigos e vizinhos, têm uma ligação a Portugal e queriam tirar uma foto comigo. Foi tão emocionante e genuíno. Nunca estive mais orgulhosa do meu país.”

Como balanço final, a atleta terminou a participação na prova com a motivação reforçada e a vontade de continuar a melhorar, para tentar atingir os próximos Jogos Olímpicos de inverno.

APENSAR NOS JOGOS OLÍMPICOS



PEDRO FLÁVIO MARTINS
Chefe de Missão

A 16.ª edição do Festival Olímpico da Juventude Europeia de Inverno (FOJEI) foi realizado em Friuli-Venezia Giulia (Itália), entre os dias 21 e 28 de janeiro de 2023. Esta foi a segunda vez que a Itália sediou o FOJEI, depois de Aosta 1993, edição inaugural deste evento em que participei enquanto atleta há 30 anos.

Participou neste Festival Olímpico a Atleta de Esqui Alpino Ariana Haben Ribeiro, acompanhada pelo treinador Sérgio Figueiredo.

As competições de Esqui Alpino decorreram nas pistas de Monte Lussari, em Tarvisio. Durante o festival, grandes nevões, obrigaram a alterar o programa competitivo, antecipando as provas de Slalom e Slalom Gigante e adiando a prova de Super Gigante, competição em que a Ariana não participou.

Embora a esquiadora tenha realizado duas boas primeiras mangas nas competições de Slalom e Slalom Gigante, o que lhe permitiu obter posições a meio da tabela classificativa (47.ª no Slalom e 48.ª no Slalom Gigante, entre 88 participantes), acabou por não terminar ambas as competições por DNF nas segundas mangas de ambas as competições. Salienta-se que, no Esqui Alpino, estes tipos de situações acontecem com bastante regularidade e são difíceis de prever, porque dependem de inúmeras variáveis.

Esta foi a primeira experiência Olímpica da Ariana, que certamente a motivará para continuar a treinar, já a pensar numa possível qualificação para os próximos Jogos Olímpicos de Inverno.



PARCEIRO OFICIAL
Programa de Responsabilidade Social

Saúde Prime Especialistas em Saúde, Parceiros dos Atletas Olímpicos

A nossa parceria com o Comité Olímpico de Portugal permite apoiar todos os atletas olímpicos através da nossa oferta de um Plano de Saúde Prime. O Plano de Saúde para todas as idades, sem exclusão de doenças e sem períodos de carência, com utilização numa Rede Médica Privada com mais de 42.600 Prestadores. Se ainda não aderiu, junte-se a nós agora e continue a cuidar da sua saúde.

Saúde Prime
Saúde Para Todos

SERVIÇOS MÉDICOS INCLUÍDOS NO SEU PLANO DE SAÚDE



Consultas, Exames,
Tratamentos, Cirurgias
e Internamentos



Medicina Dentária



Vídeo-Consulta
Atendimento
Permanente gratuita



Rede de Enfermagem



Rede de Saúde
e Bem Estar



Oftalmologia



2.ª Opinião Médica



Assistência ao
Domicílio 24h/ dia, 365
dias/ ano, por
15€/consulta



CheckUp Anual
por 40€

Temos uma equipa sempre disposta a ajudar: **210 402 425** (chamada para a rede fixa nacional) e **965 913 935** (chamada para a rede móvel nacional), dias úteis das 9h às 19h.

Este Produto é um Plano de Serviços Médicos, não é um Seguro de Saúde. Esta informação não dispensa a consulta das Condições Contratuais Gerais disponíveis no site saudeprime.pt.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA

com mais de 600 atividades realizadas

Já são perto de 300 os estabelecimentos de ensino integrados e mais de 900 os professores registados

O Programa de Educação Olímpica (PEO), criado e desenvolvido pelo Comité Olímpico de Portugal, pretende promover o Olimpismo, os Jogos Olímpicos, o gosto pela prática desportiva e os hábitos de vida saudável, através dos Valores Olímpicos: EXCELÊNCIA, AMIZADE e RESPEITO.

O desenvolvimento do Programa é realizado através de um portal dedicado onde é feita a apresentação do Programa de Educação Olímpica do COP, são disponibilizados conteúdos relevantes para apoiar os professores na realização de atividades de Educação Olímpica, partilhadas as atividades realizadas no âmbito do Programa e divulgados os desafios regulares. O Portal de Educação Olímpica está disponível em:

www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt

Desafios para 2023/2024

Desde a criação do Programa em 2015, já foram lançados 29 desafios no Portal de Educação Olímpica com a participação de perto de 5000 alunos. Com esta iniciativa o COP tem “desafiado” os estabelecimentos de ensino e os professores a incentivarem os seus alunos a realizarem atividades que permitam a abordagem a temas do Movimento Olímpico sob a perspetiva de diferentes disciplinas do currículo escolar.

Para o ano letivo 2023/2024, os desafios são os seguintes:

- › **Apoiar Portugal em Paris 2024** - Conhecer os atletas que irão representar Portugal nos Jogos Olímpicos Paris 2024 e preparar materiais de incentivo à #EquipaPortugal, para expor no espaço da Missão Portuguesa na Aldeia Olímpica de Paris 2024.

- › **Descobrir a história dos Jogos Olímpicos** - Explorar a singularidade de cada edição dos Jogos Olímpicos, a história da participação Olímpica de Portugal, as conquistas, as inovações e os episódios que contribuíram para a evolução do desporto e da sociedade.
- › **Celebrar o Dia Olímpico 2024** - Compreender a importância de celebrar o Dia Olímpico como forma de promover os ideais do Movimento Olímpico e organizar atividades que promovam o interesse dos participantes nos Jogos Olímpicos Paris 2024 e, sobretudo, na #EquipaPortugal.

Visitas à sede do COP

No contexto do PEO foi estruturado um plano de visitas guiadas a realizar no âmbito do Programa de Educação Olímpica. Desde que foi criado, em março de 2016, foram realizadas 163 visitas guiadas e recebidos 4123 visitantes de escolas, universidades, clubes e associações desportivas.

A 2 de junho de 2023, a visita dos 33 alunos e professores do Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, da Trofa, permitiu atingir o registo dos 4000 visitantes e, atendendo a que estamos a menos de um ano dos Jogos Olímpicos Paris 2024 e aos pedidos de visita já recebidos, temos a expectativa de alcançar os 5000 visitantes no decorrer deste ano letivo!

Visita virtual 360º à sede do COP

O sucesso das visitas e os comentários recebidos foram os estímulos para se criar uma nova forma de “abrir as portas” a todos os que se interessam pelo Movimento Olímpico. Com o financiamento da Solidariedade Olímpica, foi desenvolvida uma



Telma Monteiro e Victoria Kaminskaya participaram em atividades do Programa de Educação Olímpica



visita virtual 360º que convida os visitantes a entrarem na sede do COP para descobrir a história da participação Olímpica de Portugal, as peças que se encontram expostas no foyer do edifício e muita informação sobre temas diversos relacionados com o Movimento Olímpico.

Os diferentes pontos de interesse da visita apresentam textos, ligações, imagens e vídeos para que o visitante aprofunde as temáticas de acordo com a sua preferência.

O lançamento da visita virtual 360º à sede do COP foi disponibilizada *online* a 3 de outubro de 2023 e a partir desse dia todos os interessados a poderão realizar através da ligação: www.comiteolimpicoportugal.pt/visitavirtual

“O futuro da nossa civilização não é construído sobre fundações políticas ou económicas. É totalmente dependente da direção dada à educação.”

Pierre de Coubertin

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA EM NÚMEROS

293 ESTABELECIMENTOS DE ENSINO INTEGRADOS

945 PROFESSORES REGISTADOS

15 FASCÍCULOS TEMÁTICOS

652 ATIVIDADES REGISTADAS NO PORTAL

92 388 PARTICIPANTES

29 DESAFIOS LANÇADOS

4 783 CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO NOS DESAFIOS EMITIDOS

163 VISITAS À SEDE DO COP

4 123 VISITANTES

11 PROTOCOLOS DE COOPERAÇÃO



DIA OLÍMPICO 2023 celebrado em doze localidades

A proposta de Pierre de Coubertin de voltar a organizar os Jogos Olímpicos foi votada por unanimidade, em 1894, num congresso na Universidade Sorbonne (Paris), por delegados de 12 países. Por esta razão, o dia 23 de junho de 1894 ficou para a história como a data de nascimento do Movimento Olímpico moderno e a fundação do Comité Olímpico Internacional.

O projeto do Dia Olímpico foi aprovado em 1948 e, nesse mesmo ano, nove países organizaram celebrações do Dia Olímpico: Áustria, Bélgica, Canadá, Grã-Bretanha, Grécia, Suíça, Uruguai, Venezuela e Portugal.

Nesta que é a única celebração anual do Movimento Olímpico participam cerca de duas centenas de Comitês Olímpicos Nacionais e, em Portugal, tem havido um trabalho colaborativo com municípios, estabelecimentos de ensino, federações desportivas, clubes e outras entidades e/ou instituições para dinamizar atividades de celebração do Dia Olímpico.

Mexe-te, Aprende e Descobre - juntos por um mundo melhor é o mote para desafiar todas as pessoas a participarem em atividades desportivas, exposições, debates e conferências educativas que promovam o Olimpismo e os Valores Olímpicos - Excelência, Amizade e Respeito.

Resumo do Dia Olímpico 2023

Celebrações em Portugal: de 21/04/2023 a 13/07/2023

Participantes nas atividades presenciais: 3783

Atletas: 9 Atletas Olímpicos + 2 Atletas FOJE

Celebrações: 23 atividades presenciais + 1 campanha digital

Locais: Ansião, Aveiro, Braga, Cantanhede, Coimbra, Gavião, Lisboa, Maia, Odivelas, Peso da Régua, Póvoa de Varzim e Trofa

Atividade central do Dia Olímpico: Conferência "Educação Olímpica por um mundo melhor"

Conferência "Educação Olímpica por um mundo melhor"

A atividade central do Dia Olímpico 2023 foi a conferência "Educação Olímpica por um mundo melhor", que se realizou no auditório do Comité Olímpico de Portugal, a 23 de junho.

Para além de celebrar o Dia Olímpico, esta iniciativa teve como objetivos divulgar boas práticas na implementação de

projetos de Educação Olímpica e reconhecer entidades que se destacaram no desenvolvimento de iniciativas de Educação Olímpica no ano letivo 2021/2022.

Teresa Gaspar - membro da Comissão Executiva do COP, Atleta Olímpica do judo e professora de Educação Física - abriu a conferência com a mensagem de boas-vindas aos participantes e, na sua intervenção, apresentou uma reflexão sobre o contributo da Educação Olímpica para o "Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória" (PASEO), editado pelo Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação e homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho.

Fazendo um exercício de caracterização do PASEO e do *Olympic Values Education Programme* (OVEP), do Comité Olímpico Internacional, Teresa Gaspar apresentou a relação entre os valores do PASEO e os Valores Olímpicos, destacou as metodologias e demonstrou o potencial da Educação Olímpica enquanto ferramenta educativa que se alinha com os objetivos do PASEO.

Nesta manhã de partilhas, Rita Nunes, diretora do Departamento de Educação e Memória Olímpica do COP, apresentou o projeto da visita virtual 360º à sede do COP, que permite aos visitantes descobrir a história e participações de Portugal nos Jogos Olímpicos, algumas das peças do espólio e informações relacionadas com o Movimento Olímpico.

Os participantes assistiram ainda à apresentação do Plano de Inovação "Educação nos Valores Olímpicos" implementado no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto e às intervenções dos Professores Ana Filipa Karas, Salette Fradoça, Rui Calhau, Cláudia Vaz, Maria João Vale e Gustavo Marcos relativamente aos projetos que têm vindo a desenvolver ao longo dos anos para promover a Educação Olímpica.

A conferência concluiu-se com o reconhecimento às entidades que se destacaram na implementação de iniciativas de Educação Olímpica no ano letivo 2021/2022: Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto - Porto, Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo - São Domingos de Rana (Cascais), Agrupamento de Escolas Rio Novo do Príncipe - Cacia (Aveiro), Escola Básica e Secundária Gama Barros - Cacém e Associação Jogos de Quelfes (Olhão).

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA no Arquivo Histórico do COP

Preservar a história e a memória do desporto em Portugal é a missão do Arquivo Histórico do Comité Olímpico de Portugal (COP), nomeadamente no que diz respeito ao Movimento Olímpico. O seu objetivo primordial é a salvaguarda e o tratamento documental, fotográfico e fílmico, tornando-o disponível em livre acesso à sociedade civil e à comunidade científica nacional e internacional.

O projeto de recuperação, organização e disponibilização do Arquivo Histórico do COP obteve vários financiamentos entre os anos de 2013-2016, 2018-2020 e 2021-2024 através de fundos internacionais oriundos da Solidariedade Olímpica - Comité Olímpico Internacional. Já o tratamento e organização do arquivo fotográfico beneficiou de um financiamento, em 2016, decorrente de uma candidatura bem-sucedida da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Arquivo Histórico do COP é constituído por documentação produzida e recebida ao longo dos anos da sua vida 1912 à atualidade, contudo, a documentação mais antiga existente data de 1915. A documentação está devidamente organizada, descrita e disponível para consulta *online* até aos Jogos Olímpicos Sydney 2000, num espólio constituído por mais de 255 000 documentos que podem ser consultados no portal do Arquivo Histórico do COP:

www.arquivo.comiteolimpicoportugal.pt

Mas o Arquivo Histórico do COP vai para além da sua documentação. O espólio fotográfico datado de 1900 a 2009, uma fonte cada vez mais utilizada por investigadores das mais variadas áreas que permite relacionar e compreender melhor o contexto de produção de toda a documentação, está também disponível para consulta. Para além das fotografias, os interessados poderão consultar também recortes de imprensa, documentos de outras dimensões, como peças desenhadas (plantas) e cartazes de diversas iniciativas disponibilizados *online*. Ao todo poderão ser consultados mais de 1900 recortes de imprensa e 4000 provas fotográficas.

Renovação do painel do Salão Nobre do COP feita a partir de imagens históricas

Relativamente aos objetos fílmicos existem vários materiais, desde bobines de película 35mm preto/branco, bobines de 16mm cor, cassetes VHS e imagens digitais. Com as primeiras foi necessário recorrer aos serviços da Cinemateca Portuguesa, com a qual foi estabelecido um protocolo de depósito legal e onde foi possível identificar não só imagens de participações em vários Jogos Olímpicos, mas também um filme datado de 1926, que regista a reunião do Comité Olímpico Internacional realizada em Lisboa, nesse mesmo ano. Possivelmente este registo fílmico é o mais antigo que se tem conhecimento à data, o que enaltece o trabalho de Portugal no seio do Movimento Olímpico Internacional.

É importante referir que, pela especificação do movimento olímpico, com a organização de Jogos Olímpicos de quatro em quatro anos, a organização documental, fotográfica e fílmica foi organizada tendo em conta este mesmo critério, servindo de referência os Jogos Olímpicos de verão, onde Portugal participa de forma regular desde 1912.

No decorrer do ano de 2023 foi realizada uma intervenção no Salão Nobre, espaço emblemático do COP, estando agora renovado com imagens de momentos históricos dos nossos Atletas Olímpicos. Foi recorrendo ao espólio fotográfico existente no Arquivo Histórico do COP que este trabalho, que conta parte da história Olímpica de Portugal, foi possível realizar.

Associado ao Arquivo Histórico do COP existe ainda uma vasta biblioteca. Ao longo do ano 2023 tem vindo a trabalhar-se para que esta coleção de livros, revistas e publicações periódicas continue a crescer e que possa ser divulgada, num futuro próximo, contribuindo para a produção de conhecimento associado ao desporto, ao Olimpismo e ao Movimento Olímpico em Portugal.





Dezasseis jovens participaram na 1.ª edição, comprometidos no desenvolvimento de objetivos de igualdade de género e de inclusão

PROGRAMA NOVAS LIDERANÇAS para um desporto +igual

A 1.ª edição do programa de formação e mentoria Novas Lideranças, para um desporto +igual, iniciativa liderada pelo Comité Olímpico de Portugal (COP), com o apoio da Solidariedade Olímpica, decorreu entre outubro de 2022 e julho de 2023, contando com as parcerias colaborativas do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (PPDM), tendo como público alvo jovens mulheres e homens, até aos 35 anos de idade, a exercerem funções de liderança em organizações desportivas.

Candidataram-se ao programa 21 jovens tendo sido selecionados 16 (nove mulheres e sete homens, 29,1 4 5,3 anos) que se comprometeram, ao longo da sua formação, a desenvolver um plano de ação visando facilitar a implementação de um (ou mais) Objetivos de Igualdade de Género e Inclusão do Comité Olímpico Internacional (COI) 2021-2024, nas suas organizações desportivas, para desta forma ultrapassar obstáculos identifica-

dos em matéria de igualdade de género ao nível do desporto nacional e ajudar a criar uma cultura de mudança. O processo de formação foi acompanhado por uma equipa de mentores (homens e mulheres), dez personalidades de reconhecida liderança na área do desporto.

O Programa foi composto por três “workshops” de formação inicial, organizados em dia e meio (de forma descentralizada a nível nacional, utilizando a rede de pousadas da juventude) subordinados a três temáticas específicas, complementado pelo processo de mentoria e uma conferência final na qual os participantes apresentaram os projetos de mudança para as suas instituições. A conferência teve como oradora principal Annamarie Phelps, presidente da Comissão para a Igualdade de Género, Diversidade e Inclusão dos Comitês Olímpicos Europeus e remadora olímpica em Atlanta 1996, que abordou o tema “The changing landscape of sport leadership”, realçando que “a igualdade entre homens e mulheres é uma luta humana e não uma luta de mulheres.”

Há um check-up que se adapta à saúde de cada um

Novo check-up Lusíadas
Previna a sua saúde
sem alterar a sua vida.

Escolha o nível de check-up mais
adequado para si e faça um circuito
de análises, exames e consultas
de uma vez só.

Saiba mais aqui:



lusiadas.pt

Lusiadas SGPS, S.A. | NIPC 509 336 167

Lusiadas

Ações dirigidas a missões, federações desportivas e estabelecimentos de ensino com alunos integrados em cursos de desporto

Programa de Integridade Pelo Respeito na formação de agentes desportivos

A Integridade no desporto é um princípio essencial para a salvaguarda dos seus valores que urge proteger face à diversidade de ameaças que hoje enfrenta, posicionando o universo desportivo a salvo dos inúmeros fatores de risco que comprometem a integridade física e moral dos agentes e organizações desportivas.

Perante o crescente e preocupante número de ocorrências que colocam em causa a integridade desportiva de diversas modalidades, níveis de competição, e todos as que nelas participam, o Comité Olímpico de Portugal continua a apoiar as federações e agentes desportivos, naquela que continua a ser a sua estratégia global de atuação: Sensibilizar, Educar e Capacitar, com ferramentas customizadas e eficazes na prevenção, reconhecimento e denúncia de todo o tipo de ameaças à integridade desportiva.

Manipulação de Competições

A Unidade de Integridade do COP tem vindo a dar continuidade à implementação do programa Pelo Respeito no domínio da Manipulação de Competições, com particular atenção para o plano formativo, incrementando a rede de parceiros e de Pontos Únicos de Contacto (PUCs) nas organizações desportivas.

Em 2023, foram realizadas diversas sessões de capacitação atletas, treinadores, oficiais, dirigentes, árbitros, juizes, familiares e estudantes de desporto, nos mais diversos contextos, nomeadamente:

- Missões - Equipa Portugal (atletas, treinadores e oficiais)
- Programa de Esperanças Olímpicas (atletas, respetivos familiares e treinadores)
- Federações Desportivas (cursos de treinadores, estágios de seleções nacionais, ações de formação de dirigentes)
- Estabelecimentos de Ensino (alunos integrados em cursos de desporto)
- *Olympic Movement Unit for Competition Manipulation* do Comité Olímpico Internacional (Pontos de Contacto para a Integridade dos Comitês Olímpicos Nacionais)

A otimização operacional do processo de formação de atletas, treinadores, dirigentes, árbitros, juizes e oficiais, numa lógica de maior regularidade e consistência, traduz uma franca melhoria da atuação (gestão e minimização de vulnerabilidades) das federações desportivas, nas mais variadas latitudes, por via da implementação de programas e instrumentos concretos que ajudem a prevenir, reconhecer e denunciar infrações à integridade desportiva, independentemente da modalidade e no nível de

competição. Para aderir ao programa, ou solicitar esclarecimentos, contacte-nos através do endereço de correio eletrónico integridade@comiteolimpicoportugal.pt

Proteção de Atletas (*Safeguarding*)

A proteção de atletas, como pilar fundamental da integridade desportiva, é um domínio de desenvolvimento recentemente incluído no Programa Pelo Respeito, revestindo-se de cabal importância para aqueles que são os objetivos do COP traçados para o ciclo Olímpico Paris 2024.

Neste âmbito um principal objetivo foi desenvolver competências no seio do COP, no sentido de ter uma equipa capacitada para abordar adequadamente esta área específica - dois dos seus colaboradores frequentaram e concluíram com sucesso o curso especializado de *Safeguarding Officer* do Comité Olímpico Internacional, em abril de 2023. Paralelamente, o COP manteve a sua participação no Comité Diretor do projeto *Child Safeguarding in Sport* (CSiS), tornado o grupo estratégico de longo prazo responsável por impulsionar a implementação da agenda de Proteção de crianças e jovens no desporto a nível nacional, incluindo a criação dos Agentes de proteção (Guardiões) nas organizações desportivas. Ainda em 2023, tiveram lugar as primeiras iniciativas de sensibilização e formação, quer no âmbito da preparação das Missões desportivas, quer junto de organizações desportivas e dos seus agentes que desenvolvem atividade com jovens atletas.

No domínio da proteção de atletas, o Comité Olímpico de Portugal candidatou-se ainda ao programa Erasmus+ Desporto 2023, um projeto de parceria de cooperação (com o acrónimo GRASS), que foi selecionado de um total de 113 projetos europeus (apenas 3 de Portugal) para financiamento da União Europeia.

O projeto GRASS, iniciativa liderada pelo COP, reúne sete organizações parceiras de 6 países (Portugal, Bélgica, Espanha, Bulgária, Eslovénia e Albânia), foi aprovado com um financiamento de 250.000€ para 24 meses (de janeiro 2024 a dezembro de 2025) e tem como principal finalidade a sensibilização e disponibilização de ferramentas práticas para apoiar as organizações desportivas de base (clubes) a assumirem a sua responsabilidade e dever de cuidado para garantir um desporto seguro para todos os atletas. Nomeadamente, o desenvolvimento de uma ferramenta de autodiagnóstico que avalie em que medida estão



a proteger os seus atletas, bem como um kit de instrumentos digitais que os apoie no desenvolvimento e implementação de políticas e medidas de proteção. Estas ferramentas serão disponibilizadas a todo o movimento desportivo em geral, em particular as federações desportivas, que ficarão com duas ferramentas práticas de diagnóstico e atuação, permitido apoiar o trabalho dos seus Agentes de proteção (Guardiões) junto dos clubes.

Prémios Ciências do Desporto

Os Prémios Ciências do Desporto (PCD), atribuídos pelo Comité Olímpico de Portugal (COP) em parceria com a Repsol, distinguiram na sua 7.ª edição as categorias de Treino Desportivo, Psicologia e Pedagogia do Desporto e Medicina do Desporto.

O reconhecimento e notoriedade desta iniciativa tem vindo a crescer e, em consequência disso, o número de trabalhos submetidos a concurso também como pode ser observado no gráfico. O número de trabalhos voltou a superar as edições anteriores, com a submissão de 87 trabalhos à análise do júri de especialistas de cada uma das áreas: 41,4% Treino desportivo, 32,2 % Medicina do desporto e 26,4% Psicologia e Pedagogia do desporto.

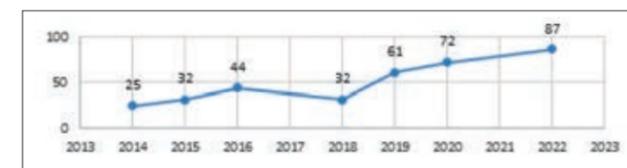


Gráfico 1 - Total de trabalhos submetidos aos Prémios Ciências do Desporto nas várias edições

Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas (MEMOS)

Com o apoio da Solidariedade Olímpica, Fernando Tavares, vice-presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, frequentou e concluiu com sucesso a IX edição em francês do MEMOS.

O Comité Olímpico de Portugal (COP) organizou em maio a Cerimónia de entrega do Diploma a Fernando Tavares com a apresentação pública do seu trabalho "*Quels facteurs clés de succès pour l'athlétisme de haut niveau au Portugal*".

Igualmente aprovada em 2023 foi a candidatura a bolsa da Solidariedade Olímpica para frequência do mestrado "Olympic Studies, Olympic Education, Organisation and Management of Olympic Events" de Eduardo Pereira Coelho.

Equipa Olímpica de Refugiados

A Equipa Olímpica de Refugiados (EOR) é um programa dirigido aos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) dos países que acolhem refugiados, no sentido de ajudarem o Comité Olímpico Internacional (COI) no esforço de apoio e proteção de atletas refugiados com potencial para uma futura participação Olímpica. Os atletas que ingressam neste programa têm de ter o estatuto de "refugiado", reconhecido pela Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), e revelar um nível competitivo elevado numa modalidade desportiva individual.

Em Portugal, o COP acompanha o atleta Farid Walizadeh (boxe), criando as condições para a sua possível integração na equipa EOR com vista à participação nos próximos Jogos Olímpicos de Verão Paris 2024. O atleta beneficia de uma bolsa da Solidariedade Olímpica que lhe permite viver, treinar e estudar em condições semelhantes às dos atletas integrados no regime de alto rendimento.

Em 2023, Farid Walizadeh participou na 3ª edição dos Jogos Europeus, em Cracóvia, e foi porta-estandarte naquela que foi a primeira abertura deste evento à participação de atletas refugiados.



Farid Walizadeh

Viver o Desporto Abraçar o Futuro

"Viver o Desporto - Abraçar o Futuro" é um programa criado em 2016 pelo COP, abrangente e transversal, assente numa abordagem ecológica ancorada nos Valores Olímpicos - Respeito, Amizade e Excelência que visa alavancar o desporto como uma ferramenta fundamental para o acolhimento, inclusão social e integração de refugiados em Portugal, proporcionando também oportunidades para aqueles que querem seguir a sua carreira desportiva anterior.

O programa implementado através de uma parceria de colaboração com organizações governamentais e da sociedade civil beneficiou desde o seu início mais de 1000 refugiados, um dos quais - Dorian Keletela - competiu nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e outro está a preparar-se para tentar entrar na equipa de refugiados de Paris 2024.

No *EU Sport Forum 2023* realizado em Maio, em Estocolmo, o programa "Viver o Desporto - Abraçar o Futuro" foi distinguido como projeto *#BeInclusive EU Sport Awards 2022*, na categoria "Sport for Peace" enquanto projeto que utiliza o desporto como veículo para promover a paz e os valores europeus.

30 conversas com a memória

Um livro de História e de histórias de alguns dos grandes protagonistas da transformação da Educação Física e do Desporto, em Portugal



Obra foi apresentada na sede do COP perante a maioria dos entrevistados

O Comité Olímpico de Portugal lançou “um livro de História e de histórias de alguns dos grandes protagonistas da transformação da Educação Física e do Desporto em Portugal”, conforme explica o autor, Vítor Serpa, na sua nota introdutória. São “vinte conversas reais e dez conversas imaginárias com quem conosco continua a conversar através dos seus legados, que não se podem perder. A sublime descoberta de uma riqueza cultural escondida e injustamente esquecida. A evolução transformadora da teoria e da prática de uma área essencial do pensamento e do desenvolvimento humano.”

A obra nasceu de um desafio lançado pelo Presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, a Vítor Serpa, para que registasse a memória de 30 “protagonistas que desempenharam cargos relevantes no sistema desportivo nacional e em importantes funções noutras áreas e que nos ajudam a perceber que ontem, tal como hoje, persistem por ultrapassar aspetos centrais de desenvolvimento desportivo de um país”, tal como escreveu no prefácio João Paulo Almeida, diretor-geral do COP.

Os protagonistas destas conversas reais são Alberto Trovão do Rosário, Alfredo Melo de Carvalho, António Vasconcelos Raposo, Arcelino Mirandela da Costa, Carlos Neto, David Monge da Silva, Eduardo Trigo, Jorge Araújo, Fernando Mota, Francisco Sobral Leal, Henrique Melo Barreiros, Jenny Candeias, Jorge Olímpio Bento, Manuel Brito, Maria Adelaide Patrício, Maria da Graça Sousa Guedes, Fátima Monge da Silva, Leonor Moniz Pereira, Sidónio Serpa e Vítor da Fonseca. As conversas imaginárias são com António de Paula Brito, Nelson Mendes, Henrique Reis Pinto, Hermínio Barreto, Jorge Crespo, José Esteves, Noronha Feio, Teotónio Lima, Maria da Graça Mexia e Mário Moniz Pereira.





Todos são desafiados a juntarem-se no caminho dos atletas portugueses rumo aos Jogos Olímpicos Paris 2024

O coração dos portugueses a bater pela equipa Portugal

A um ano dos Jogos Olímpicos Paris 2024, foi lançada uma campanha que pretende juntar o coração de todos os portugueses, em vários momentos, ao longo do caminho de preparação e qualificação dos atletas.

No maior evento multidesportivo, que reúne mais de 10 000 atletas, provenientes de 206 países, e face ao momento que a sociedade e o mundo atravessam, Portugal vai levar uma mensagem de amor ao mundo.

O coração dos que vibram pela Equipa Portugal, de um País aberto ao mundo, que também se cumpre na diáspora, um coração português, apaixonado pelo desporto e pelos valores olímpicos, que bate com a força dos atletas.

O ponto de partida para o desenvolvimento criativo dos grafismos teve por base as cores, e uma interpretação dos elementos geométricos que compõem a bandeira de Portugal, organizados de forma dinâmica para criar uma maior ligação à energia dos atletas, preservando a matriz da simbologia associada ao nosso País. A utilização do coração, integrado no fundo gráfico, constituiu o elemento diferenciador que ilustra a mensagem de amor.

Amplificar o alcance

Esta campanha está presente nas várias plataformas de comunicação do Comité Olímpico de Portugal, em permanência, até ao final dos Jogos Olímpicos Paris 2024.

No sentido de amplificar o alcance em todo o Movimento Olímpico em Portugal, as Federações e os Parceiros Olímpicos são convidados a participar em vários momentos da campanha, através de materiais e grafismos fornecidos pelo Comité Olímpico de Portugal, que podem ser personalizados por cada entidade.

Viver os Jogos Olímpicos e apoiar a Equipa Portugal - bilhetes e hospitalidade

A oportunidade de viver de perto as emoções da participação dos atletas da Equipa Portugal nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 está disponível, em exclusivo, no site oficial <https://tickets.paris2024.org> através de bilhetes para os diversos eventos e, pela primeira vez, através de programas de hospitalidade nos locais de competição e em diversas zonas da cidade de Paris em <https://hospitalitytravelpackages.paris2024.org>



Iniciativa já integra a "Olympic Forest Network" do Comité Olímpico Internacional

COP começa a plantar a Floresta Olímpica de Portugal

A Floresta Olímpica de Portugal é uma iniciativa do Comité Olímpico de Portugal, lançada em 2023, que tem por objetivo contribuir para a reflorestação do território nacional e compensação das emissões residuais de carbono do Movimento Olímpico em Portugal.

Esta floresta irá crescer em vários pontos do país, através da participação dos Parceiros Olímpicos, Federações, Clubes e Atletas que se queiram juntar a esta iniciativa, contribuindo assim para a implementação do plano de sustentabilidade do Comité Olímpico de Portugal.

A Floresta Olímpica de Portugal já integra a "Olympic Forest Network", uma iniciativa do Comité Olímpico Internacional, que agrega as florestas de vários comités olímpicos nacionais, numa rede dedicada a enfrentar as alterações climáticas nas respetivas áreas de influência.

811 Árvores para 811 Atletas Olímpicos

A primeira ação de plantação decorreu no dia 3 de março, na Serra de Sintra, com o apoio do parceiro olímpico Procter & Gamble, com o simbolismo de serem plantadas 811 árvores pelos 811 atletas olímpicos que já representaram Portugal nos Jogos Olímpicos.

A presidente da Comissão de Atletas Olímpicos, Diana Gomes, os atletas Olímpicos Nuno Barreto, Joana Pratas, Renato Kobayashi, Joaquim Vieira, Yahima Ramirez, Ricardo Pedroso, Edivaldo Monteiro, e membros do staff do Comité Olímpico de Portugal e da Procter & Gamble, juntaram-se numa ação que contou com a colaboração da associação Plantar uma Árvore para contribuir para a reflorestação da Serra de Sintra.

1 Toyota 1 árvore

A Floresta Olímpica de Portugal recebeu mais um contributo, desta vez na Marinha Grande, com a plantação de um conjunto de árvores que se somaram às 10 000 árvores já plantadas através da ação "Um Toyota uma árvore" levada a cabo pelo parceiro Olímpico Toyota.

A iniciativa juntou os Atletas Olímpicos João Vieira, Vera Santos, Joaquim Videira e Yahima Ramirez, colaboradores do COP, colaboradores da Toyota e da Aruncauto, o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, a Direção Regional da Conservação da Natureza e Florestas do Centro, e o vereador da Câmara Municipal da Marinha Grande e Pelouro do Ambiente, João Brito Filipe, acompanhado pela responsável pela Divisão de Ambiente, Alterações Climáticas e Sustentabilidade, Sónia Guerra.



O desenvolvimento da estratégia de marketing do COP tem permitido um envolvimento dos Parceiros Olímpicos no apoio às suas atividades regulares, estendido às Federações e aos atletas

Iniciativas dos Parceiros Olímpicos do COP

REPSOL



Desenvolveu um programa de fidelização com o Comité Olímpico de Portugal, com um cartão de desconto em combustíveis para o consumidor do universo desportivo e cartão frota. Garante uma contribuição financeira para o Comité Olímpico de Portugal e Federações desportivas que integrem o programa. Patrocinou a evolução do cartão físico para uma aplicação móvel com cartão digital, que permite a dinamização de iniciativas de fidelização. Esta aplicação revelou-se um importante ponto de encontro dos fãs com os atletas da Equipa Portugal, com acesso a notas biográficas, notícias, agenda e resultados nas competições. A Repsol suporta também o atual projeto de evolução e melhoramentos da App Equipa Portugal, que permitirá uma melhor experiência dos utilizadores e maior dinamização do programa de fidelização com os vários parceiros Olímpicos do Comité Olímpico de Portugal. Apoiava ainda o projeto Prémios Ciências do Desporto, uma iniciativa que premeia o desenvolvimento de trabalhos de investigação para valorização do desporto enquanto objeto de estudo. No âmbito da responsabilidade social, encontra-se a desenvolver a sua contribuição para a Floresta Olímpica de Portugal.

JOMA



Foi selecionada para fornecer os equipamentos desportivos para o Ciclo Olímpico Paris 2024, contemplando as cerimónias de subida ao pódio, os momentos de treino, viagens, e dia-a-dia na Aldeia Olímpica. O conjunto de equipamentos desenvolvidos inclui peças de têxtil, acessórios e calçado. No design, personalizado para a Equipa Portugal Paris 2024, será incorporado o reconhecimento das cores da nossa bandeira, para que os equipamentos valorizem o sentimento de orgulho de cada atleta de pertencer à equipa que irá representar Portugal nos Jogos Olímpicos Paris 2024. O acordo com a Joma contempla ainda a disponibilização de equipamentos desportivos com condições especiais para as Federações desportivas.

No dia da Cerimónia de Apresentação da Equipa Portugal Cracóvia-Malopolska 2023, a Joma ativou com o desfile de apresentação dos equipamentos desportivos e a produção de conteúdos digitais e vídeo.

DECENIO



A relação estabelecida entre o COP e a marca Decenio tem como objetivo a conceção, produção e fornecimento dos trajes para todos os elementos da Missão de Portugal aos Jogos Olímpicos Paris 2024. A Decenio teve oportunidade de ativar junto dos atletas, que participaram numa sessão fotográfica com oferta de acessórios da marca a atletas integrados na Missão aos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023. Ainda em 2023, a Decenio criou uma campanha convidando todos os portugueses a enviarem mensagens de apoio aos atletas, através do website da marca bem como das suas lojas físicas.

PROCTER & GAMBLE



Contribuiu para as várias missões da Equipa Portugal com produtos de higiene das suas marcas, tendo disponibilizado ofertas de vários produtos para todos os elementos da Missão de Portugal aos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023. Começou a contribuir para o crescimento da Floresta Olímpica de Portugal com uma ação de plantação de 811 árvores, uma por cada atleta olímpico, com a participação de atletas olímpicos, colaboradores e entidades oficiais. Lançou ainda a campanha “Campeões todos os dias” em que a venda de uma seleção de produtos reverte para a plantação de árvores na Floresta Olímpica de Portugal.

COSMOS



Parceiro Olímpico responsável pela organização e gestão das viagens de todas as Missões da Equipa Portugal durante o ciclo Olímpico Paris 2024. Reserva e emite as viagens em grupos e individuais para que todos viajem em segurança e de acordo com os períodos de competição. Faz ainda a gestão dos seguros de viagem, em coordenação com o parceiro Olímpico Allianz, que forneceu os seguros para todos os elementos.

RANGEL



Parceiro Olímpico responsável pelas operações logísticas do COP, assegura o transporte do diverso material e equipamentos desportivos necessários para a participação dos atletas, e funcionamento e organização do espaço de todas as Missões de Portugal durante o Ciclo Olímpico Paris 2024.

BTL



Parceiro Olímpico responsável pela disponibilização de equipamentos médicos especializados para a recuperação e tratamento de eventuais lesões. Assegura a montagem e desmontagem no espaço médico da aldeia dos atletas e dos diversos equipamentos, em coordenação com a equipa médica do COP e Chefia de Missão de Portugal.

VILA GALÉ



Foi acordada uma relação de parceria, que estabeleceu condições especiais de alojamento nos Hotéis Vila Galé, para além de ofertas anuais de espaços nas unidades do grupo para eventos do COP. São ainda disponibilizadas condições especiais de alojamento para Federações Desportivas, para reservas de realização de estágios e competições. Através da App Equipa Portugal são ainda disponibilizadas condições para os diversos utilizadores, como os atletas Olímpicos e treinadores Olímpicos.

TOYOTA



Parceiro Olímpico de mobilidade, disponibiliza viaturas regulares e pontuais ao COP durante todo o Ciclo Olímpico Paris 2024. Disponibilizou uma viatura Rav4 através da sua congénere na Polónia, pelo período de 20 de junho a 3 de julho, que permitiu o reforço do sistema próprio de transportes da Missão de Portugal nos Jogos Europeus de 2023, num evento que estava disperso por várias cidades da Polónia. Dará também apoio à Missão de Portugal aos Jogos Olímpicos de Paris 2024. No âmbito do projeto “1 Toyota 1 árvore”, contribuiu para a Floresta Olímpica de Portugal com uma ação de plantação de 10 000 árvores, com a participação de atletas olímpicos, colaboradores e entidades oficiais. São ainda disponibilizadas condições especiais de aquisição de viaturas da marca Toyota e Lexus para Federações Desportivas e Atletas Olímpicos.

PHILAE



A relação estabelecida entre o COP e a Sociedade Portuguesa de Moedas, tem como objetivo o licenciamento da marca Comité Olímpico de Portugal para utilização no material publicitário e promocional, no estójo de apresentação de uma coleção de moedas sobre os países anfitriões dos Jogos Olímpicos, e na medalha alusiva à delegação portuguesa nos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Desenvolve ainda um programa de apoio aos atletas refugiados em preparação para os Jogos Olímpicos, contribuindo para facilitar a integração de refugiados na sociedade portuguesa através do desporto, com a disponibilização de recursos financeiros para apoio à preparação dos atletas.

RTP



Garantiu os direitos de transmissão televisiva dos Jogos Europeus Cracóvia-Malopolska 2023, e fez o acompanhamento editorial e transmissão nos espaços informativos dos seus canais 1 e 3 e na RTP Play. Assegurou ainda os direitos de transmissão televisiva dos Jogos Olímpicos Paris 2024 e contribuirá para a promoção da participação dos atletas da Equipa Portugal.

AIRBNB



Ao abrigo da relação de parceiro Olímpico, a Airbnb ativou através da disponibilização de oferta de alojamento durante os períodos de estágio, ou competição, na fase de preparação para os Jogos Olímpicos Paris 2024. Diversos atletas e modalidades integrados no programa de preparação Olímpica beneficiam deste apoio.

LUSÍADAS



A relação estabelecida entre o COP e os Lusíadas, tem por objetivo a disponibilização de serviços médicos para as os atletas integrados no programa de preparação Olímpica e participantes nos Jogos Olímpicos Paris 2024. Este apoio funciona através de um plafond financeiro em serviços médicos, que é ativado pela Direção de Medicina Desportiva do COP em ligação com os responsáveis médicos das Federações Desportivas.

SHAMIR



A relação estabelecida entre o COP e a marca Shamir, tem por objetivo o fornecimento de serviços de oftalmologia para o Ciclo Olímpico Paris 2024, através da oferta e produção de lentes graduadas para os Atletas Olímpicos e COP.

JOGOS SANTA CASA



A relação de parceiro Olímpico estabelecida é enquadrada no âmbito do Programa de Responsabilidade Social para a área da Educação, com o objetivo de proporcionar bolsas de educação aos atletas que conciliam a sua preparação Olímpica com a carreira académica. Anualmente são atribuídas pelo menos 30 bolsas financeiras aos atletas do projeto Olímpico que se candidatem e reúnam as condições previstas no regulamento. Para promover esta oportunidade é feita anualmente uma campanha digital para a abertura do período de candidaturas e é realizada uma cerimónia de entrega das Bolsas de Educação Jogos Santa Casa aos laureados.

ALLIANZ



O parceiro Olímpico Allianz desenvolveu um produto específico de seguro de acidentes pessoais, que inclui as viagens de todos os elementos das Missões de Portugal às competições de preparação e aos Jogos Olímpicos Paris 2024.

Ativou a parceria com Fernando Pimenta, atleta embaixador da marca, através de um passatempo cujo objetivo é a oferta de um fim de semana com a mentoria do atleta. Promoveu ainda um Workshop de Literacia Financeira para atletas Olímpicos, com o objetivo de dotar os participantes de estratégias e ferramentas de planeamento financeiro para melhor gerirem o seu orçamento pessoal e familiar.

RFM



A relação estabelecida com a marca RFM do grupo Renascença tem por objetivo a promoção da preparação e participação da Equipa Portugal nos Jogos Olímpicos Paris 2024, nomeadamente através da criação da música oficial e da emissão de spots promocionais no período dos 100 dias para os Jogos Olímpicos Paris 2024.

A RFM está a desenvolver e produzir um podcast exclusivo alusivo à Equipa Portugal Paris 2024, promovendo os atletas Olímpicos até aos Jogos Olímpicos Paris 2024.

INCM



O parceiro Olímpico INCM adquire o licenciamento da marca e do símbolo Comité Olímpico de Portugal na emissão da moeda comemorativa da participação portuguesa nos Jogos Olímpicos Paris 2024, que contempla uma sessão de apresentação da moeda no dia da colocação em circulação.

No âmbito da promoção da prática de exercício físico, a INCM ativou através da realização da 3ª Corrida INCM, com o propósito de incentivar e consciencializar a população para a prática do exercício físico, revertendo parte da receita para a associação Plantar uma Árvore.

CISION



O objetivo da parceria da Cision com o COP é o apoio gratuito no fornecimento de serviços de monitorização diária de clipping para o Ciclo Olímpico Paris 2024, que permite o acompanhamento das notícias do COP, movimento desportivo e participação dos atletas Olímpicos. A informação recolhida nos meios de comunicação social sobre a participação da Equipa Portugal é analisada e avaliada no estudo de marca que se realiza no ano dos Jogos Olímpicos.

A 253 dias de PARIS 2024

Os próximos Jogos Olímpicos de verão serão os Jogos da igualdade, mas também da sustentabilidade e da descentralização, com locais de competição distribuídos por vários pontos de França e até no Tahiti



Os Jogos Olímpicos Paris 2024 estão a escassos 253 dias do seu início. Esta é a jornada de uma vida feita de esforço, dedicação e paixão em que cada gota de suor, cada hora de treino e cada sacrifício são um investimento no sonho olímpico.

Os Jogos são muito mais do que uma competição desportiva, são a celebração do compromisso, da resiliência e da capacidade extraordinária de transformar o trabalho de dias, semanas, meses e anos numa realidade ao alcance de poucos. Tóquio permitiu que esta dedicação continuasse a fazer sentido, mas Paris prepara-se para trazer de volta a celebração, o entusiasmo e a euforia que só o desporto consegue provocar.

A celebração do centenário dos Jogos de 1924 na Cidade-Luz vem acompanhada da resposta aos desafios do século XXI.

De 1924 ficam as histórias dos finlandeses voadores do Atletismo, Paavo Nurmi e Ville Ritola, da participação do "Tarzan" na natação, do Torneio de Ténis vencido por um dos sobreviventes do naufrágio do Titanic e da imortalização desta edição no filme *Chariots of Fire*, ao retratar a participação dos velocistas ingleses Harold Abrahams e Eric Liddell. Também em 1924 foi estreado o protocolo da Cerimónia de Encerramento no formato que hoje conhecemos.

Mas os tempos são outros e depois dos 3088 Atletas, de 44 países terem alcançado o Olimpo em 17 modalidades e 126 eventos de medalha, os números, 100 anos depois, serão outros. Em 2024 teremos outros protagonistas. Esperam-se cerca de 10 500 Atletas em representação demais de 200 Comitês Olímpicos Nacionais a desfilar numa cerimónia de abertura inédita. Abandonada a tradição da celebração num estádio, será a partir

das margens do Rio Sena que serão conhecidos os heróis de Paris 2024. Esperam-se, pela primeira vez na história, exatamente o mesmo número de atletas entre géneros.

Acompanhando as medidas previstas na Agenda 2020+5 do Comité Olímpico Internacional, Paris reduziu drasticamente o investimento em novas infraestruturas desportivas. À boleia do parque desportivo de que a cidade usufrui, as grandes construções centraram-se na revitalização urbana da Cidade do Cinema em Saint Dennis, para alojar os Atletas, no Centro Aquático para dotar a zona nordeste da cidade de uma piscina que sirva também a comunidade e da Arena de Porte de la Chapelle para servir como centro cultural na estratégia de legado do Comité Organizador para o período pós-Jogos.

Para além dos pavilhões e arenas que servem atualmente a cidade, também os espaços icónicos de Paris serão palco dos Jogos Olímpicos. Entre a Place de la Concorde e a Esplanade des Invalides, passando pelo Grand Palais, pela Pont Alexandre III, pelo Trocadéro, pelo Champ-de-Mars e pela Torre Eiffel serão organizados 15 das modalidades do atual programa. É justo dizer que o coração de Paris irá palpitar com os Jogos.

Fora do centro de Paris serão outros os locais icónicos que irão receber os Jogos. Roland Garros, o Parc des Princes, a Arena Bercy, o Hôtel de Ville, o Château de Versailles, o Golf National são mais alguns dos locais que preenchem vários dos postais da cidade.

E os Jogos não se ficam pela capital francesa. Entre as modalidades em que Portugal conta já com quotas conquistadas destacam-se as participações em Châteauroux, que receberá as com-

petições do Tiro e do Tiro com Armas de Caça, em Marselha, na qual a sua Marina servirá as competições de Vela e a mítica onda de Teahupo'o no Tahiti, que será o palco das competições de surf.

Uma das principais características que distingue os Jogos está a ser abandonada. Concentrar as competições, com as suas diversas exigências no que às instalações desportivas diz respeito, é cada vez mais difícil de garantir numa só cidade. As condições técnicas que são exigidas por cada uma das Federações Internacionais para as suas competições exige um esforço financeiro gigante que está a ser ultrapassado através do recurso a espaços existentes ao longo do território e não apenas na cidade sede. Recentemente assistimos a uma decisão que implica que, parte das competições dos próximos Jogos Olímpicos de Inverno, sejam organizadas num país distinto daquele que recebeu a oportunidade de receber aquele evento.

Mas os desafios não se ficam por aqui. Para além da sustentabilidade financeira, também a sustentabilidade ambiental dos grandes eventos está na ordem do dia. As preocupações com a pegada carbónica levaram a um conjunto de medidas ambientalmente conscientes, tais como o recurso a energia renováveis nas diferentes instalações, a redução de desperdícios identificados em edições anteriores e a promoção da utilização de transportes públicos e de baixo impacto ambiental.

E Paris não seria Paris se não aproveitasse a oportunidade de receber uns Jogos Olímpicos sem garantir um programa cultural durante o evento. Mais uma vez retomando o percurso da história, a cidade terá uma agenda de eventos que vão para além do desporto.

Mas como todas as grandes cidades europeias, a capital francesa levanta algumas preocupações. A segurança e o trânsito serão dois dos aspetos que estarão bem presentes durante todos os Jogos.

E será no meio de todas estas novidades e desafios participarão os Atletas da Equipa Portugal para lutarem pela concretização de um resultado global que respeite os seguintes objetivos:

- Não inferior a 4 posições de pódio;
- Não inferior a 15 diplomas (entre o 1º e o 8º lugar);
- Não inferior a 36 classificações entre os 16 primeiros;
- Não inferior a 57 pontos entre os 8 primeiros;
- Aumentar a representatividade das modalidades participantes nos JO, ou seja, qualificar 19 modalidades distintas;
- Aumentar para 80% o rácio entre Atletas integrados nos Níveis Medalhado, TOP Elite e Elite e selecionados para competirem nos JO Paris 2024;
- Participação em 70 eventos de medalha;
- Disputar o número de eventos de medalhas de forma equitativa em termos de género.

Paris 2024 está ao virar da esquina, e cada um daqueles que já carimboou ou irá carimbar o passaporte para os próximos JO estará pronto para brilhar. Depois dos 29 atletas portugueses de 1924, volvidos 100 anos, serão seguramente mais os Atletas a representar Portugal.

Até ao fim de outubro, a Equipa Portugal qualificou os seus primeiros 22 atletas, num período de apuramento que só termina a 30 de junho de 2024

Rumo aos JOGOS OLÍMPICOS

O sistema de qualificação olímpica de Paris 2024

O período elegível para a qualificação para os Jogos Olímpicos (JO) de Paris 2024 teve início no dia 24 de junho de 2022 e terminará no dia 30 de junho de 2024, tal como estipulado pelo Comité Olímpico Internacional (COI).

Face à singularidade do intervalo entre os Jogos Olímpicos de Tóquio e de Paris, com três anos de duração, em vez dos habituais quatro, derivado do adiamento da edição de 2020, como consequência da pandemia COVID-19, houve a necessidade de condensar o calendário internacional, com impacto significativo em todos os anos do presente ciclo.

Por todos estes motivos, atletas, treinadores e federações foram forçados a adaptar os princípios da periodização plurianual do treino a estas contingências. Em várias modalidades, registou-se um número mais elevado do que o normal de grandes competições internacionais, por unidade de tempo. A seleção das competições a participar pelos atletas tornou-se mais relevante do que nunca, de forma a apontar para os momentos mais importantes no que à qualificação olímpica diz respeito.

Segundo números do COI, apesar de estarem inicialmente previstos 11 090 atletas nos JO de Tóquio, acabaram por participar um 11 420. Para Paris 2024 está prevista a participação de apenas 10 500 atletas. Caso se confirme este número, trata-se de uma redução de 8,1%, justificada por motivos de sustentabilidade, fazendo desta edição aquela que apresenta um menor número de atletas desde Atlanta 1996.

Com 329 eventos de medalha em Paris, contra os 339 de Tóquio, uma redução de apenas 2,9%, o corte no número de atletas é conseguido sobretudo em detrimento das quotas em cada um dos eventos. Ou seja, o sistema de qualificação para Paris tornou-se o mais restritivo de sempre, com apenas 31,9 atletas por evento, em comparação com os 34,4 de Tóquio 2020 e, por exemplo, os 38,1 de Atlanta 1996.

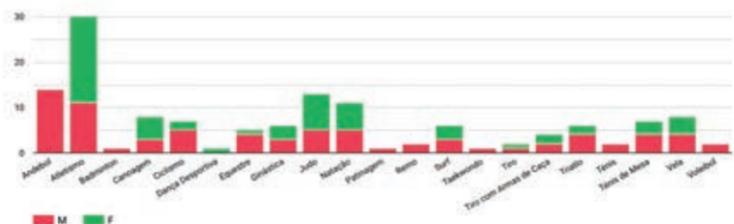
Estes números, em conjunto com a crescente globalização do alto rendimento desportivo, reforçam a ideia de que, cada vez mais, aos JO tem acesso apenas a mais restrita das elites, em cada disciplina. A média de atletas e eventos por país em Paris 2024 será, seguramente, mais baixa do que nas edições anteriores. A manutenção do número de atletas neste contexto já será uma boa primeira conquista para qualquer país.

Programa de Preparação Olímpica e Projeto Paris 2024

Tal como estipulado no Contrato-Programa de Desenvolvimento Desportivo nº CP/0699/DDF/2022, o Programa de Preparação Olímpica (PPO) em vigor compreende dois projetos:

- Projeto Paris 2024, com o objetivo de apoiar atletas com evidente potencial de participação na próxima edição dos JO.
- Projeto de Esperanças Olímpicas, com o objetivo de apoiar jovens atletas com indicadores que permitam prever uma participação em futuras edições, em particular, em Los Angeles 2028 e/ou Brisbane 2032.

No dia 31 de outubro de 2023, estavam integrados no Projeto Paris 2024 um total de 135 atletas, em 21 modalidades, enquadrados por 71 treinadores. O gráfico abaixo ilustra a representatividade de cada uma das Federações:



Distribuição dos atletas integrados no Projeto Paris 2024, no dia 31 de outubro de 2023

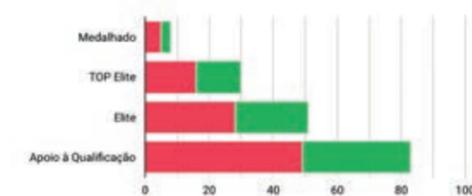
As atletas do setor feminino apoiadas representam 43,8% deste número. Contudo, se apenas considerarmos os atletas de modalidades individuais, este valor sobe para 48,8%, o que representa um valor muito significativo face ao objetivo de representatividade equitativa entre géneros.

A distribuição dos atletas em função dos seus níveis atuais de integração é a seguinte:

- 5,2% encontram-se no nível Medalhado (objetivo de obtenção de posição de pódio nos JO).
- 13,3% no nível Top Elite (objetivo de obtenção de diploma, Top 8, nos JO)
- 34,8% no nível Elite (objetivo de Top 16 nos JO)
- 46,7% no nível Apoio à Qualificação (objetivo de qualificação para os JO, não tendo apresentado indicadores evidentes para objetivo dentro do Top 16)

O gráfico seguinte revela a distribuição por géneros dentro de cada um dos níveis.

Integrações por Nível e Género



Eventos com qualificação conquistada

Até ao final do mês de outubro de 2023, Portugal qualificou os seus primeiros 22 atletas, em 26 eventos de 8 modalidades. No quadro das páginas 94 e 95 será possível identificar quais os eventos para os quais já estamos qualificados, no final do mês de outubro, a tipologia das respetivas quotas, os atletas que as conquistaram, quando, onde e com que critério.

Interessará esclarecer que as quotas nominais são atribuídas exclusivamente aos atletas que as conquistaram, enquanto as quotas para o país permitirão a participação de qualquer atleta português elegível. Nestes casos, cabe às Federações a definição dos critérios de seleção para estes lugares.

No que diz respeito ao Atletismo, os critérios internacionais estabelecem que 50% da quota por disciplina será atribuída por via de marca, sendo os restantes 50% por via do ranking. Por este motivo, a confirmação do apuramento dos atletas que obtiveram a marca de qualificação está prevista, pelo COI e World Athletics, para o dia 2 de julho de 2024.

ATLETAS QUALIFICADOS (QUOTA NOMINAL)

ANA CABECINHA

39 anos (29/04/1984)
Modalidade: Atletismo
Evento: 20 Km Marcha
Treinador: Paulo Murta
Clube: Clube Oriental do Pechão
Aguarda confirmação no final do período de qualificação



AURIOL DONGMO

33 anos (3/08/1990)
Modalidade: Atletismo
Evento: Lançamento do Peso
Treinador: Paulo Reis
Clube: Sporting Clube de Portugal
Aguarda confirmação no final do período de qualificação



CAMILA REBELO

20 anos (3/02/2003)
Modalidade: Natação
Evento: 200m Costas
Treinador: Vítor Ferreira
Clube: Associação Louzan Natação



DIOGO RIBEIRO

19 anos (27/10/2004)
Modalidade: Natação
Eventos: 50m Livres, 100m Livres, 100m Mariposa
Treinador: Alberto Silva
Clube: Sport Lisboa e Benfica



FILIPA MARTINS

27 anos (9/01/1996)
Modalidade: Ginástica Artística
Eventos: All-Around, Saltos, Paralelas Assimétricas, Trave e Solo
Treinadores: José Ferreirinha e Joana Carvalho
Clube: Acro Clube da Maia



JOÃO COELHO

24 anos (4/04/1999)
Modalidade: Atletismo
Evento: 400m
Treinador: Vítor Zabumba
Clube: Sporting Clube de Portugal
Aguarda confirmação no final do período de qualificação



JOÃO COSTA

22 anos (6/08/2001)
Modalidade: Natação
Evento: 100m Costas
Treinador: Rui Costa
Clube: Vitória Sport Clube



ISAAC NADER

24 anos (17/08/1999)
Modalidade: Atletismo
Evento: 1.500m
Treinador: Enrique Pascual
Clube: Sport Lisboa e Benfica
Aguarda confirmação no final do período de qualificação



MIGUEL NASCIMENTO

28 anos (19/01/1995)
Modalidade: Natação
Evento: 50m Livres
Treinador: Alberto Silva
Clube: Sport Lisboa e Benfica



TERESA BONVALOT

24 anos (7/10/1999)
Modalidade: Surf
Evento: Shortboard
Treinador: Manuel Gameiro
Clube: Sporting Clube de Portugal





Diogo Ribeiro foi o primeiro atleta a qualificar-se para Paris 2024

QUOTAS CONQUISTADAS PARA O PAÍS

Canoagem - K1 500m Femininos
1 quota conquistada por Teresa Portela

Canoagem - K1 1000m Masculinos
1 quota conquistada por Fernando Pimenta

Canoagem - K2 500m Masculinos
1 quota (2 atletas) conquistada por João Ribeiro e Messias Batista

Ciclismo - Prova de Estrada Masculinos
2 quotas conquistadas por via do Ranking UCI de Nações

Ciclismo - Contrarrelógio Masculinos
1 quota conquistada por via do Ranking UCI de Nações
1 quota conquistada por Nelson Oliveira

Ciclismo - Prova de Estrada Femininos
1 quota conquistada por via do Ranking UCI de Nações

Tiro com Armas de Caça - Trap Feminino
1 quota conquistada por Maria Inês Barros

Vela - 470 Misto
1 quota (2 atletas) conquistada por Diogo Costa e Carolina João

Vela - ILCA 6 Feminino
1 quota conquistada por Vasileia Karachaliou (dependente do processo de naturalização da atleta)

Vela - ILCA 7 Masculino
1 quota conquistada por Eduardo Marques

RESUMO DA QUALIFICAÇÃO (31/10/2023)

MODALIDADES 8
 ATLETAS 22 (12 MASC. - 10 FEM.)
 EVENTOS 26

Evento	Género	Quota	Atletas	Critério	Competição/Ranking	Local	Data	Atletas que obtiveram qualificação	Resultado
ATLETISMO NÚMERO DE ATLETAS: 4 · NÚMERO DE EVENTOS: 4									
Lançamento do Peso	F	Nominal	1	Marca	Meeting da Maia	Maia (POR)	9/7/2023	Auriol Dongmo a)	19.43
1500m	M	Nominal	1	Marca	Diamond League	Silesia (POL)	16/7/2023	Isaac Nader a)	3:31.49
400m	M	Nominal	1	Marca	J. Mundiais Universitários	Chengdu (CHN)	3/8/2023	João Coelho a)	44.79
20Km Marcha	F	Nominal	1	Marca	Campeonato do Mundo	Budapeste (HUN)	20/8/2023	Ana Cabecinha a)	1:28.49
CANOAGEM NÚMERO DE ATLETAS: 4 · NÚMERO DE EVENTOS: 3									
K1 500m	F	País	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Duisburg (GER)	26/8/2023	Teresa Portela	8º
K1 1000m	M	País	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Duisburg (GER)	26/8/2023	Fernando Pimenta	1º
K2 500m	M	País	2	Classificação	Campeonato do Mundo	Duisburg (GER)	27/8/2023	João Ribeiro, Messias Baptista	1º
CICLISMO NÚMERO DE ATLETAS: 3 · NÚMERO DE EVENTOS: 3									
Prova de Estrada	M	País	2	Ranking	Ranking UCI de Nações	-	17/10/2023	João Almeida, Rui Costa, Rúben Guerreiro, Nelson Oliveira, António Morgado, Rui Oliveira, Ivo Oliveira, Lúri Leitão	12º
Contrarrelógio	M	País	1	Ranking	Ranking UCI de Nações	-	17/10/2023		
Contrarrelógio	M	País	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Glasgow (GBR)	11/8/2023	Nelson Oliveira	6º
Prova de Estrada	F	País	1	Ranking	Ranking UCI de Nações	-	17/10/2023	Maria Martins, Beatriz Pereira, Cristiana Valente, Vera Vilaça, Ana Caramelo	45º
GINÁSTICA NÚMERO DE ATLETAS: 1 · NÚMERO DE EVENTOS: 5									
All-Around + 4 aparelhos	F	Nominal	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Antuérpia (BEL)	2/10/2023	Filipa Martins	27º Qual. AA
NATAÇÃO NÚMERO DE ATLETAS: 4 · NÚMERO DE EVENTOS: 6									
50m Livres	M	Nominal	1	Marca	Campeonato Nacional	Funchal (POR)	30/3/2023	Diogo Ribeiro	21.87
200m Costas	F	Nominal	1	Marca	Campeonato Nac. Espanha	Palma Maiorca (ESP)	31/3/2023	Camila Rebelo	2:09.84
100m Livres	M	Nominal	1	Marca	Campeonato Nacional	Funchal (POR)	31/3/2023	Diogo Ribeiro	47.89
100m Mariposa	M	Nominal	1	Marca	Campeonato Nacional	Funchal (POR)	1/4/2023	Diogo Ribeiro	51.45
50m Livres	M	Nominal	1	Marca	Campeonato Nacional	Funchal (POR)	2/4/2023	Miguel Nascimento	21.91
100m Costas	F	Nominal	1	Marca	Campeonato do Mundo	Fukuoka (JPN)	24/7/2023	João Costa	53.71
SURF NÚMERO DE ATLETAS: 1 · NÚMERO DE EVENTOS: 1									
Shortboard	F	Nominal	1	Ranking	World Surf League	-	18/4/2023	Teresa Bonvalot	18º, 8º a 2 p/país
TIRO COM ARMAS DE CAÇA NÚMERO DE ATLETAS: 1									
Trap	F	País	1	Classificação	Campeonato da Europa	Osijek (CRO)	24/9/2023	Maria Inês Barros	1º
VELA NÚMERO DE ATLETAS: 4 · NÚMERO DE EVENTOS: 3									
470	Mx	País	2	Classificação	Campeonato do Mundo	Haia (NED)	16/8/2023	Diogo Costa, Carolina João	10º (7º a 1 p/ país)
ILCA 6	F	País	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Haia (NED)	19/8/2023	Vasileia Karachaliou b)	8º
ILCA 7	M	País	1	Classificação	Campeonato do Mundo	Haia (NED)	19/8/2023	Eduardo Marques	24º (16º a 1 p/ país)

Atletas com qualificação nominal

a) Aguarda confirmação no final do período de qualificação

b) Dependente do processo de naturalização da atleta

A cerca de oito meses do final do processo de qualificação, ainda está por atribuir a grande maioria das quotas para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Prevê-se, por isso, que o número de qualificações de Portugal venha aumentar significativamente nos próximos meses.

Para isso, os nossos atletas deverão passar com distinção nas derradeiras oportunidades de qualificação olímpica, sejam elas por via de classificação, ranking ou marca. No quadro ao lado apresentamos um resumo dos momentos de qualificação direta em cada uma das modalidades integradas no Projeto Olímpico, bem como os respetivos períodos de ranking ou obtenção de marca.



Filipa Martins vai participar nos seus terceiros Jogos Olímpicos

Nos JO de Tóquio 2020, Portugal fez-se representar por 92 atletas, 78 em modalidades individuais e 14 numa modalidade coletiva (Andebol), num total de 66 eventos, de 17 modalidades. No final do mês de junho ser-nos-á possível contabilizar os números finais e, apesar da redução significativa da quota global para esta edição dos JO, verificar se Portugal conseguirá aproximar-se, ou até ultrapassar estes números.

4.ºS JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE INVERNO

Gangwon | República da Coreia

19 de janeiro a 1 de fevereiro 2024

O ano de 2024 é também ano de Jogos Olímpicos da Juventude de inverno. A província de Gangwon, na República da Coreia, recebe a 4.ª edição entre os dias 19 de janeiro e 1 de fevereiro de 2024. A competição multidisciplinar dedicada aos jovens e às modalidades de inverno será disputada em vários locais que serviram de palco para os Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018.

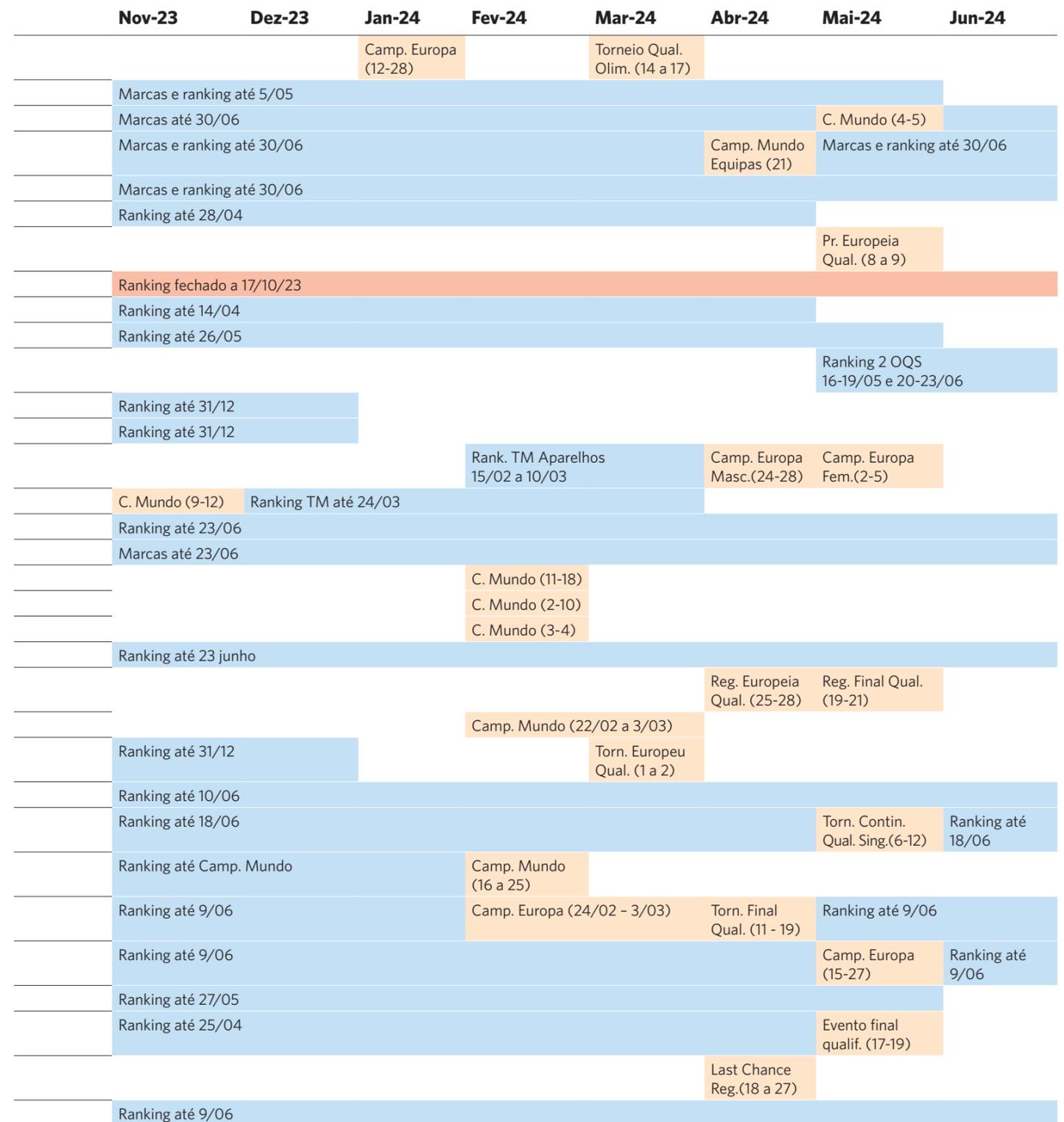
Um número recorde de 1900 jovens atletas discutirão medalhas nas modalidades de Esqui Alpino, Biatlo, Bobsleigh, Esqui de fundo, Curling, Patinagem Artística, Esqui Freestyle, Hóquei no Gelo, Luge, Combinado Nórdico, Patinagem de Velocidade, Skeleton, Saltos de Esqui e Snowboard.

Gangwon 2024 ficará marcada como a primeira edição de uns Jogos Olímpicos da Juventude de Inverno realizada fora da Europa, depois de Innsbruck 2012, Lillehammer 2016 e Lausanne 2020.

CALENDÁRIO DE QUALIFICAÇÃO OLÍMPICA

(nov 23 - jun 24) ATLETAS INTEGRADOS NO PPO

Federação	Disciplina/Evento
Andebol	Masculinos
Atletismo	Maratona
	Estafetas
	Marcha
	Restantes disciplinas
Badminton	Singulares
Canoagem	Velocidade
Ciclismo	Estrada
	Pista
	BTT
Dança Desportiva	Breaking
Equestre	Dressage
	Obstáculos
Ginástica	Artística
	Trampolins
Judo	Todas as categorias
Natação	Nat. Pura - Individual
	Nat. Pura - Estafetas
	Águas Abertas
	Natação Artística
Patinagem	Skateboarding Street
Remo	LM2x
Surf	Shortboard
Taekwondo	Todas as categorias
Ténis	Singulares e Pares
	Equipas
Ténis de Mesa	Singulares
Tiro	Precisão
Tiro Armas Caça	Trap
Triatlo	Individual
	Estafetas Mistas
Vela	Todas as classes
Voleibol	Voleibol de Praia



■ Períodos de qualificação por via de ranking ou marca
 ■ Competições de qualificação direta



Apresentação pública da Assembleia Geral ANOC 2024, junho 2023, Cascais

PORTUGAL RECEBE A ASSEMBLEIA GERAL DA ANOC EM 2024

Cascais e Estoril vão acolher mais de 1000 pessoas, de 206 Comitês Olímpicos Nacionais, naquela que é considerada a “maior reunião do desporto em todo o mundo”

Foi em março de 2023 que a Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais (ANOC) atribuiu a Portugal a organização da sua Assembleia Geral para o ano de 2024. Para além da reunião magna, realizada anualmente, o evento vai também contar com a atribuição dos Prémios ANOC. O Centro de Congressos do Estoril será um dos palcos principais do evento que contará também na agenda com sessões temáticas e reuniões executivas.

Agendada para os dias 28 de outubro a 01 de novembro de 2024, a iniciativa é considerada por Gunilla Lindberg, Secretária-Geral da ANOC, como “a maior reunião do desporto em todo o mundo” e foi atribuída a Portugal e a Cascais por ser o “lugar perfeito pela localização, instalações e capacidade de organizar eventos”.

Depois de acolher a sessão do Comité Olímpico Internacional em 1926 e a Assembleia Geral dos Comitês Olímpicos Europeus em 2009, Portugal recebe agora aquele que foi considerado por José Manuel Constantino, Presidente do Comité Olímpico de

Portugal (COP), como “seguramente o maior evento de natureza desportiva que Portugal jamais organizou”. Apesar da “enorme responsabilidade” que será organizar este evento pelas características particulares das pessoas que se deslocarão a Cascais no próximo ano, José Manuel Constantino revela “expectativa e confiança na capacidade que temos de organizar estes eventos com os nossos parceiros”. Recorde-se que a candidatura foi apresentada pelo COP, com o apoio do Turismo de Cascais e do Turismo de Portugal.

A ANOC é a organização responsável por proteger os interesses dos 206 Comitês Olímpicos representados no Comité Olímpico Internacional, apoiando igualmente a sua missão de promover os Valores Olímpicos em todo o mundo. Fundada em 1979, a ANOC realiza anualmente a Assembleia Geral, que reúne um milhar de representantes dos Comitês Olímpicos Nacionais, membros do Comité Olímpico Internacional, das Federações Internacionais e demais parceiros do Movimento Olímpico.



PATROCINADOR DA EQUIPA PORTUGAL

APP EQUIPA PORTUGAL

Junte-se a nós no apoio aos atletas da Equipa Portugal



INSTALE A APP EQUIPA PORTUGAL



comiteolimpicoportugal.pt



O CORAÇÃO DOS PARCEIROS OLÍMPICOS A BATER PELA EQUIPA PORTUGAL PARIS 2024

